UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
ÁREA DE LÍNGUA HEBRAICA, LITERATURA E CULTURA JUDAICAS

RICARDO VAIDERGORN

**APROXIMAÇÕES DE *DANGLING MAN* (UM HOMEM
INVOLUNTARIAMENTE INOPORTUNO) DE SAUL BELLOW:
LITERATURA, FILOSOFIA, HISTÓRIA E JUDAÍSMO**

São Paulo

2009

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
ÁREA DE LÍNGUA HEBRAICA, LITERATURA E CULTURA JUDAICAS

**APROXIMAÇÕES DE *DANGLING MAN (UM HOMEM
INVOLUNTARIAMENTE INOPORTUNO)* DE SAUL BELLOW:
LITERATURA, FILOSOFIA, HISTÓRIA E JUDAÍSMO**

Ricardo Vaidergorn

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Francisca Topel

São Paulo

2009

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora e professora Marta Francisca Topel por toda dedicação, persistência e paciência nos momentos mais delicados.

À professora Berta Waldman pela leitura atenta, apoio, sugestões e estímulos em toda a trajetória deste mestrado.

À professora Nancy Rozenchan que me acolheu, ouviu e colaborou com material bibliográfico para a realização deste trabalho.

À Suzana Chwartz, professora e coordenadora da área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas por toda a ajuda prestada.

Ao professor Moacir Amâncio pelas sugestões e avaliações na banca do meu Exame de Qualificação.

À toda a família Mroz, em especial ao Marcelo, grande amigo.

Ao amigo e Rabino David Weitman, das horas difíceis.

Ao pessoal da Hebraica de São Paulo, em nome dos presidentes Sansão Woiler, Hélio Bobrow, e do diretor José Luís Goldfarb pelo apoio e oportunidade de utilização da Biblioteca do clube.

Ao Bernardo e ao Julinho da Revista A Hebraica, pela publicação de meus artigos.

À Claudia Andréa Prata Ferreira, professora. e Chefe do Departamento de Letras Orientais e Eslavas da UFRJ, pela acolhida cordial e franca interlocução no Encontro de Letras Orientais no Rio de Janeiro.

Ao Nelson Pacheco Sirotsky, presidente do Grupo RBS, ao jornalista Gabriel Brust e ao jornal Zero Hora de Porto Alegre pela abertura de portas, divulgação, entrevista e comentários sobre a minha participação no Seminário de Estudos Judaicos do Instituto Marc Chagall. E às coordenadoras do evento as professoras Ieda Gutfreind e Bina Maltz.

À Glória pela presença persistente, carinhosa, exemplar e ajuda silenciosa em todos os momentos.

RESUMO

A pesquisa sintetiza as diversas linguagens promovidas por Saul Bellow, escritor judeu norte-americano, Prêmio Nobel de Literatura (1976) em seu primeiro romance, *Dangling Man*. A narrativa é redigida em forma de diário, onde Joseph, o herói, reinterpreta o seu cotidiano em Chicago, enquanto aguarda o desenlace burocrático relativo ao seu engajamento militar. O momento histórico da Segunda Grande Guerra transparece como cenário de fundo e permeia o clima dos relatos de Joseph. A abordagem proposta incursiona no panorama da crítica norte-americana a partir do lançamento do romance em 1944 até o presente, esmiuçando o que veio a se constituir uma nova perspectiva literária e um novo movimento de vanguarda intelectual. Finalmente, o trabalho reflete sobre as diferentes manifestações do judaico ao longo do romance de Bellow.

Palavras-chave: Literatura norte-americana, Literatura judaica, Saul Bellow, Judaísmo, Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

The research synthesizes the different language styles promoted by Saul Bellow, the American Jewish writer and winner of the Nobel Prize (1976) in his first novel, *Dangling Man*. The narrative is written in a daily record form, where Joseph, the hero, interprets his daily life in Chicago, while awaiting the outcome of the long bureaucratic process of his enrollment in the army. The historical moment of the II World War appears as the back scenario, imprinting an atmosphere of suspense in Joseph's reports. The research analyses the extensive gamut of American Literary criticism, from the very moment of the publication of the novel in 1944 until nowadays, trying to illuminate what has become a new literary perspective and vanguard trend. Finally, the exposition reflects on the different manifestation of Judaism throughout Bellow's novel.

Key Words: American Literature, Jewish Literature, Saul Bellow, Judaism, II World War.

ÍNDICE

RESUMO	4
PALAVRAS-CHAVE	4
ABSTRACT	5
KEY WORDS	5
1. INTRODUÇÃO	12
1. 1. CONSIDERAÇÕES GERAIS	12
1. 2. A AMPLITUDE INCORPORADORA DA ESTRUTURA NARRATIVA DE <i>DANGLING MAN</i>	15
1. 3. CRÍTICA ÀS TRADUÇÕES BRASILEIRA E PORTUGUESA	18
1. 3. 1. <i>Justificativas pela adoção da versão original</i>	19
1. 4. CONVENÇÕES ADOTADAS	21
2. UMA VISÃO DE MUNDO HUMANISTA OU A CONSCIÊNCIA DOS LIMITES DA MORTALIDADE	23
2. 1. <i>DANGLING MAN</i> E O MOMENTO HISTÓRICO DOS ANOS 1940	23
2. 2. ANTES DE <i>DANGLING MAN</i>	24
2. 3. DO CAOS ‘BABELIANO’ A UMA NOVA POSTURA LITERÁRIA	25
2. 4. A DESCONSTRUÇÃO DO LEGADO LITERÁRIO EUROPEU	27
2. 5. ENTRE A HERANÇA HUMANISTA DE BELLOW E OS REVEZES DA HISTÓRIA	29
2. 5. 1. <i>O controvertido legado de Nietzsche e onde este compara “o judeu ao santo, ao fidalgo e ao bandido”</i>	30
2. 6. DA ÉTICA DA <i>BÍBLIA HEBRAICA</i> , AOS VESTÍGIOS DA LÓGICA DA POLIS DA CULTURA DA CLÁSSICA	33
2. 6. 1. <i>O legado de Platão</i>	34
2. 7. DO LEGADO DE GOETHE, SHAKESPEARE, DOSTOIÉVSKI AO VIÉS PSICANALÍTICO	37
2. 8. O LEGADO HUMANISTA DAS FONTES DE VIDA: ENTRE ATENAS E JERUSALÉM	39
2. 8. 1. <i>Do despertar “ofuscante” do personagem de Platão ao “abrir dos olhos” do primeiro casal em Gênesis [1:17; 3:5-7 e 3:21-22]</i>	39

2. 9. O LEGADO DE SÓCRATES E A QUESTÃO DA CONSCIÊNCIA DA MORTE.....	43
3. A INDIGNAÇÃO DO PROTAGONISTA EM TEMPO DE NAZISMO	47
3. 1. CRÍTICA À CONVIVÊNCIA DO SENSO COMUM.....	47
3. 1. 1. <i>Falsa solidariedade e olhares temerosos</i>	47
3. 2. UM ABSURDO DIÁLOGO ENTRE O ‘VELHO’ E O ‘NOVO’ EU.....	50
3. 2. 1. <i>Dos apoios ilusórios do passado às magoadas incertezas</i>	50
3. 2. 2. <i>Joseph inconformado</i>	53
3. 3. DO “NÃO MATARÁS” AO VIÉS PSICANALÍTICO	54
3. 3. 1. <i>O protagonista e o legado do “homem primevo” de Freud</i>	55
3. 3. 2. <i>“Quem pode ser um caçador de si mesmo quando está constrangido”?</i>	57
3. 4. DO ‘EU’ QUE DEPENDE DO OUTRO DE ARISTÓTELES AO “HOMEM INTEGRAL” DE NIETZSCHE, LIVRE DOS APOIOS HABITUAIS E ALMEJADO POR JOSEPH.....	59
3. 5. O ‘EU’ INDIFERENTE E HOSTILIZADO DE KAFKA	61
3. 6. O “CAOS” DE NIETZSCHE AO INÉDITO	63
3. 6. 1. <i>Rompendo o círculo piedoso de reações ancestrais</i>	63
3. 7. A ‘ESCOLA DE SOCIOLOGIA DE CHICAGO’ E A TOLERÂNCIA INTERÉTNICA.....	66
3. 7. 1. <i>Da Europa das restrições sectárias de Max Weber aos inauditos apelos por cidadania e modernidade de Georg Simmel</i>	66
3. 7. 2. <i>Dos ecos do passado em The Ghetto de Louis Wirth à flexibilidade institucional de Ezra Park na América</i>	66
4. UMA VISÃO DE MUNDO ANTROPOLÓGICA OU UM OLHAR ESTRANGEIRO.....	71
4. 1. A CONSCIÊNCIA DO SENSÍVEL, PROVA DE IDENTIDADE OU DE RESISTÊNCIA	72
4. 1. 1. <i>O inverno</i>	72
4. 2. ALGUNS FATOS PICARESCOS SOBRE A FICÇÃO AUTOBIOGRÁFICA DE BELLOW	74
4. 3. REFERÊNCIAS A KAFKA.....	76
4. 3. 1. <i>Sobrenomes ocultos, personagens desenraizados</i>	76
4. 3. 2. <i>Manifestações do judaico</i>	78
4. 4. DO LEGADO DE SÓFOCLES	80
4. 4. 1. <i>De Édipo Rei à fenomenologia da autoconsciência</i>	80
5. A “PATERNIDADE NEGATIVA” DO ENTÃO CONSAGRADO	

HEMINGWAY	84
5. 1. O PRIMEIRO ROMANCE DE UM (FUTURO) NOBEL	85
5. 1. 1. <i>Joseph ironiza o “código do atleta” do herói do já consagrado Hemingway.....</i>	85
5. 1. 2. <i>O herói “do código” de Hemingway trata o amigo R. Cohn por “mais um judeu sóbrio e chato”.....</i>	85
5. 2. A PRIMEIRA PÁGINA DO ROMANCE	89
5. 3. JOSEPH E A INSENSIBILIDADE DE BARNARDINE DE MEDIDA POR MEDIDA DE SHAKESPEARE	91
5. 4. JOSEPH E OS HERÓIS POR ACIDENTE.....	92
5. 4. 1. <i>Dos intrusos de Chaplin aos ‘outsiders’ de Woody Allen</i>	92
5. 5. <i>DM E A ÂNSIA EM APAGAR O ESTIGMA DE ‘JOVEM DE FUTURO’</i>	93
6.. COMPLEXOS, ARQUÉTIPOS E SÍMBOLOS A JORRAR DA METRÓPOLE DE BELLOW	95
6. 1. A MILENAR INQUIETAÇÃO DE BELLOW A QUINTANA	95
6. 2. OS ‘INVOLUNTARIAMENTE INOPORTUNOS’ DE DOSTOIÉVSKI, DIDEROT E SHAKESPEARE	97
6. 2. 1. <i>Alf Steidler o amigo de Joseph e Lui o outsider de Diderot.....</i>	97
6. 3. GRANDES FIGURAS DA HISTÓRIA: DE CAIM A JOSEPH	102
6. 3. 1. <i>Um “barril de livros pronto a explodir”</i>	102
6. 3. 2. <i>Dilemas de um passado desconhecido</i>	104
6. 4. O ABORRECIMENTO DE LEAR DE SHAKESPEARE	106
6. 5. DO SUBSOLO DE DOSTOIÉVSKI AO GRITO DE JOSEPH	109
6. 6. K. DE KAFKA E JOSEPH DE DM.....	110
6. 6. 1. <i>A herança hipertrofiada do não pensar.....</i>	110
7. O LEGADO PRÉ-ABRÂMICO	112
7. 1. ARQUÉTIPOS CONFLITANTES E INSTINTOS ‘EDÊNICOS’	112
7. 1. 1. <i>Da primeira mulher à primeira musa: De Eva a Iva.....</i>	112
7. 1. 2. <i>Manifestações do edênico ou das imperfeições humanas.....</i>	114
7. 2. ENTRE OS ARQUÉTIPOS EDÊNICOS E PÓS-ABRÂMICOS	115
7. 2. 1. <i>A manifestação da tradição do ‘voltar atrás’ de Abrão.....</i>	115
7. 3. O VIÉS HUMANISTA DE JOSEPH CONRAD DE O NEGRO DO NARCISO.....	117
7. 3. 1. <i>Joseph Conrad, mais um alter ego oculto em Joseph de DM.....</i>	117

7. 4. ENTRE A NATUREZA SELVAGEM E A REPRESSÃO DA RAZÃO	120
7. 4. 1. Da “geração perdida” de Hemingway às “transações interiores” de Joseph.....	120
7. 4. 2. Questões de razão e desumanidade do século XX.....	121
7. 5. BELLOW E O ‘TRANSCENDENTALISMO NORTE-AMERICANO’.....	123
7. 5. 1. O resgate da fé na ruptura com a Europa, um exemplo então gerador do nazismo.....	123
7. 5. 2. Um fato ‘transcendental’: “15 de dezembro de 1942” na primeira linha de DM.....	123
7. 5. 3. O colonialismo europeu é desconstruído e ironizado em DM.....	124
7. 5. 4. De Montaigne aos rompimentos umbilicais e piedosos de Joseph.....	126
7. 5. 5. Joseph acredita nos exemplos da história além do viés piedoso.....	127
7. 6. O PRAGMATISMO OU A FRIEZA INTELECTUAL DO ‘BRILHANTE’ ABT, O EX- COMPANHEIRO DE QUARTO NA FACULDADE.....	129
7. 6. 1. Crítica ao legado ideológico e europeu de Abt: Dos espelhos ancestrais a Hitler e Stalin, das formas amorais ou ambiciosas às emoções endurecidas ou congeladas.....	129
7. 6. 2. O jovem Morris Abt crê ser um novo e por ironia, também vaidoso John Locke.....	129
8. A HERANÇA DE BELLOW	132
8. 1. OS PENSADORES DO PASSADO, A SHOÁ E A QUESTÃO DA CREDULIDADE	132
8. 2. JOSEPH ANALISA A PARTIR DE GOETHE E ANCESTRAIS: DE WERTHER A BOVARY E AO SUICIDA DE OS MORTOS DE JOYCE.....	134
8. 3. O LEGADO DAS ‘FORMAS’: DE GOETHE A FREUD E BELLOW.....	135
8. 3. 1. Do humanismo europeu à questão da “cidadania em alguns países” segundo Joseph em DM.....	138
8. 4. DM OU UM HOMEM INVOLUNTARIAMENTE INOPORTUNO: UM RESGATE ÉTICO-ECUMÊNICO E HUMANISTA DAS “FORMAS GERMINAIS” NAS MESMAS FONTES JUDAICO-UNIVERSAIS.....	143
8. 4. 1. Goethe flameja na obra anterior ao seu ‘Fausto vendendo-se ao demônio, a terrível e demoníaca expressão: “Papel de judeu, de ministro e sobretudo o de malfetor” ¹⁴ , após ter abrasado, em mesmo tom pejorativo, uma referência aos ciganos.....	144
9. BARGANHAS COM O MALIGNO: DE MEFISTO AO ESPÍRITO DAS ALTERNATIVAS.....	147
9. 1. TEORIAS DE UM MUNDO COMPLETAMENTE BOM, ALIÁS, TAMBÉM MAU.....	147
9. 1. 1 Em busca de uma impressão verdadeira	147
9. 1. 2. O mundo bem vestido e barbeado dos anos 1930	147

9. 2. DE THOMAS HOOBES.....	150
9. 2. 1. <i>A questão da “vileza, da crueldade e da baixeza”</i>	150
9. 2. 2. <i>Infância revisitada: Pai de colega diz sobre Joseph em alemão, “Meísto também era bonito!”</i>	150
9. 2. 3. <i>Joseph dialoga com o Espírito das Alternativas</i>	152
9. 2. 2. <i>A solidão, o ‘Silêncio do Eterno’ e a persuasão à imagem e semelhança da crença na Eterna perfeição</i>	152
9. 3. O ESPÍRITO DAS ALTERNATIVAS: UM ALTER EGO DO AUTOR	153
9. 3. 1. <i>De Aristóteles</i>	153
9. 3. 2. <i>De Espinosa à personalização do ‘Eu’ e à vontade imaginada</i>	156
9. 3. 3. <i>Do viés humano ao errático, factível e mortal</i>	157
9. 4. DE ESPINOSA À INCOMPLETUDE DO MAL OU À QUESTÃO DA VISÃO DE MUNDO SEMPRE PARCIAL	158
9. 4. 1. <i>O judaico em Espinosa: “Nem o 1º Homem guiou-se pela razão”</i>	158
9. 4. 2. <i>Joseph ironiza o “submisso consoante ao seu próprio desejo”</i>	159
9. 5. BELLOW JAMAIS PERDOOU STALIN	160
9. 5. 2. <i>Joseph e a mecanicidade ideológica do ex-camarada, o comunista Burns</i>	160
9. 5.3. <i>Bellow, o assassinato de Trotsky e o antissemitismo do ditador russo</i>	161
9. 5. 4. <i>Joseph cita o “tipo traidor por natureza”</i>	162
9. 6. O MALIGNO NOS PERSONAGENS SECUNDÁRIOS DE <i>DM</i>	164
9. 6. 1. <i>A pregadora adoentada do Christian Science que oferece salvação na rua</i>	164
9. 6. 2. <i>Etta, a sobrinha adolescente, apanha do “tio-intelectual”</i>	164
9. 6. 3. <i>O Sr. Vanaker, pobre “criatura irritante”: Alusão aos personagens vulgares e despojados de Schiler</i>	165
9. 6. 4. <i>O rico irmão Amós, Joseph e “o triunfo sobre o rival”</i>	166
9. 6. 5. <i>Joseph e os “Napoleões: Que não precisam estar conscientes do mundo ao seu redor”</i>	167
9. 7. ESPINOSA ENFATIZA OS SENTIMENTOS DE TEMOR E ESPERANÇA.....	170
9. 7. 1. <i>De Espinosa ao combate às emoções e à perspectiva dos sentimentos inescapáveis</i>	170
9. 7. 2. <i>Joseph e a manipulação da alma alienada de si mesma</i>	171
9. 8. O JUDAICO A PARTIR DE ESPINOSA	172
9. 8. 1. <i>“Razão e paixões” são indissociáveis desde o primeiro homem</i>	172
10. CONCLUSÃO	173

10. 1. DO JUDAICO: PELA VIDA OU PELO INÉDITO	173
10. 1. 1. <i>Do arquétipo da primogenitura usurpada por Jacob ao reivindicado “Sentido de Destino Pessoal” por Joseph, apesar da “avidez”</i>	173
10. 1. 2. <i>Espelhando a morte: A foto amarelada do avô</i>	175
10. 2. DAQUELES QUE ANTECEDERAM AO AFÃ PELA COMPREENSÃO DO INESCAPÁVEL	176
10. 2. 1. <i>Dos dois amores de sempre à imprescindível dimensão que falta ser amada</i>	176
10. 2. 2. <i>A descoberta da verdadeira aventura</i>	178
BIBLIOGRAFIA	180

APROXIMAÇÕES DE *DANGLING MAN* (UM HOMEM INVOLUNTARIAMENTE INOPORTUNO) DE SAUL BELLOW: LITERATURA, FILOSOFIA, HISTÓRIA E JUDAÍSMO

1. INTRODUÇÃO

1. 1. Considerações gerais

Dangling Man [1944] é o primeiro romance do escritor norte-americano Saul Bellow [1915-2005]. O autor nasceu em Lachine, Quebec, Canadá, nos arredores de Montreal. Era filho de judeus russos. Aos nove anos, mudou-se com a família para Chicago, que viria a ser cenário de grande parte de seus livros. Estudou Antropologia e Sociologia. Recebeu alguns dos prêmios literários mais importantes, tanto americanos (Pulitzer, National Book Award), como internacionais (International Literary Prize), culminando na atribuição do Prêmio Nobel de Literatura, em 1976. Da primeira obra seguiu-se *A Vítima* [1947] e *As Aventuras de Augie March* [1953], que o tornaria famoso. Além de romances, como *Henderson*, *o Rei da Chuva* [1959], *Herzog* [1964], *A Mágoa Mata Mais* [1987] e *Ravelstein* [2000] entre outros. Escreveu também teatro (*The Last Analysis*, *Under the Weather*) e vários volumes de contos como; *Mosby's Memoirs* [1968], *Him with His Foot His Mouth and Other Stories* [ou *Trocando os Pés pelas Mãos*, 1984], *Something to Remember Me By: Three Tales* [1991] e *Collected Stories* [2001], de onde, também, foi extraído o conto *Looking for Mr. Green* publicado pela primeira vez na revista *Commentary* [Mar. 1951].

Hoje, após a releitura de suas obras completas, *Dangling Man*, antes tido por um 'livro fácil' ou 'de um jovem autor iniciante', agora ressurgiu revelador de uma “*metafísica literária*”¹ enquanto essência causal preciosa². Todos os

¹ “*Metafísica literária*” é metáfora citada em: STENDHAL (pseudônimo de Henry Beyle), *Correspondance* Tomo I, p. 36, Paris, 31 de dezembro de 1800.: <http://fr.wikisource.org/wiki/Stendhal_-_Correspondance_-_Tome_I>. Acesso em 10 ago de 2009.

² Brigitte Diaz diz que a expressão (ou metáfora) “*Metafísica Literária*” representou: “*A investida inicial do jovem poeta (Stendhal) que em 1800, pulsava pela juventude a eferescência de si mesmo em gênese literária a forçar uma negociação fantástica na correspondência com sua irmã Pauline*”. Tal “*impulso de juventude*” também se

romances seguintes do autor têm algo a partir de *Dangling Man*. Somente hoje, é possível identificar a contextualização de muitos parágrafos desse primeiro romance, na perspectiva literária do autor. Contenda esta, todavia, sempre reveladora de novas formas com implicações sucessivamente inéditas e surpreendentes.

A obra de Bellow reúne mais de 38 trabalhos entre contos, romances além de inúmeros ensaios de não ficção. Consta que já foram produzidos mais de 30 volumes sobre a sua vida literária, além de mais de 1500 artigos e ensaios³. As suas ideias ainda exercem grande fascínio nas vanguardas intelectuais do mundo inteiro.

Em fins dos anos 1930, a perspectiva histórica de tal legado ocidental já estava, subitamente, interrompida. Hoje *Dangling Man* é obra reconhecida como obra-testemunho, de antes do trauma psicológico do Holocausto e do desespero em relação à violência histórica. Para se ter uma ideia, hoje, é quase impensável saber como era a vida antes daquele período. Vale notar que Bellow que não se deixou levar por reações automáticas no pós-guerra.

Após a vitória aliada, ele não saiu na caça às bruxas ou aos “*colaboracionistas*” do regime de Hitler. Referências ao nazismo aparecem em sua obra, apenas, em 1967, em *O Planeta do Sr. Sammler*. Não há nada, nenhuma reação impensada ou raivosa, nem no seu segundo romance; *A Vítima* [1947], nem em *As Aventuras de Augie March* [1953]. Em outras palavras, Bellow sempre teve um discernimento sobre as consequências e inconsequências de reações vingativas. Ou de que tais reações poderiam servir de pretexto para a ascensão de novos regimes ditatoriais, talvez piores

aplica à “*gênese literária*” do ‘jovem’ Bellow em relação a *Dangling Man*. A citação está no programa do curso de Brigitte: “L’atelier épistolaire: Dispositifs génétiques dans la correspondance de Stendhal”, de 7-abril-2007, “Séminaire de l’ITEM: Genèse et correspondance”, Université de Paris III (La nouvelle Sorbonne).: <<http://www.diffusion.ens.fr/index.php?res=conf&idconf=1646>>. Acesso em 20 jul de 2009.

³ Cf. CRONIN, Gloria L. An Introduction to Saul Bellow. Brigham Young University, 2002 In _____. Saul Bellow Society and Journal – Home Page. Disponível em <<http://www.saulbellow.org>> (seção: Bellow’s Life & Works). Acesso em 18 nov de 2003.

que o de Hitler. Talvez Bellow tenha sido o único autor, de sua época, a preservar o pensamento dos movimentos humanistas do momento histórico anterior ao nazismo. Enquanto o mundo sucumbia aos horrores da história, hoje, sem dúvida, podemos dizer que ele preservou o humanismo que os adeptos de Hitler derrotaram nos anos 1940. Entretanto, como prêmio por ter sobrevivido imune ao ódio e à sede de vingança do pós-guerra, ele pode desfrutar como poucos, o tesouro do humanismo por ele secretamente preservado.

Enquanto as majorias vangloriavam-se da vitória, o jovem Bellow mantinha-se em relação a perspectiva humanista e civilizada. Em *Dangling Man*, o seu protagonista tem pesadelos, mas, não abdica dos ideais humanistas. Apesar da atmosfera do seu mundo fragmentado pela guerra ele crê no caráter humanista e universal da civilização.

Ao mesmo tempo em que Bellow não oculta a ânsia de fome de comunidade do seu protagonista solitário, o mesmo realiza seus relatos consigo mesmo. Ele se mantém em oposição ao silêncio relativo às reações endurecidas e desrazoadas que observa no seu mundo em guerra. Mundo este em vias de sucumbir aos padrões ideais ditados pelo viés mecanicista, alienante e manipulado pelas instituições modernas.

Dangling Man é redigido em forma de diário do protagonista Joseph ou José, que está prestes a ser engajado no exército para combater na IIª Grande Guerra. Ele reconhece o amargor dos reveses da história numa visão de mundo ao mesmo tempo transcendental, irônica, plena em sutileza, humor e obstinação. O protagonista flui entre vislumbres e reflexões que contextualiza e, por vezes, cita romancistas, filósofos e pensadores da Antiguidade de Atenas ou de Jerusalém, da Renascença, do Iluminismo e da modernidade ocidental.

A obra de Bellow representa um novo ponto de vista literário norte-americano, judaico e de caráter universal. É considerada pelos estudiosos como testemunho literário de um momento de transição da história em que se inclui o judaísmo contemporâneo. Momento este, caracterizado pela transferência para a América do legado cultural europeu e judaico de língua ídiche, em simultaneidade com o de romancistas, filósofos e pensadores

europeus da Antiguidade, da Renascença, do Iluminismo e da modernidade.

A perspectiva abordada revela o processo de ‘americanização’ desse legado, de ruptura com antigos gêneros literários pelo surgimento de algo inédito. Tal movimento não ficou restrito à literatura que emigrou da Europa para a América. Foi além da forma. Bellow priorizava o repensar daquele momento único em que mais da metade da população daquela metrópole era de imigrantes. Ele revelou uma visão humanista através de formas literárias de caráter universal apesar do seu mundo dividido pela guerra.

A essência desta reflexão está na observação do rompimento de vínculos, das dependências e modelos culturais do passado. *Dangling Man* aparece como uma nova construção narrativa. Representa um parto de uma recém nascida forma de expressão com maior vigor e amplitude estrutural. Revela uma capacidade de absorção sem precedentes, de incorporação e de naturalização de quaisquer elementos estrangeiros. Resulta numa cultura literária que atingiu o ápice da individualidade e ao mesmo tempo o supra-sumo da profundidade pela consciência intelectual, tão sutil quanto elaborada e tão engajada quanto universal.

1. 2. A amplitude incorporadora da estrutura narrativa de *Dangling Man*

Esta abordagem parte do vasto campo de elementos da cultura e literatura judaica, americana e europeia incorporados por Bellow no processo de composição da sua narrativa. Apresenta o panorama da crítica literária norte-americana de 1944 até presente, e sintetiza as influências de incorporação de linguagens promovidas pelo autor através do ambiente multicultural da metrópole americana.

Neste trabalho são levantados relatos de um grande número de intelectuais que consideram *Dangling Man*. a origem do que veio a se constituir um novo jargão. Ou seja, *Dangling Man* incorpora desde elementos da psicanálise na literatura a pensamentos de filósofos, juntamente com posturas remanescentes de tradições, claramente, judaicas, além de Shakespeare, etc. Ele desperta a vanguarda intelectual e contemporânea para uma nova linguagem, uma espécie de um ‘novo ídiche’ anglo-saxão. Trata-se de algo novo, uma linguagem mais tolerante. Se antes o *Rei Lear* de

Shakespeare eras exaltado apenas como um símbolo da Inglaterra, em *Dangling Man* o personagem judeu Joseph recita Lear sob um viés tipicamente judaico, como se verá aqui, em capítulos posteriores. Dada à importância do contexto cultural norte-americano, este novo 'jargão' ou nova gíria de época, não pode ser desprezada.

Na fase de elaboração foram relacionados alguns elementos essenciais do processo de composição desta 'nova linguagem', que incorpora um vasto arsenal bibliográfico que serve de referência aos capítulos seguintes. A base desta reflexão está na observação do rompimento de vínculos e dependências, bem como na geração e no parto de uma recém nascida forma de expressão. Tal forma revelou-se com enorme vigor e admirável amplitude estrutural. Fato que permitiu maior capacidade de absorção, incorporação e naturalização de quaisquer elementos estrangeiros. Esse fenômeno gerou uma forma literária que, no pós-guerra, pode atingir o ápice da individualidade⁴ e ao mesmo tempo o supra-sumo da profundidade pela consciência intelectual. Consciência esta, tão sutil quanto elaborada, tão engajada quanto universal.

A importância da obra do autor na formação de uma mentalidade, pela preservação dos ideais universais, não pode ser desprezada. Personagens da história universal aparecem em *Dangling Man*. Eles estampam a marca do lado oculto, factível, mortal e perigoso do ser humano: Alexandres e

⁴ O termo — *individualidade* — é relativo a vários fatores. Se até então, nos anos 1930-40 o isolamento do indivíduo de sua família, de seu meio era tido, naquele universo como algo socialmente negativo, o jovem Bellow observa por um viés positivo. O crescimento do *indivíduo* pela psicanálise (então, uma novidade) é estimulado pelo autor, mas através da literatura, O biógrafo James Atlas documenta que os livros de Freud estiveram desde cedo na cabeceira de Bellow. A questão do isolamento, da condição do estrangeiro, *tudo* o que, até aquele momento era tido negativamente, Bellow redescobria sob um outro olhar e *desconstruía* até que um grande número de acadêmicos passaram a adotar o viés do tipo solitário, do subjetivismo analítico como modo de vida, como objetivo de vida. Esse fato ajudou a endossar uma liberdade de costumes a culturas ainda não muito integradas no meio anglo-americano. Tais culturas puderam ser aceitas antes de obrigadas à completa assimilação como ocorreu em outros países. Esse fato elevou a metrópole norte-americana em nome da democracia, em oposição à metrópole europeia, então, avassalada por ideologias totalitárias ou pela xenofobia que culminou com o Holocausto nazista.

Napoleões, personagens de Shakespeare: o Rei Lear, Hamlet, o Rei João, personagens de Dostoiévski e que, agora, são partes desconstruídas dos personagens de Bellow.

A perspectiva iniciada com *Dangling Man* inclui relatos levantados a partir da análise comparada entre releituras da obra por um grande número de intelectuais e acadêmicos de língua inglesa. Fato curioso é a disseminação do jargão utilizado no meio frequentado pelo jovem Bellow em sua Chicago. Tal nova linguagem, empregada em *Dangling Man*, não apenas seria institucionalizada, mas viria a influenciar a vanguarda intelectual contemporânea de língua inglesa e mundo afora. Fato que não pode ser desprezado devido à importância do contexto cultural norte-americano.

Aqui, nos capítulos seguintes, estão relacionados alguns elementos essenciais do processo de composição desta ‘nova linguagem’. Para tanto, houve a incorporação de um vasto arsenal bibliográfico. Entre as várias fontes da história da literatura universal relacionadas em *Dangling Man*, observamos, por exemplo: O teatro de Shakespeare no debate do Rei Lear sobre “os inverniais elementos naturais”; ou a geométrica simetria de *Rei João (King John)*, onde todos os personagens estão, contraditoriamente, naturais, em lugares ‘errados’ e em momentos ‘errados’; o Iluminismo de Diderot com o seu personagem Ramos ou *Rameau* ávido por lucrar com as cegas submersões naturais de gente abastada; o romantismo de Goethe cujo personagem Werther se suicida um dia antes do início do terrível inverno alemão; a filosofia de Thomas Hobbes que exalta a figura, do monstro bíblico Leviatã, traduzida na mortal Babel metropolitana, onde Hobbes exemplifica a natureza selvagem construída pelo homem à imagem e semelhança da obra do Eterno; a ética e o racionalismo moral de Espinosa; a postura de Maquiavel, de arriscar-se ante os fatos proibitivos a manter-se temerosamente submisso ou o exemplo da vergonha como moral de virtude em *Édipo Rei* de Sófocles; a que incorpora os elementos da filosofia socrática de Platão — da escura caverna de *A República*; ou do Sócrates malandro e golpista de Eurípides, a virtuosidade aristotélica, pelo ser apaixonado e dividido da Polis de *A Política*; ou a discussão sobre as “leis naturais” de Dostoiévski em *Memórias do Subsolo*.

A amplitude incorporadora da estrutura narrativa de *Dangling Man*

justifica, pois, algo até aquele momento, inédito na literatura universal e que aqui buscamos identificar. As dificuldades de tradução do ‘jargão’ difundido a partir de *Dangling Man* são inúmeras. Jargão este também adotado em inúmeros ensaios e livros dos ‘scholars’ ou os acadêmicos de língua inglesa, também, influenciados por Bellow. No Brasil, alguns chegaram a qualificar a magnitude lingüística e a sutileza do sincretismo de linguagens decorrentes da narrativa como ‘metáforas’. E citam “a dificuldade de traduzir as metáforas de Saul Bellow”⁵ para o português como problema crucial.

Na verdade, nem todas as expressões são ‘metáforas’. Muitas são termos incorporados a partir de um olhar psicanalítico ou sobre novas interpretações da cultura europeia e judaica sobrevivente ao nazismo. Ele inicia uma busca para romper com a estagnação da civilização diante do choque pelo clima de violência, da atmosfera que o seu protagonista define por “*monotonia entorpecente*”. O personagem reafirma o livre-arbítrio sob as formas obscurecidas pelo trauma. Descobre suas possibilidades em comparação com o despertar dos surtos gerados pelo nazismo. O herói de Bellow trava uma luta interior contra o entorpecimento, contra a desrazão e busca restaurar o legado poético, subjetivo, obscurecido sob a influência de ideologias e padrões totalitários.

1 . 3. Crítica às traduções brasileira e portuguesa⁶

⁵ Ver TAGNIN, Stella E. O. O Desafio de Traduzir as Metáforas de Saul Bellow. [USP / FFLCH / Deptº de Letras Modernas.]____. In BEREZIN, Rifka (Coord.) **Simpósio Cultura Oriental e Cultura Ocidental: Projeções - Programa BID / USP II Fase**. São Paulo: USP / FFLCH / Deptº de Letras Orientais, 1990, (volume produzido do evento) p. 551-558. Nesse ensaio, a autora relata as dificuldades na busca de “*um equivalente em língua portuguesa*” para cada uma das várias “*expressões idiomáticas inglesas*” de Bellow e, relaciona questões léxicas, sintáticas e de semântica durante a tradução ao português do conto do autor, Metendo os Pés pelas Mãos (BELLOW, Him With His Foot in His Mouth, 1984), que ela afirma, anteriormente ter “*servido de corpus*” à sua tese; TAGNIN, Stella E. O. Levels of Conventionality and the Translator’s Task, Appendix. São Paulo: Tese de Doutorado [não publicada], USP, 1987.

⁶ Eis a seguir três comparações exemplares em relação aos problemas com tradução portuguesa:

Apesar da constatação de uma tradução brasileira a utilização da edição original em inglês desta obra foi sendo cada vez mais necessária. A tradução brasileira (esgotada), *Por Um Fio*, é de Ana Maria Machado, pela Bloch Editores, Rio de Janeiro, 1967. Há também a tradução portuguesa, *Na Corda Bamba*, de Maria Adélia Silva Melo, pela Don Quixote, 1976 e Círculo de Leitores, 1977, ambas de Lisboa. A tradução portuguesa é plena de expressões metafóricas, rebuscadas que, aliás, são na maioria das vezes ininteligíveis ao contexto brasileiro.

Pela melhor transparência das citações neste trabalho observou-se a existência de símbolos do ‘jargão bellowiano’ dos anos 1930 (que posteriormente foi acrescido com outros) já contextualizados por centenas de milhares de intelectuais de língua inglesa. Todavia, até aquele momento, o ‘jargão’, ainda era, conceitual e culturalmente, quase desconhecido ou ignorado no contexto brasileiro. O que dificultava a tradução.

1. 3. 1. Justificativas pela adoção da versão original

Em relação à opção de leitura a partir da edição original, exemplos

I) Na versão original [*Dangling Man*, p.119] consta: “*We are schooled in quietness and, if one of us takes his measure occasionally, he does so coolly, as if he were examining his fingernails, not his soul frowning at the imperfections he finds as one would at a chip or at a bit of dirt.*”

II) Em *Na Corda Bamba*, [Tradução portuguesa, p.120]: “*Fomos treinados no silêncio e, se um de nós tira ocasionalmente as suas próprias medidas, fá-lo friamente, como se estivesse a examinar as unhas, e não a alma, franzindo o sobrolho às imperfeições que encontra como se fossem uma lasca ou uma sujidade*”.

III) Em tradução nossa, do (novo) *Ídiche anglo-saxão e norte-americano*’ de então, enquanto gíria ou ‘jargão’ (lacônico-judaico) da suburbana Chicago e do ‘jovem’ Bellow: “*Nós somos treinados para o silêncio. Se vez ou outra um de nós ensaia agir contra algo que sabe que não é certo, após uma costumeira frieza inicial, aliás, examina as unhas, franze as sobrancelhas e sem demonstrar ter nenhum caráter aparente, expressão ou espanto, reage como se estivesse apenas para ‘tirar uma lasquinha’ ou ‘em vias de se safar de uma sujeira qualquer’.* [Aspas ‘simples’ nossas]”.

Obs: Vale notar a influência do citado ‘jargão’, (ou do contexto linguístico proveniente da língua ídiche e de *DM*, 1944) inclusive no Brasil, provavelmente traduzido, inserido no português brasileiro e difundido (nos anos 1970) pelas vanguardas locais na cultura, literatura, poesia, música, revistas, etc.

justificativos não faltam. Vale notar que o vocábulo ‘dangling’, do título da edição americana, aparece repetidas ocasiões em *Por Um Fio*. Na edição brasileira, a cada aparição, dangling é traduzida por palavras ou expressões diferentes, às vezes, antagônicas entre si. O título *Por Um Fio*, na tradução francesa de Michel Déon ficou sendo *Un Homme en Suspens* ou Um Homem em Estado de Suspense.

Ao observarmos as várias aparições dos vocábulos dangling ou o verbo to dangle no texto, é possível traduzirmos *Dangling Man* como *Um Homem Entre Dois Mundos* ou *Entre a Cruz e a Espada* ou *Um Homem com o Coração na Mão*. Tais expressões são mais abrangentes e cabem perfeitamente em todas as equivalências, às quais, *Por um Fio*, tem tradução diferente a cada aparição.

Há ainda a expressão — *Um Homem Involuntariamente Inoportuno* — que incorpora a palavra “Homem” (= man, de *Dangling Man*) ao contrário da metáfora adotada; *Por Um Fio*. *Dangling* também significa uma “surpresa inicial”⁷, ou ainda, “uma incoerência qualquer e desvinculada do resto da frase, timidez ou uma explicação nebulosa, estado de suspensão, de incerteza ou de indecisão”, sendo até mesmo, “um tempo verbal sem nenhum sujeito explícito”⁸.

Aliás, cita-se como tradução contrária à do título brasileiro (*Por Um Fio*) a de; “*estar sem os pés no chão ou desconectado de qualquer fio (to leave or be left unconnected)*”⁹. De outro modo, o termo significa; “*titubeante ou bamboleante*”¹⁰. *Dangling Man*, em gíria da língua inglesa norte-americana,

⁷ Cf. Webster’s. **Third New International Dictionary of English Language Unabridged**. Chicago, Aukland, Genève: Merriph-Webster / Encyclopedia Britannica, Inc., 1986, vol. I p. 573 (tradução nossa).

⁸ Cf. FLEXNER, Stuart Berg (ed e org.). **Randon House Unabridged Dictionary**. New York: Randon House, 1987, second edition, p. 506 (tradução nossa).

⁹ Cf. MORRIS, W; CHADSEY, C. P; WENTWOTH, H. (eds.). **The Grosset Webster Dictionary**. New York: Grosset & Publishers, 1966, p. 153 (tradução nossa).

¹⁰ Cf. VALANDRO, Leonel. **Dicionário Inglês–Português**. Porto Alegre: Editora Globo, 1979.

também exprime a situação de quem está ‘*com a sua capacidade de racionalizar em suspenso*’ devido à ‘*ardência sexual*’, *trepidantemente* ou ‘*falicamente ereto*’, em ‘*relação quimicamente animal*’ ou sob ‘*efervescência instintiva e passional*’.

O título da edição portuguesa — *Na Corda Bamba* — também não contém a palavra ‘homem’ explícita no original.

Todavia o objetivo deste trabalho é dissertar sobre a incorporação de elementos relativos à literatura universal, história da filosofia e tradições judaicas a partir de *Dangling Man* e não estabelecer paralelos críticos, semânticos ou sintáticos entre a versão original e as traduzidas. Portanto, a opção escolhida foi a de citar diretamente da edição da Penguin Books, New York, 1996, cujo texto integral, em inglês, é idêntico ao da primeira edição pela The Vanguard Press de 1944.

1. 4. Convenções adotadas

Todas as citações da obra, aqui presentes, são ‘traduções nossas’ e podem ser comparadas com os seus respectivos trechos originais em inglês, os quais estão aqui inseridos em notas de rodapé.

As demais citações de artigos ou obras dos *scholars*, os acadêmicos de língua inglesa, bem como os trechos citados da edição original em francês de *Le Neveu de Rameau*¹¹ de Denis Diderot estão aqui, unicamente, em ‘traduções nossas’.

Como a maioria das citações traduzidas neste trabalho é de nossa autoria, convencionamos a dispensa da expressão; ‘tradução nossa’, portanto, aqui considerada implícita ao término de cada uma das citações de obras em língua inglesa ou francesa e por nós traduzidas. Apenas são mencionados nomes de tradutores nas demais referências de obras estrangeiras, aqui

¹¹ A tradução brasileira da obra *Le Neveu de Rameau* do escritor e filósofo iluminista francês Denis Diderot [1713-1784] tem o título comercial de *O Sobrinho de Rameau*. Todavia, nossa leitura da mesma decorre, diretamente, da edição original francesa de Libro / Flammarion, Paris, 2002, cujo título adotado em *tradução nossa* e pelas razões posteriormente justificadas no Capítulo 6. 2. 1. passou a ser *O Obscuro Sobrinho do Notável Ramos*.

citadas e já publicadas em português.

Também foi convencionado o uso abreviado do título da obra, *Dangling Man*, através das iniciais *DM* em referências de meio de página e notas de rodapé. Para efeito de tradução nossa, adotamos *Um Homem Involuntariamente Inoportuno*. Exprime o suspense, o choque, a excitação descontrolada, o estranhamento, o sentido lacônico, o legado de língua ídiche transferido ao 'jargão' (anglo-saxão) da Chicago dos anos 1930, o esforço de autoconsciência, etc. Tal expressão é perfeitamente cabível em português. Tem plena equivalência significativa em todas as aparições do termo *Dangling Man* ao longo da narrativa. Bem como, quando o mesmo é empregado explicitamente ou metaforicamente por críticos (*scholars*) ou estudiosos da obra de Bellow em língua inglesa.

2. UMA VISÃO DE MUNDO HUMANISTA OU A CONSCIÊNCIA DOS LIMITES DA MORTALIDADE

2. 1. *Dangling Man* e o momento histórico dos anos 1940

A maioria dos críticos concorda que *Dangling Man* [1944], o primeiro romance de Saul Bellow, foi um acontecimento inédito e fundamental na história da literatura norte-americana e universal. E também observa que a obra constitui o projeto de vida do autor e o início de uma nova escola literária norte-americana do pós-guerra.

A narrativa é redigida em forma de diário onde Joseph, o herói e único protagonista reinterpreta o seu cotidiano. Vale notar que os demais personagens são conhecidos, somente, através das observações e opiniões que o próprio herói emite sobre os mesmos em seu diário. Todas as cenas têm lugar em Chicago, sendo que a maioria delas ocorre no quarto que ele divide com a esposa, numa casa de cômodos de aluguel. O momento histórico da IIª Guerra Mundial transparece nos cenários da narrativa como pano de fundo, mas, sempre presente e decisivo. Os registros do protagonista são datados entre o inverno de 1942 (15 de dezembro) e a primavera de 1943 (9 de abril).

Joseph aguarda o desfecho da sua convocação militar. *"Embora há 18 anos em Chicago"*, ele é cidadão britânico de Montreal, Canadá. Por ser estrangeiro, *"embora de um país aliado"*, o seu engajamento transforma-se num lento processo, entravado nos meandros da burocracia militar.

Tal status de irregularidade legal transparece em seu certificado de reservista de 1ª classe, padrão militar pelo engajamento imediato. O seu caso sofre adiamentos, uma situação suspeita para época de guerra. Joseph oscila em estado de suspense em dúvida indefinição; *"nem civil, nem militar"*. Ele é demitido do seu confortável emprego na Agência Interamericana de Turismo. Os amigos se afastam e ele passa a sobreviver com a ajuda do *"ganha-pão de Iva"*, a sua esposa. Ele revela sentir-se tolhido e *"de mãos atadas"*.

O protagonista escreve; *"No meu atual estado de desmoralização, tornou-se necessário que eu tivesse um diário"*. (DM, p. 10)¹². A espera de sete

¹² *"In my present state of demoralization, it has become necessary for me to keep a journal"*. (DM, p. 9).

meses agrava o seu estado de suspense. Ele não consegue disfarçar o pânico involuntário e inoportuno frente às suas possibilidades. Se por um lado ele se afeta com sua humilhante inatividade, por outro, uma vez engajado, Joseph não ignora suas chances de ser abatido em combate. Tal fato ecoa em seus registros em irônica perspectiva, a exemplo do estado de suspense típico dos tantos personagens moribundos da ficção quando estão para dar o último suspiro.

Apesar de tudo ele se descreve como um vigoroso e sadio jovem de 27 anos, bacharel em história. Aliás, manifesta-se inconformado e jovem demais para, em sua opinião, ser injustamente induzido a refletir sobre a sua própria morte. Entretanto, as anotações do seu diário não disfarçam algumas de suas irônicas retrospectões. Ao invés de reagir entorpecido ou amedrontado por sua nova situação, ele ironiza as formas do viés ideológico do seu mundo em tempo de guerra. Jamais se fragmenta, nem sucumbe aos modismos ou busca uma nova identidade salvadora. Todavia, zomba até mesmo de suas sensíveis manifestações de suspense, que em psicanálise, seriam classificadas como *'complexo de transe terminal'*.

2. 2. Antes de *Dangling Man*

A questão da mortalidade humana é primordial a Joseph. Todavia, essa temática é abordada em todas as obras de Saul Bellow, desde o seu primeiro conto, *The Hell It Can't* [*O Inferno Não Pode Conseguir*, 1936], publicado no *The Daily Northwestern*, jornal do campus da *Northwestern University* de Chicago. Ali, o jovem Bellow concluiu o seu bacharelado em sociologia e Henry, o herói do conto, é chicoteado no meio da noite por assassinos sem rosto. O mesmo é envolvido em atmosfera tipicamente europeia dos anos 1930, com soldados marchando, tensão kafkiana e atmosfera sombria com gente sendo levada presa na calada da noite.

O segundo conto, *The Mexican General* [1941]¹³, foi publicado na *Partisan*

¹³ Segundo J. Atlas, em Bellow: A Biography, *The Mexican General* foi publicado na *Partisan Review*. “no número seguinte ao de maio/junho de 1941”, onde Bellow descreveu a caótica cena, “da sua face com listas ensanguentadas aparecendo entre as bandagens (...) e o corpo de Leon então, sendo exposto para ser

Review, um ano antes de ele iniciar *Dangling Man*. Neste conto, o autor contextualiza as contradições da morte criminosa de Trotsky, ocorrida no ano anterior no México. Segue o viés crítico e ficcional baseado em fatos e cenários verídicos. Bellow reconstitui os cenários, sob a convivência oficial, do crime em que um general mexicano colabora com os assassinos de Trotsky. O jovem Bellow destaca, de forma exemplar, os meandros que encobriam a corrupção, a impunidade e a permissividade institucional, então, presentes naquele país.

O tema da morte é revisto pelo autor em *O Legado de Humboldt* [*The Humboldt Gift*, 1976]. O livro é editado no ano em que Bellow é laureado com o Nobel. O herói dessa história sai em busca da herança espiritual do explosivo amigo poeta, recentemente, falecido em triste ostracismo. A morte é observada sob o viés da consciência histórica. Em *Humboldt*, o herói-herdeiro é Citrine, um homem culto da classe média. Cantabile é um herói bandido coadjuvante. Os dois juntos, e por pressão de Cantabile, perseguem o legado de um velho amigo e poeta morto; herança de um artista; tão engajado quanto marginal, tão absurdo quanto autêntico e traiçoeiro, mas, ao mesmo tempo, tão insano quanto genial.

2. 3. Do caos ‘babeliano’ a uma nova postura literária

Em *Dangling Man* [1944], o jovem Bellow gera as expressões primordiais. Elas florescem como sementes ao longo de toda a sua vida literária. As projeções do protagonista objetivam a flexibilidade da consciência. Vale notar que é impossível dissociar a consciência da ética, do perigo ou da morte. A narrativa é sempre envolvida por vigorosas tensões, e a partir de personagens

fotografado tal qual se faz com um bife fatiado” (p.73) .Consta que o jovem Bellow ao tentar conhecer Leon chegou ao México dois dias após o 21 de agosto de 1940, dia do assassinato do Trotsky a mando de Stalin, segundo Atlas: “A polícia, assumindo que Bellow e seu amigo Herbert Passin eram jornalistas americanos, abriu-lhes a porta do necrotério. Eles subiram as escadas e consta que Passin recordando aquele momento, emocionado, exclamou; — E, ali, por Deus, estava Trotsky!” (p.69). [Cf. ATLAS, James. **Bellow: A Biography**. New York: Modern Library Paperback Edition/Randon House Inc. 2000].

da história como o Sócrates que Platão cita ter dado a própria vida em nome da Ética civilizada. Sócrates é citado por Joseph em *Dangling Man* [Um Homem Involuntariamente Inoportuno].

O protagonista de Bellow é uma projeção de um 'Eu', que encarna uma perspectiva subjetiva com proporções distorcidas. Ele mesmo é um herdeiro do legado civilizado desde as antigas Atenas e Jerusalém. Os anos 1940 revestem os cenários da narrativa, onde a violência do assassinato de civis por regimes totalitários europeus é o pano de fundo.

Os críticos asseguram que a obra de Bellow origina de tradições enraizadas na literatura europeia, fato comum em relação aos principais escritores norte-americanos, tradições, aliás, plenas em reveses históricos e ocultos. Ao contrário dos principais escritores em voga, Bellow rompia e rejeitava as imposições dogmáticas do passado. Desobrigando-se da inflexibilidade determinista ele se livrava dos velhos arreios por uma nova visão de mundo.

O seu protagonista, aliás, reavalia os erros de déspotas e tiranos da história. Ele revaloriza o tempo presente e pretende libertar-se das velhas máculas e condições herdadas ou inatas, que afloram das profundas camadas instintivas.

Bellow inaugura uma nova escola literária na América. Cada camada da história está presente em Joseph. Ele as faz vir à tona entre seus registros em seu diário. Joseph as reflete ao contrário dos personagens de Hemingway. Este último, sempre amargurado com a violação dos seus vínculos formais, dogmáticos, buscava a regeneração das regras da tradição europeia. Joseph de Bellow reflete o presente sobre os espelhos da violência do passado. Ele deposita, piedosamente, uma fé esperançosa na oceânica imensidão do novo mundo.

Os personagens de Bellow deixam de refletir as máscaras do naturalismo, os dogmas ou os preconceitos originais do caos 'babeliano' do velho mundo. Eles têm hábitos novos e novas posturas. É o primeiro romance de um jovem e desconhecido escritor que, então, se contrapunha tanto ao modelo revolucionário em voga — ao gênero romance proletário do período pós-depressão de 1929 — quanto rejeitava os exemplos de autores já

consagrados, como Hemingway e Faulkner. Bellow passa a contestar todos os autores cujos heróis são, dogmaticamente, alcoolizados, desiludidos com a decadência de ideais puritanos e os rebeldes representantes da nobreza moralista em decadência.

O autor compõe a sua obra sobre as esperanças de milhões de imigrantes europeus em Chicago, a exemplo de si mesmo, filho de judeus russos de São Petersburgo e nascido em Montreal, no Canadá francófono.

Os heróis de Bellow são indivíduos simples, esperançosos ou o de *Dangling Man* ainda é, comicamente, inadaptado à rotina dos costumes anglo-saxões. Joseph não tem dúvidas de que não há volta possível às origens (europeias). Ao mesmo tempo em que lida com a sua memória carregada de conflitos do velho mundo, ele projeta o passado contra uma visão de esperança que recria em formas transcendentais. Rompe com o viés de reações inatas, fruto de idiossincrasias sociais ou nacionais do romance do passado, ao mesclar características cosmopolitas e universais entre os seus cenários de Chicago.

Pouco a pouco, o autor distancia-se da atmosfera de parcialidade plena em chauvinismos, preconceitos culturais, aliás, típicos no contexto dos antepassados. Ele reavalia a antiga visão de mundo presente em sua memória e introduz um novo viés psicanalítico ao romance moderno, sob o qual, interpreta os ecos nacionalistas e conflitantes do dividido contexto lingüístico do Velho Mundo.

2. 4. A desconstrução do legado literário europeu

Bellow posiciona-se em oposição às idiossincrasias. Parte das demandas de uma sociedade de imigrantes, em contraposição ao viés pelo inato, aliás, preconceituoso do passado no velho mundo. Estabelece uma crítica em relação às cicatrizes impressas em sua alma e a reação espontânea terror herdado em sua memória do passado familiar ao velho mundo. Ele busca purgar-se no ambiente do Novo Mundo das reminiscências dos reveses históricos e inicia um processo de desconstrução do seu legado literário europeu. O personagem de *DM* tem uma intenção decisiva pela manifestação do caráter universal.

O protagonista escava e extrai fragmento a fragmento o que estava oculto e censurado, pelas profundezas da história da arte e da literatura. Como um arqueólogo, segue a partir dos seus ‘*sítios literários*’, para confrontar o presente com amostras do absurdo burocrático revelado pelo russo Dostoiévski. Descobre fragmentos do desespero nos sentimentos inatos e enlouquecidos apontados por Kafka. Preenche o vazio interior da alma liberta e já desconstruída do fardo autoritário do sistema social religioso do velho mundo.

Joseph desloca-se dos traços da tragicomédia de Shakespeare através de um primeiro olhar sobre formas ainda desfocadas da metrópole. A leitura de *DM* revela a influência de Hamlet em relação a ilusão dos desejos narcisistas como expressão de diversão de falsos amigos e traidores. Da imagem de tais personagens ofuscados pelos desejos, desvenda abismos dantescos das profundezas dos instintos. A herança de Shakespeare nos remete a algo tal qual um Hamlet desencantado, que face à indiferença ao seu redor reaparece contestando o poder inato da nobreza europeia. O personagem de Bellow absorve o fantasma de Hamlet para quem a vida não é “*apenas a quintessência do pó*”¹⁴ (SHAKESPEARE, *Hamlet*, p, 51)¹⁵ e nem apenas “*um*

¹⁴ Vale notar que Joseph, o protagonista de Bellow cita Werther, o personagem suicida da obra homônima de Goethe. *Werther* é um romance epistolar em que o protagonista mantém correspondência com seu amigo Wilhelm. Este último, de acordo com toda a crítica das obras de Goethe, que William em inglês. Tal amigo invisível é tido como uma figuração de William Shakespeare, de quem Goethe recebeu declaradamente uma grande influência. Goethe usou o nome Wilhelm para o personagem Wilhelm Meister, em *Os Anos de Aprendizado* de Wilhelm Meister, obra esta considerada o primeiro ‘*Romance de Formação (Bildungsroman)*’. Nesta última, o personagem Wilhelm faz parte de uma trupe de teatro que encena *Hamlet* de Shakespeare. Neste sentido, as várias referências do ‘jovem’ protagonista do ‘jovem’ Bellow ao ‘jovem’ Goethe e explicitamente ao suicida ‘jovem’ Werther, terminam por nos remeter ao também suicida, embora accidental, ‘jovem’ Hamlet de Shakespeare. E o contraste entre a juventude e a morte é um fato temático e central nestas obras. Contraste este que, aliás, o Joseph, (e o próprio *jovem* Bellow, segundo os biógrafos) sugeriam sofrer naquele momento histórico da IIª Grande Guerra. Neste sentido, o Shakespeare citado por Bellow incorporava fatos que os ingleses nunca relacionaram enquanto uma nova simbologia de época, ou uma nova gíria ou ainda, um novo jargão, tipicamente norte-americano, mas, que não deixa de transparecer motivos em relação a herança judaica. o autor.

grão de pó que perturba a visão do nosso espírito”, como diz o personagem Horácio ao amigo e príncipe Hamlet (ibid. p. 11).

O autor projeta em Joseph uma metafísica literária e a busca piedosa de quem procura um tesouro perdido. Lança o herói desejoso de atingir o seu objetivo renovador no contexto norte-americano. O Novo Mundo representa para ele uma imensidão misteriosa e desconhecida. Seu protagonista transcende o seu presente que registra ser *“talvez uma era condenada”*, e a cética e indiferente morbidez do pó *hamletiano* e segue *“às fontes de vida”* em busca de um novo começo para o encontro da quintessência de bondade na história.

Tal atitude é semelhante à de alguém que toma posse de uma herança milionária após sido notificado que é o único herdeiro de um tio europeu, de quem em vida sequer sabia da existência. E de posse dos bens, decide desmontar, pedra por pedra, sua herança de velhos castelos medievais, transportá-la e reaproveitar as velhas pedras e o resto em novas e modernas construções.

Bellow endossa que a nossa maior riqueza está no resgate do legado herdado através das *“fontes de vida”*. Está no reconhecimento do fluxo de onde, a exemplo do princípio, jorram as manifestações de justiça e a verdade pode fluir livremente, sem contenções e transparente em todos os tempos. Para Bellow os preconceitos são evidências mascarados pela censura de tradições injustas. O autor relembra que o que não flui espelha a morte e que: *“Nunca devemos esquecer que a arte está morta”*.

2. 5. Entre a herança humanista de Bellow e os revezes da história ¹⁶

¹⁵ SHAKESPEARE, William. **HAMLET**. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 1997.

¹⁶ *“Revezes da História”* é uma expressão (utilizada na tradução brasileira de *Moisés e o Monoteísmo*) de S. Freud. Trata as consequências éticas e do descrédito pela *“Justiça e pela Verdade”*, sobre os abusos cometidos pelas grandes tiranias da história. Freud cita em *Moisés e o Monoteísmo*, que a história acabou transformando-se num conjunto de *“revezes”* (ou *“reveses da história”*) ou no conjunto de várias e vãs tentativas de resgate do momento histórico primordial, em foram promulgadas as *Leis de Moisés* enquanto essência humanista e universal

2. 5. 1. O controvertido legado de Nietzsche e onde este compara “o judeu ao santo, ao fidalgo e ao bandido”¹⁷

(“Verdade e Justiça”). O tema transparece sugestivamente em *DM* e nas obras posteriores do autor.

¹⁷ Há várias semelhanças entre os relatos de Bellow, através do seu protagonista em *Dangling Man*, com as ideias de Nietzsche presentes em *Assim Falou Zaratustra*. O viés humanista da obra de Nietzsche foi resgatado por Bellow em *DM*. Vale notar, que nos anos 1940 na Alemanha, ou seja, no próprio país de origem de Nietzsche, a obra dele passou a ser distorcida e as interpretações verdadeiras taxadas como material subversivo. Evidentemente, o ‘jovem’ Bellow, afronta em Chicago ao citar Goethe ou ao lidar com as ideias de Nietzsche em *DM* e sob uma leitura crítica, analítica e com indicadores provindos de tradições judaicas. Embora existam três citações explicitamente caluniosas contra os judeus em *Assim Falou Zaratustra*, tais como: “Ali tudo está misturado; o santo e o bandido, o fidalgo e o judeu e todos os animais da Arca de Noé [p.187]” ou “O César de Roma degenerou em besta: até Deus tornou-se judeu! [p.188]” ou ainda “pouco me falta para ser judeu errante, salvo não ser judeu [p. 207]”.

Citações como estas eram comuns entre os autores alemães dos séculos XVIII e XIX. Anos mais tarde, Nietzsche, ao romper com Wagner, declarou-se publicamente ser contra o antissemitismo. Todavia as respectivas citações provavelmente foram inseridas em conveniência com seus editores, coniventes com o *status quo* local, aliás, predominantemente antissemita. As universidades alemãs eram em sua maioria geridas por representantes do citado ‘status quo’ religioso. Goethe também caluniou judeus conforme consta a seguir em nota de rodapé 114, cap. 8. Todavia, o viés humanista de Nietzsche é resgatado pelo ‘jovem’ Bellow. Não fosse isso, provavelmente, as interpretações filosóficas daquele legado teriam sido destruídas pelo regime nazista que assumiu o poder no país daquele autor. O “resgate” do ‘jovem’ Bellow ocorre, em pelo menos duas passagens de *DM*. Relativas à p 57: de *Assim Falou Zaratustra*: “Se fosseis deuses, então poderias envergonhar-vos dos vossos vestidos”. que, em *Dangling Man* Bellow ironiza e cita no mesmo contexto, Isaías [3.16]. “As filhas do Sião [...]”, das mulheres em vias de preparar-se para a vinda dos soldados inimigos[....]. ou ironicamente, sobre “os embustes da fé na pureza ou na semi-divindade das Musas” dos poetas” [Nietzsche op.cit p. 57 Joseph, também descrê na pureza das Musas, e, abandona a lva no fim do livro, em troca de uma convocação militar para lutar contra o nazismo.. Outra citação de *Assim Falou Zaratustra* {p.57} também ressurgue em *DM*:: “Nunca um vizinho compreendeu o outro; sempre sua alma se assombrou da loucura e da maldade do vizinho” [Nietzsche, Op.Cit.],. Esta última é recriada em *DM* na figura do incômodo bêbado, o Sr. Vanaker, vizinho de quarto de pensão do protagonista Joseph [conforme consta em citações no Cap. 9. 6. 3;]. Há várias outras alusões à obra de Nietzsche, como a

Assim como Nietzsche, sublinha e alerta que “*Deus está morto*” (NIETZSCHE. Op.Cit.) ¹⁸, eternamente, silenciado. Ambos sugerem que a herança civilizada está no reconhecimento dos reveses que estancam o livre fluxo da existência. Convergem em que a riqueza do legado está na absorção da criação que depende da revalorização e do reescrever da história do curso das vidas.

Para Bellow, não são as tradições silenciosas ou as barreiras silenciosas, nem a necropsia dos mortos determina o fluxo das “*fontes de vida*”. Para o autor, os mortos não têm mais direito à ação na história, privilégio este exclusivo dos vivos. Prerrogativa, aliás, do livre fluir no tempo: Direito inalienável a cada ser humano.

Bellow recusava-se à aceitação passiva dos destroços da história como ídolos a incensar ou à adoção dos dizeres de velhas lápides como freios ao justo fluir da vida no curso da história da civilização. História cujo curso, implicitamente, verdadeiro nunca se repete. Sobre isso, em 1967 ele afirma:

Precisamos ser cuidadosos [...] o estudo de bens históricos

que Joseph relata em seu diário seu anseio em ser “*um homem integral*” [ver nota de rodapé 108 e final do cap. 8. 3 ou comparado ao “*Super-homem*” citado várias vezes por Nietzsche em *Assim falou Zaratustra* e aqui, no próximo capítulo em 7. 5. 3.]. A questão do “*Super-homem*”, citado por Nietzsche e ironizado por Bellow, dizem muitos, que foi serviu de base ao item em que a ideologia nazista se ateve às absurdas afirmações de ‘superioridade racial’. Embora Bellow sempre tivesse o discernimento de não imputar culpa às ideias de filósofos, aliás, sempre ressurgentes, distorcidas, falsificadas ou parcialmente usurpadas enquanto lemas ou slogans por ideólogos da propaganda demagógica e mentirosa de todos os grandes tiranos ao longo da história. Todavia Bellow também critica o “*endurecimento*” ou o “*tipo durão*” predominante, segundo seu protagonista, [na primeira página de *DM*] nos anos 1940, tipo este que também inspirou os personagens de Hemingway, [assim como no passado foram ironizados por Nietzsche, embora brutalmente tomados *ao pé da letra*, como modelos pelos ideólogos de Hitler e inspiraram a propaganda do ‘operário-soldado’, padrão e “*durão*” de Stalin] igualmente ironizados por Joseph em *DM*. Vale ressaltar que na América e por ironia do destino, tal ousadia fez o legado [seletivamente] humanista de Nietzsche mudar de mãos.

¹⁸ Ver NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. Tradução Alex Martins. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

[...]. As sociedades industriais têm algo de obsolescência. Classes, nações, etnias e culturas têm sido declaradas obsoletas em nossa época, que, aliás, produziu um dos mais horrorosos de todos os séculos. Precisamos evidenciar continuamente e cautelosamente, que toda e qualquer arte está morta. Mas, não como decisão para necropsia de um júri de críticos e de historiadores [...], posto que, o comércio de bens históricos é negócio de risco e de perigo incalculáveis [...]. É a partir do ódio de Céline [...], do desespero de Kafka que os escritores de ficção têm, sucessivamente, se empenhado em criar escala, ordenar experiência, dar valor, produzir perspectiva e transportar-nos para próximo das fontes de vida. O verdadeiro crente em desordens não gosta de ficção [...]. É advogado por acidente, ou promotor público para culpar alguém, mas, não pode ser autor de ficção. E isto me faz abrir os olhos. (BELLOW, *Where Do We Go From Here*, 1967, p. 215-216)¹⁹.

Malcolm Bradbury qualifica Bellow de escritor com discernimento das “*impressões verdadeiras, as quais, ele filtra ou destila de paradoxos da vida ou de modelos que derivam da história*” (1986, p. 116)²⁰. É neste sentido, que desde *DM*, o jovem Bellow desviava o curso da história europeia ao Novo Mundo. Refletia o princípio do fluir do que persiste na busca de novas alternativas, na experimentação, no reviver do direito ao tempo, no que se reconstrói de reminiscências, das ruínas do passado e tradições.

Todas as histórias de Bellow têm algo de experiência vivida; de respeito ao tempo e aos limites do corpo, às limitações temporais, à velhice, às estações do ano, ao passar das horas, do nascimento à morte, do medo às

¹⁹ BELLOW, Saul. *Where Do We Go From Here: The Future of Fiction*. In _____. Irving MALIN (ed. e org.). **Saul Bellow and the Critics**. New York: New York University Press and London: University of London Press Limited, 1967, p. 211-220.

²⁰ BRADBURY, Malcolm. *Saul Bellow and Changing History* [1978]. In _____. Harold BLOOM(ed. e org.). **Saul Bellow**. New York: Chelsea House Publishers, 1986, p.129-146.

variações ao dia e a da noite, do frio e do calor, do tempo de guerra e ao de graça.

2. 6. Da ética da *Bíblia Hebraica*, aos vestígios da lógica da polis da cultura da clássica

A partir de *DM*, o autor relaciona o caráter universal da História social enquanto herança transcendental que aflora das marcas de um inconsciente; do coletivo ao civilizado. Seus protagonistas transcendem tanto a consciência ética da antiga Jerusalém, quanto desconstroem os reveses da história dos vestígios da lógica da *polis* da cultura clássica das velhas Atenas e Esparta. Bellow oscilava entre esses dois polos originais, cujo curso opõe-se entre fluxos e contra-fluxos ao longo dos tempos.

O autor parte da visão do conflito primordial, das diferenças que provoca, o repensar da interdependência da figura do “outro”, ou da alteridade, como princípio universal, não pelo fim das diferenças, mas, ao contrário, ele ascende de diferença em diferença, de degrau em degrau, como a expressão de Lukács²¹ um “confronto de forças motrizes que impulsionam o eixo da história”.

Em *Where Do We Go From Here* [1967], Bellow resume seus alertas em relação à horrível colcha de retalhos antiéticos da história europeia. Destaca a expressão; “*Isto me faz abrir os olhos*”, em choque com os exemplos de espelhamento automático. Justifica o risco da rendição à visão de mundo revestido pela injustiça, por um legado de culpa, e por exemplos de punição. Bellow²² comentou o efeito das reações impensadas ao referir-se aos *Irmãos Karamazov* de Dostoiévski, quando exemplificou a irreversibilidade consequente das marcas do engodo de tradições estanques. Os reveses da história são comentados por Bellow a partir do confronto de geração em geração, a partir da análise comparada de “*fontes de vida*” desde *A República* de Platão às do *Livro de Gênesis*, cujos cursos tiveram sentidos opostos, mas afluentes comuns.

²¹ LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre Literatura**. Tradução de Leandro Konder. RJ: Editora Civilização Brasileira, 1965.

²² Ver BELLOW, Saul. **Where Do We Go From Here: The Future of Fiction**, Op.Cit.(entre outros).

2. 6. 1. O legado de Platão

A expressão “o abrir dos olhos” de Bellow consta em ambos. Desde a Alegoria da Caverna em *A República* de Platão (495 AEC, Livro VII, p. 195-6)²³, enquanto metáfora que enfatiza a capacidade de percepção e discernimento do homem. Em sua Alegoria, Platão contempla o dilema de um grupo de homens, desde sempre, cativos numa caverna e condicionados ao tênue brilho de uma pequena labareda, até que de súbito um se liberta e sai. Fora, este último é ofuscado pelo brilho do sol e, quase cego, só consegue enxergar através dos reflexos de um “espelho d’água”. Ele volta para dentro e descreve o acontecido aos seus companheiros, que incrédulos e rindo dele, tomam-no por mentiroso.

O diário de Joseph também revela a metáfora da reflexão parcial através de um personagem ofuscado, meio cego, só que, não pelo sol de Platão, mas pelo excessivo brilho das imagens contraditórias da metrópole moderna. Tal qual o que se liberta da “Caverna” de Platão ele é ofuscado pelas emanções torrenciais daquele momento histórico. Joseph, perdido, fica atônito, desconfiado, em suspense e sempre á espera do riso de um leitor incrédulo com a veracidade das suas reflexões circunstanciais.

A casa de cômodos em que vive é um local estranho. Nem a cidade de Chicago lhe era natural. Naquele tempo, poucos habitantes provinham da corrutela local, verdadeiramente, inatos àquela metrópole norte-americana. No final de *DM*, Joseph cita que “*Trinta anos antes o terreno ocupado pela casa dos pais pertencia aos pássaros*”.

De repente me foi dado a experimentar um daqueles vislumbres reveladores e que ocorrem a todos nós [...]. Isto não era apenas uma simples ilusão de ótica. Eu compreendi como sendo uma revelação dos acordos efêmeros, em função do que idealizamos os nossos passos [...]. Olhei as paredes pintadas ao meu redor. Este lugar, tão corriqueiro, que eu sequer notava, teve um grande significado íntimo para mim.

²³ PLATÃO. *A República*. Tradução de Eduardo Menezes. São Paulo: Livraria Expressão do Livro, 1966.

Mas, não existia há trinta anos. Pássaros voavam através deste terreno ainda virgem. Daqui a cinquenta anos, pode ser que nada disso mais exista [...]. Numa realidade assim, eu pensei, tão perigosa quanto traiçoeira, não se podia confiar. (DM, p. 190) ²⁴.

Na verdade, a Chicago de sete décadas antes era uma vila de 20.000 habitantes. Quase a metade da população da cidade dos anos 1940 era de imigrantes. Outra parte compunha-se de filhos de imigrantes e dos descendentes de pioneiros. Todos, em sua maioria, desenraizados, que ambicionavam uma nova oportunidade, longe dos sectarismos tradicionais e condições, historicamente, inatas.

A influência europeia na perspectiva do protagonista de *DM* não era uma consequência direta de modelos literários do velho mundo. A literatura do passado era apenas matéria-prima das desconstruções do autor: um material de demolição a ser reciclado. Bellow jamais tomava ao pé da letra temas relativos à nobreza, ao sangue azul, à plebe, aos revolucionários, à luta de classes. Tais elementos, ou surgem na sua obra sob o viés psicanalítico, ou pela ação de ruptura com as rédeas do passado: de geração de uma nova história em cada presente. Joseph reage, traumáticamente, aos reveses da história. Para ele, o resultado da história europeia estava no noticiário dos jornais de 1942. Eram as manchetes sobre os assassinatos em massa e horrores da guerra europeia, já estampados com fotografias e disputando espaços com o noticiário policial de Chicago, também assustador.

Joseph não se conforma com os efeitos da paralisia e com o quadro de reversão histórica de enlouquecimento da cultura humanista da Europa. Embora revele-se leitor das obras de Goethe, Diderot, etc, ele questiona a influência da cultura europeia enquanto modelo para o humanismo, enquanto

²⁴ *It was suddenly given me to experience one of those consummating glimpses that come to all of us periodically.[...] This was not a mere visual trick. I understood it to be a revelation of the ephemeral agreements by which we live and pace ourselves. I looked around at the restored walls. This place which I avoided ordinarily had great personal significance for me. But it was not here thirty years ago. Birds flew through this space. It may be gone fifty years hence. Such reality, I thought, is actually very dangerous, very treacherous. It should not be trusted. (DM, p. 190).*

ela própria, na Europa, submetia-se ao nazismo. Bellow atenta para a necessidade de afirmação da independência cultural do novo mundo em relação ao hábito pela dependência aos modelos europeus. Para ele, o que importava eram as reminiscências culturais transmitidas através da história aos instintos humanos. Ele buscava o resgate da essência de bondade, historicamente universal, segundo a tese, também defendida por Freud, de que tal resgate tem sido ofuscado, de geração em geração, pelos reveses da história.

Bellow rejeitava e ironizava as grandes personalidades da história e da ficção europeia. Em seus textos de não ficção reunidos na obra *Add All Up*, ele justifica que a herança humanista europeia na América não dependia mais em nada da Europa. Ou, que os herdeiros descendentes dos personagens de Balzac ou adeptos de Napoleão estavam a circular por Chicago como cidadãos comuns. Sob tal viés, bastava que a América ou que os intelectuais norte-americanos passassem ao usufruto da herança europeia ali mesmo, em Chicago. Pois, a história estava, por inteiro, inserida nos instintos de cada imigrante, em cada habitante de sua Chicago. Sobre isso, Bellow escrevia não haver mais necessidade de grandes escavações em velhos sítios arqueológicos de Atenas ou Roma para o resgate da partícula de bondade sob os escombros da história europeia. Ou então, que qualquer fragmento da história podia ser encontrado ali mesmo. E Joseph comenta, esplendidamente, em seu diário:

Eu podia ver bem longe deste terceiro andar. Bem perto, as chaminés soltavam uma fumaça de um brilho cinza mais intenso que o cinza do céu. Diante de mim, habitações pobres perfilavam lado a lado, com os armazéns, tapumes, bueiros [...] e algum raro projeto de árvore [...]. Era minha dolorosa obrigação olhar e submeter-me à invariável questão: Onde poderia estar a partícula que, em algum lugar ou no passado, já havia intercedido a favor do homem? Sem dúvida, estes tapumes cobertos de anúncios publicitários, ruas, casas, vestígios feios e cegos, também refletiam enquanto espelhos da vida interior. Mas, eu dizia para mim mesmo que, além disso, havia algo mais. Havia um contexto de vidas

organizadas em torno desses caminhos, casas e, pelo contrário, digo que, elas, as casas, eram o análogo ao que o homem tinha criado, elas também existiam por intermédio de algum sentido transcendental, que eu não podia trazer à tona, ou não podia admitir por mim mesmo. Havia algo de diferente, e que me escapava; uma diferença entre as coisas e as pessoas, entre os atos e as pessoas. Não fosse assim, os habitantes daqui seriam, de fato, um reflexo das formas, entre as quais viviam. Eu sempre procurei evitar culpá-los. Mas, com efeito, não era isso que estava por trás na minha leitura diária do jornal? Em seus negócios e política, em suas tavernas, filmes, assaltos, divórcios, assassinatos, mas, eu tentava, continuamente, encontrar os verdadeiros indícios da sua humanidade comum. (DM, p. 24-5) ²⁵.

2. 7. Do legado de Goethe, Shakespeare, Dostoiévski ao viés psicanalítico

Bellow escreveu em vários artigos que a história está dentro de cada um de nós. Segundo ele, está em Chicago, em São Paulo, toda aqui ou em todo e qualquer lugar. Ele é adepto da observação da história pelo mesmo viés que Freud se vale em *Totem e Tabu* [1912-13] ou em *Moisés e o Monoteísmo* [1934-39], ou seja, a partir da observação dos instintos humanos, como Freud,

²⁵ “I could see a long way from this third floor height. Not far off there were chimneys, their smoke a lighter gray than the gray of the sky: and, Straight before me, ranges of poor dwellings, warehouses, billboards, culverts, [...] and the occasional bare plan of a tree. [...] It was my painful obligation to look and to submit to myself the invariable question: Where there a particle of what, elsewhere, or in the past, had spoken in man’s favor? There could be no doubt that these billboards, streets, tracks, houses, ugly and blind, were related to interior life. And, yet, I told myself, there had to be a doubt. There were human lives organized around these ways and houses, and that they, the houses, say, were the analogue, what men created they also were, through some transcendent means, I could not bring myself to concede. There must be a difference, a quality that eluded me, somehow, a difference between things and persons even between acts and persons. Otherwise, the people who lived here were actually a reflection of the things they lived among. I had always striven to avoid blaming them. Was that not in effect behind my daily reading in the paper? In their businesses and politics, their taverns, movies, assaults, divorces, murders, I tried continually to find clear signs of their common humanity”. (DM, p. 24-5).

que os entendia, herdados, inatos e onipresentes em todos nós.

O mesmo enfoque historicista ficcional adotado por *Shakespeare*, *Dostoiévski* e que Freud formaliza como base da sua teoria psicanalítica está presente nas observações de Bellow. Seu protagonista “busca em *DM* indícios da humanidade comum”.

A leitura de Freud sugere tal enfoque, historicista, como base da teoria psicanalítica que aproveita, no fim da vida, em sua obra *Moisés e o Monoteísmo*. Na verdade, ele citava Goethe, *Shakespeare*, *Dostoiévski*. O viés psicanalítico tem bases essencialmente, literárias. Assim como Freud incorporou a literatura à psicanálise, Bellow endossava o caráter universal da história, valendo-se, também, das considerações de Freud. Seus personagens sintetizam atos, temores, carências, realizam pontes entre sentimentos e razões, as quais, segundo a psicanálise, sempre ocorreram em todos os tempos e lugares.

Em *Moisés e o Monoteísmo* Freud pesquisou os textos das *Sagradas Escrituras* relativos à vida de Moisés. Enquanto Freud qualificava os reveses da história em busca de indícios de veracidade, o protagonista de *DM* iniciava sua “busca de indícios da humanidade comum”.

Joseph registra em seu diário que em “*todos os seus caminhos, o espírito humano tem sido o mesmo*”. Freud apontou a história de Moisés através da sua leitura das entrelinhas dos textos bíblicos e históricos, levantou a tese de que a “*verdade e a justiça*” universal, a partir da história dos instintos, tem sido, desde sempre, a mesma. Joseph conclui seu relato de 17 de dezembro de 1942 sob viés semelhante e em análise comparada com os eventos observados da janela do apartamento do terceiro andar em Chicago:

Porque eu era parte deles e gostasse ou não, [...] éramos personagens do mesmo enredo, eternamente unidos. Eu tinha consciência de que, apesar de tudo, a existência deles, por outro lado, tornava a minha possível. [...] Esta seria provavelmente, uma era condenada. [...]. Mas ... poderia ser um erro pensar assim [...]. E quando eu pensava nas eras condenadas e naqueles anônimos jazendo em sombras, eu indagava: Como soubemos o que havia, realmente,

acontecido? Em todas as principais veredas, o espírito humano deve ter sido sempre o mesmo. (DM, p. 25) ²⁶.

Joseph é, platonicamente, consciente de sua cegueira parcial, dos seus oscilantes limites das suas reflexões inconclusas. Ele forma imagens de espelhos urbanos que, por acidente, ofuscam e perturbam a sua visão de mundo enquanto, monotonamente, percorre as ruas em seus trajetos habituais. Suas reflexões aparecem, aliás, sempre insuficientemente esclarecidas, contraditórias, mas sob ânsia contínua de discernimento. Surgem num jogo de compensações emocionais, numa barganha de razões, por ele denominado de “*transações íntimas*”.

2. 8. O legado humanista das fontes de vida: Entre Atenas e Jerusalém

2. 8. 1. Do despertar “ofuscante” do personagem de Platão ao “abrir dos olhos” do primeiro casal em Gênesis [1:17; 3:5-7 e 3:21-22]

As projeções do protagonista revelam um sentido metafórico semelhante ao “*abrir dos olhos*” da *Alegoria da Caverna* de Platão, e ao mesmo tempo idêntico ao revelado das *Escrituras* ou manifestações do judaico. A questão moral, aliás, interpretada por uns, como “*fruto proibido ou pecaminoso*”, assume em Bellow uma conotação absolutamente antidogmática, livre de preconceito e das tantas arbitrariedades institucionais, como as que, historicamente, têm permeado em Gênesis [1:17; 3:5-7 e 3:21-22]²⁷.

²⁶ “*Because I was involved with them; because, whether I liked or not [...]. We were figures in the same plot, eternally fixed together. I was aware, also, that their existence, just as it was, made mine possible. [...] This would probably be a condemned age [...]. But ... it might be a mistake to think of it in that way [...] And when I thought of the condemned ages and those unnamed, lying in their obscurity, I wonderedHow did we know how it was? In all principal ways the human spirit must have been the same.*” (DM, p. 25).

²⁷ Cf. os versos, a seguir, de **Gênesis** [1:17; 3:5-7 e 3:21-22]:

“*Da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.* [1:17].

Porque o Eterno sabe que no dia em que daquele fruto comeres se vos abrirão os olhos e, como o Eterno, sereis conhecedores do bem e do mal. [3:5].

Freud, de quem Bellow afirmou ser leitor desde os 15 anos, cita o sentido pedagógico da religião. Tal fato sugere após a leitura de *O Futuro de uma Ilusão*²⁸ (FREUD, 1927), que a cena de *Gênesis*, da expulsão do Éden onde está escrito; “*O dia em que comeres árvore do conhecimento [...] certamente morrerás*”, é metáfora, significativamente, análoga à expulsão dos recém nascidos do útero, ou do “*éden*” materno, seguido pelo despertar, pelo “*abrir os olhos*”, pela percepção da nudez inicial e por fim, conforme consta em *Gênesis*; pelo dia em que “*certamente morrerás*”. De tal percepção emana um significado que encontra paralelos em Bellow. Todavia, vale notar que, Freud, apesar do seu agnosticismo explícito, via a religião como fato pedagógico, de certo modo, historicamente empírico, ou já testado de “*geração em geração*”.

Freud justificou tal afirmação ao contestar os erros dos métodos pedagógicos então empregados pelos revolucionários bolcheviques na Rússia dos anos 1920-40. Segundo o psicanalista²⁹, “*apesar das suas falhas*”,

Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu. [3:6].

Abriram-se, então os olhos de ambos; e perceberam que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram cintas para si. [3:7].

Então disse o Senhor: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal, assim para que não estenda a mão, e também tome da árvore da vida, e coma, e viva eternamente. [3:21].

O Senhor, por isso, o lançou para fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora formado. [3:22]“.

²⁸ Cf. FREUD, Sigmund. **O Futuro de Uma Ilusão** [1927]. In____. Jayme SALOMÃO (org), *Os Pensadores* (coleção). Tradução de José Otávio de Aguiar. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 85-128.

²⁹ Freud escreve:

“E você não deve ficar surpreso que agora eu perore em favor da retenção do sistema doutrinal religioso como base da educação e da vida comunal do homem. Trata-se de um problema prático, e não de uma questão de valor da realidade. Já que para preservar nossa civilização, não podemos adiar a influência sobre o indivíduo até que ele esteja maduro para a civilização (e, ainda assim, muitos nunca estarão), já que somos obrigados a impor à criança em crescimento um sistema doutrinário que funcione como um axioma que não admita crítica parece-me que o sistema religioso é, de longe, o mais apropriado para esse fim”. (ibid. FREUD,

inerentes à inexperiência, os revolucionários abdicavam da pedagogia da religião. Por isso, enfatizava as qualidades do ‘*método*’ bíblico, para ele, empiricamente, já consagrado através da história.

A consciência do ser humano de que “*certamente* um dia *morrerá*” é fato que não só diferencia o homem do animal, mas que Freud ironizou como passagem do estágio inicial, embrionário e infantil de “*animal humano ao racional e intelectual de homo sapiens*”.

A mórbida lembrança da consciência inescapável da morte é essência temática de *Dangling Man*. O “*abrir os olhos*”, ofuscados de Platão, ou o da *Bíblia* de Jerusalém, encontra-se refletido no despertar do protagonista atormentado com a consciência da sua morte. E pior, com a consciência do seu momento histórico. Joseph estava tão indignado quanto atemorizado com o horror espelhado da Europa; com a guerra, ou com a ideia de morrer em combate.

A horrível noção “*do despertar para morrer*” equivale para Joseph a uma sentença de morte; ou seja, à pior das penas que um homem poderia ser sentenciado por um tribunal; que é a da consciência do dia e hora em que será executado. Bellow sugere que tal horror estimula o ofuscar do intelecto ou da razão humana e a narcose da consciência face ao temor imposto pelos instintos (naturais). Por outro lado, desperta um revés intelectual do ser humano e conduz à mais animal e selvagem forma pelo esquecimento, pela alienação inconsciente do conceito de história.

Para o seu protagonista, quanto maior é o medo da morte, maior é a tendência de alienação da consciência humana. Neste caso a reação à submissão aos impulsos ou instintos de sobrevivência para escapar da morte é, evidentemente inevitável. Tal fato sugere a essência das piores reações humanas diante da ameaça da própria morte ou as mais desprezíveis manifestações de corrupção e respectivas consequências históricas. Das que vão desde às mais despóticas formas de anulação e comprometimento da pessoa humana com governos criminosos ao esquecimento voluntário e compulsivo de si mesmo. Tal crítica conduz a uma reflexão à grande tragédia

das rendições servis da humanidade e às formas, historicamente, mais terríveis empregadas na organização de sistemas despóticos.

Por outro lado, a consciência da morte é representativa na composição de arquétipos através da história da literatura. Há vários modelos. Na epopeia antiga veio a figura do herói que lutava não, unicamente, para salvar a própria pele, mas pela salvar outrem e pela continuidade de sua perspectiva ética na história. O herói da epopéia transcendia o sentido de liberdade e a morbidez da morte. Ele sugeria um modo simplista de predomínio moral. Ia contra a resignada e temerosa submissão à dor do medo e transcendia a rendição da consciência humana pela servidão mecânica. O herói, então se recusava a aceitar as persuasivas e ameaçadoras armas apontadas pelos grandes tiranos da história. Tanto Freud como Bellow citam os heróis gregos e filósofos da antiguidade.

Exemplos não faltam. Platão observa a morte sob um ponto de vista moral em função das consequências históricas. O filósofo propõe a morte heróica em sua *Apologia de Sócrates* (cap. XV, p. 42)³⁰ e até mesmo cita o verso XVIII da *Ilíada* de Homero. Platão exemplifica o heroísmo do filho de Tétis, quando este último opta por lutar contra o torpor da consciência até a própria morte, ao invés de sobreviver alienado ou submisso. No fim do capítulo, Platão, ao concluir, cita o pensamento de Sócrates sobre o feito daquele herói: “*Crês que tenha feito caso dos perigos da morte? [...] alguém [...] ali colocado [...] que ao meu ver, tem a necessidade de ir frente ao encontro dos perigos, sem se importar com a morte ou com coisa alguma a não ser com as torpezas*”. (Ibid. *Apologia...*, p. 42).

Em *DM*, Joseph reflete sobre tais torpezas, enquanto espera a convocação para ir à guerra, tal qual Platão em *Fédon* abordara a ideia da morte a partir das reflexões de Sócrates, já então, em sua cela da prisão, e à espera da ordem de execução da sua sentença de morte por ingestão de cicuta.

³⁰ PLATÃO, *Apologia de Sócrates*. Tradução de Maria Lacerda de Moura (8ª ed.). In _____. G. D. LEONI e Paulo B. TEIXEIRA (ed. e org.). **Platão volume da Biblioteca Clássica**. São Paulo: Atena Editora, 1960.

2. 9. O legado de Sócrates e a questão da consciência da morte

O exemplo de Sócrates é sugerido pelo protagonista de Bellow. Joseph, também, busca construir suas pontes com a história: entre o coração e o intelecto. Como Sócrates, ele parte da razão aos sentimentos ou vice-versa, apesar das interferências ofuscantes, das pendências naturais ou instintivas e dos seus temores mais persuasivos. O personagem Joseph, das *“transações íntimas”*, revela a mesma aflição ao que Platão expõe quando cita o *“comércio do corpo”* enquanto ideia ofuscante pelo temor aos limites mortais.

Em *Fédon*, Platão lança a pedagogia dialógica de Sócrates. Trata-se de um contrapeso exemplar à tendência natural de corrupção do intelecto face às trocas do comércio corporal de desejos por desejos. Ali Platão cita: *“O que impede a alma de adquirir a verdade e o pensamento, todas as vezes que ela tem o comércio com o corpo?”* (*Fédon*, cap. A Morte É Libertação Do Pensamento, p. 28, 1ª parte)³¹.

O filósofo grego alerta para o retrocesso histórico sob o perfil da evolução da ética. Ressalta a tendência que a submissão aos desejos apetitosos, na verdade, como instintos traiçoeiros pela salvação egoísta. Analogamente, justifica a beleza virtuosa da consciência ética das últimas reflexões de Sócrates, enquanto legado histórico essencial, na cena de alguns dias antes da execução desse personagem: *“Trocar prazeres por prazeres, dores por dores, um temor por outro temor, como se tratasse de um câmbio de moedas* (Ibid. *Fédon*, cap. A Virtude Verdadeira, p. 35, 1ª parte)”.*”*

O questionamento sobre a vida em face da consciência da morte é o tema essencial do enredo de *Dangling Man*. Tal aspecto é transcendental e, comumente citado pelos críticos de Bellow. É um sinônimo da ação de ultrapassagem do medo da morte sem perda da consciência, sem fugas entorpecidas, sem alienação da liberdade individual, sem a rendição a sistemas autoritários, ilusões salvacionistas ou entidades protetoras. Bellow enfatiza o legado de Sócrates e das manifestações do judaico em que se

³¹ PLATÃO, Fédon. Tradução de Miguel Ruas (4ª ed.). In____. G. D. LEONI e Paulo B. TEIXEIRA (ed. e org.). **Platão volume da Biblioteca Clássica**. São Paulo: Atena Editora, 1960.

abomina todo e qualquer comércio de segurança e alienação da consciência, em troca da submissão do indivíduo a alguma forma implícita de despotismo.

Bellow reflete a partir da história. O exemplo de Sócrates apontado por Platão é fundamental. Joseph registra em *DM* que “tentava, continuamente, encontrar os verdadeiros indícios da sua humanidade comum”. Analogamente, Sócrates achava que “o homem só deve fazer prosperar o que há de humano em cada um de nós” (MOURA, Maria Lacerda de: *Apêndice da Apologia de Sócrates*, out/1960, p. 92)³². Bellow alerta que a “arte está morta”. Platão cita que para Sócrates “a mais alta arte é a arte de ser homem” [...], pois, “a virtude não obedece senão a consciência.” (ibid. MOURA M. L, 1960, p. 92 e 95).

Ou conforme o relatado anteriormente Bellow enfatizara suas reservas quanto ao sistema judiciário de países que se valem de condenações arbitrárias pela manutenção de uma ordem antes á serviço de instituições de caráter duvidoso que propriamente interessadas em condenar arbitrariedades, formas de persuasão, de corrupção ou violência³³. Analogamente, Sócrates também é indiferente às leis escritas e á justiça dos homens. Portanto, segundo Maria L. Moura:

Indiferente a justiça dos magistrados que mudam ao sabor dos ventos e dos costumes, indiferente à consciência da morte, Sócrates não se preocupou com a defesa. Defendeu apenas o seu pensamento, sua consciência incorruptível. [...] E nas palavras de Sócrates: “Violais as leis escritas como tiranos, eu as violo como um homem justo”, “Violais vossas leis por loucura, eu as violo por sabedoria (p. 109-110)”. [...] Xenofonte afirma que dos 556 juizes; 275 votaram a favor de Sócrates; 281 votaram contra. Sócrates se regozijou do resultado. O que ele queria era conservar o pensamento além da vida: [...] e cita

³² MOURA, Maria Lacerda de. Apêndice [out /1960] à (obra) *Apologia de Sócrates* (8ª ed.). In____. G. D. LEONI e Paulo B. TEIXEIRA (ed. e org.). *Platão volume da Biblioteca Clássica*. São Paulo: Atena Editora, 1960, p. 87-116.

³³ Vale lembrar a nossa nota de meio de página e de rodapé 19 cap 2.5.1. sobre *Where Do We Go From Here*, em que Bellow afirma: “O verdadeiro crente em desordens não gosta de ficção e [...]. É advogado por acidente, ou promotor público para culpar alguém, mas não pode ser autor de ficção. E isto me faz abrir os olhos”.

Sócrates: *“Minha fuga seria a morte da minha palavra, a morte do meu pensamento (p. 111). Não me peças que eu mate minha palavra”*. (Ibid., MOURA M. L, 1960, p. 115).

Para Platão, *“os homens acorrentados em uma caverna, desde a infância, sem poder se levantar, andar ou mesmo voltar a cabeça”* (ibid. MOURA Maria. L, 1960, p. 115) refletiam a dramática metáfora do indivíduo condenado a nascer para em seguida ser acorrentado e bem acomodado a um novo útero, talvez como escravo, talvez como um perdido e resignado à ignorância do seu mundo artificial e limitado. Por trás dos prisioneiros da caverna de Platão brilhava uma luz de uma tênue fogueira, da qual só lhe viam os reflexos e sombras na parede da caverna. *“As sombras, é o mundo, que tomamos como realidade, quando a realidade está na luz, da qual só apreciamos reflexos.”* (ibid. MOURA Maria. L, 1960, p. 115).

Analogamente, Joseph registra em *DM*; as sombras urbanas, que via de sua janela, estampadas no brilho cinza e horrível da fumaça das chaminés que superavam, absurdamente, o brilho natural do céu cinza, no inóspito inverno de Chicago. Tal cena sugere que os obstáculos a que os homens se agarram, pelos quais se corrompem, concorrem e se desesperam contribuem para ofuscar o medo da invariável questão que aflige a humanidade desde o início dos tempos: a consciência da morte.

Como Platão, Joseph visualiza as sombras; sente-se atado, impedido de nascer além do cinza que observa, comodamente, da janela do apartamento. Temeroso, busca sua centelha de bondade em meio à poluição urbana. Procura na vida uma manifestação da eternidade. Busca resgatar, através da sua própria concepção da história e do registro da sua individualidade, um diálogo tanto socrático quanto uma manifestação do judaico; do seu ‘Eu’ humano, com todo o seu legado instintivo, historicamente implícito, busca de respostas a partir do arquétipo herdado da ética inspirada na centelha de bondade: A existência de um ‘Tu’ Eterno, apesar da morte.

A luz desses novos fatos vale relembrar a citação no item 2. 7., pelo que agora é possível concluir que em *Dangling Man* o autor realizou algo inédito, ou seja, uma síntese entre elementos de duas culturas tradicionalmente antagônicas, ou seja, a da antiga Atenas com a da antiga Jerusalém. Das

Luzes da história da filosofia de Atenas (Platão) com as da antiga Jerusalém:

Sem dúvida, estes tapumes, [...] vestígios feios e cegos, também refletiam enquanto espelhos da vida interior. [...] as casas, eram o análogo ao que os homens tinham criado, [...] existiam por [...] algum sentido transcendental, [...] Não fosse assim, os habitantes daqui seriam, de fato, um reflexo das formas, entre as quais viviam [...] mas, eu tentava, continuamente, encontrar os verdadeiros indícios da sua humanidade comum. (*DM*, p. 24-5).

3. A INDIGNAÇÃO DO PROTAGONISTA EM TEMPO DE NAZISMO

3. 1. Crítica à convivência do senso comum

3. 1. 1. Falsa solidariedade e olhares temerosos

Joseph, o protagonista de *Dangling Man*, relata o seu dilema. Ironiza a sua inatividade em seu diário. Diz-se; ele mesmo, um jovem bacharel em história. Afirma que é casado, sem filhos e faz autocrítica do seu passado recente. Lamenta ter acreditado no comportamento ético pelo que se relacionava com os amigos. Posteriormente sentiu-se traído, iludido, enganado. Em suas próprias palavras, em seu diário, Joseph diz que no passado “*era um sujeito agradável aos olhos dos amigos*”, “*sociável, ameno, e despretenso*”. E lamenta o fato de que pouco tempo após, os amigos o tenham abandonado. Tudo por causa de um problema burocrático na convocação militar e “*em tempo de (IIª Grande) Guerra*”. Ele relata que todos se afastaram dele, o que sugere que o medo dos seus ex-amigos fora para ele tão desagradável, como o de uma vítima por doença contagiosa diante dos olhares temerosos de outrem.

O protagonista contesta tal atmosfera social e de transição e compara o tempo em que ele era como todo mundo ao presente em que velhos amigos demonstram reservas e nenhuma solidariedade com sua situação. O ‘novo’ Joseph decepçiona-se com a visão curta e ingênua que o ‘velho’ Joseph tinha dos amigos, e justifica a sua completa mudança ao modo individualista de ser:

As pessoas que a princípio estavam acostumadas a vê-lo como funcionário da Interamericana, um sujeito razoavelmente simpático, aos poucos, passaram a observá-lo com outros olhos. Mas, até mesmo os amigos mais antigos [...]. E apesar da sua ansiedade em ter a sua situação compreendida, ele raramente conseguia obter deles alguma solidariedade ao seu problema. (DM, p. 28)³⁴.

³⁴ [...] “And the people who have begun by taking him for a clerk at Inter-American, a fairly nice chap, begin to look at him with changed eyes. But even his oldest friend [...] and, despite his anxiety to be understood, he cannot always, help, them”. (DM, p. 28).

Todavia, a narrativa revela algumas ironias no intento de alguma compensação dos abalos sofridos pela auto-estima do protagonista. Há o assédio de uma amante que persiste enquanto a sociabilidade dos amigos deixa de existir. Meses antes, ele atuava como funcionário numa agência de turismo. Meses após ser demitido, Joseph lida com suas decepções e sua “descrença nas amizades amenas”. Relembra o tempo em que apreciava o assédio de Kitty, uma jovem e sensual cliente do tempo anterior, quando vendia pacotes de viagem. Joseph a descreve, não sem um certo orgulho; a cena de quando a garota “*voltou para agradecer-lhe as suas sugestões de vendedor*”. O roteiro vendido à Kitty foi uma viagem ao Caribe. Ele ressalta o flerte da moça após ela retornar do *pacote turístico* ali adquirido. Joseph, envaidecido, revela que foram vários os encontros ou programas noturnos a dois, os quais eram, discretamente, desfrutados no apartamento dela.

Joseph contrasta a sua liberdade cidadã anterior à sua posterior situação de imobilidade e desemprego. Se antes tinha amante e podia regozijar-se de sua virilidade jovial e seus direitos de cidadão. Mas, a seguir ele se frustra por depender do “*ganha-pão*” da esposa Iva. Joseph não esconde ter sido adepto de algum orgulho ou sentimento machista ou que preza sentir-se integrado socialmente. Naquele tempo, a propaganda dos governos incitava os jovens para o uso da força física. Se por um lado à mulher ainda se reservava uma condição profissional com restrições, os grandes cartazes de rua de época exibiam convites para o ingresso dos rapazes no exército ou na vida profissional entre foices e martelos enquanto trabalhadores másculos ou musculosos. A própria capa da edição norte-americana de bolso de *Dangling Man*, exibe um desses cartazes de época.

Iva, a mulher de Joseph é uma jovem bibliotecária, com quem ele vive numa casa de cômodos de aluguel. Ele desvanece saudoso de quando possuía tudo o que precisava; esposa carinhosa, amante prazerosa, seus livros prediletos, discos, lazer, o trabalho fácil e agradável na Agência Interamericana de Turismo, solidariedade, despreocupação, em ser carismático para com os amigos e a condição plena de cidadão realizado.

Joseph registra sentir-se bem quando vivia engajado. Lembra da disposição de “*vestir o uniforme da época*”, pelo que inspirava “*um ar maduro*”,

de respeito sem chamar a atenção. O protagonista se compraz ao contemplar suas escolhas do passado. Sobre Iva, Joseph defende que “*é uma boa moça*”, que sempre trabalhou e colaborou, substancialmente, com as despesas do casal. Embora desiludido com a falta de solidariedade dos amigos, surpreso, ele manifesta inconformada inocência.

Ele é assaltado pelos eventos do seu tempo. Aliás, esse é o dilema dos heróis de Bellow, como sempre; homens modernos, cidadãos capturados por algum rolo compressor de acontecimentos momentâneos, históricos e inesperados. Joseph manifesta-se chocado diante da perspectiva de convocação militar. O carimbo urgente faz o seu mundo desabar da noite para o dia.

O protagonista integra o rol dos protagonistas do autor, cheios de dúvidas a esclarecer e sem outra opção que a submersão em odisséias por novas descobertas no mundo mental. Todos, vítimas de situações sem saída, isolados em si mesmos que podiam fazer muito pouco além de respirar. Todos eles, herdeiros da veia romântica, do simbolismo, do naturalismo e formação cultural europeia e com a qual se esforçam em romper.

No primeiro parágrafo de *DM* há uma síntese em que o autor aborda a necessidade aparentemente *sutil* de conquista da consciência individual. O jovem Bellow ali inicia a sua reflexão crítica. Ele sugere uma oculta e aflitiva interrogação sobre o contraditório significado da liberdade. Observa o mundo sob o viés dos riscos e do intelectualizar o estado de suspense com que se depara. Ressalta a humildade que tinha Sócrates e outros filósofos da antiguidade.

A questão da consciência dos limites mortais é para ele; a ética em contraste com a corrupção. O protagonista se mostra indignado com a “*vileza, com a brutalidade e com a baixeza*”. Exemplifica o tipo “*durão*”, que ele diz predominar em seu tempo, o qual, além de se abster do direito de pensar, apenas cumpre ordens em troca de compensações institucionais.

Joseph entra em conflito com o mesmo ambiente onde antes vivia despreocupado. Anteriormente, o seu mundo fluía plácido. Ele não precisava de esforço para se manter no emprego, usufruir de seus livros, dispor da solidariedade dos amigos, desfrutar do relacionamento erótico de uma amante

eventual, etc. Mas o Joseph de agora se sente traído. Se antes ele podia afogar as suas mágoas, agora o preço que para tanto ele teria de pagar é exorbitante. Ele percebe o total impagável de uma dívida que não sabe como contraiu, cujo débito pode representar a entrega da sua própria vida. Convocado em tempo de guerra, indignado, ele escreve: *“Sim tirarei vidas, darei tiros e talvez seja morto”*.

3. 2. Um absurdo diálogo entre o ‘velho’ e o ‘novo’ Eu

3. 2. 1. Dos apoios ilusórios do passado às magoadas incertezas

O ‘novo’ Joseph considera-se traído, e pior, viciado pelos confortos da antiga vida. Ele se vê impotente. Não consegue esquivar-se. Está só. Antes passava o tempo dependente dos outros, ou melhor, interdependente.

O ‘velho’ Joseph podia se dar ao luxo de ser volúvel às mudanças de estado de espírito. Não precisava analisar sentimentos, crises emocionais. Podia dividir-se com os amigos. Nas brigas de casal podia bater a porta e sair, tomar o ônibus *“da linha E1”* direto para o apartamento de Kitty, a sua amante, e ‘descarregar’ as excitações instintivas. Podia ser inconsequente, ter amizades inconsequentes.

Quando Comunista, explodia podia explodir a raiva jovial junto com o amigo e camarada Burns. Este último, o Joseph do presente, relata em seu diário que Burns, naquele tempo, tinha planos estratégicos para cometer ações terroristas e este último, realmente, pretendia explodir prédios na cidade. Tinha mapas dos esgotos urbanos, dos subterrâneos, rotas de fuga, etc. tudo em nome da revolução *bolchevique* que ele e os outros do Partido aguardavam que acontecesse em Chicago.

O Joseph atual ridiculariza Burns e relata tal ocorrência com indignação. Enquanto espera sua convocação, certo dia, Joseph marca um encontro com outro amigo. O encontro ocorre num bar. Ia falar com Myron Adler sobre uma proposta de emprego. Para sua surpresa, Burns estava naquele bar ³⁵.

O Joseph atual passa a ridicularizar Burns diante de Adler. Foi um esbarrão accidental. Burns o ignora e finge não reconhecê-lo. Joseph perde o

³⁵ Cf. citação sobre Burns no Cap. 9. 5. 2..

controle e grita esperando que Burns o escute. Atrapalha Adler, que se preparava para comunicar a proposta de trabalho. Adler, envergonhado e espantado, volta atrás e desiste. Joseph registra tal evento em seu diário e revela, sem arrependimento, que naquele dia exclamou orgulhoso e aos brados para Adler, aos ouvidos de Burns e de todos no bar: *“Esse tipo queria ser o Robespierre americano”!*

Diante de tais problemas, pela primeira vez em sua vida não tem mais ninguém com quem contar. E nem como evadir dessa condição. Sente raiva do seu modo de ser *‘atual’*. E, principalmente, dos enganos que o *‘velho’* Joseph interpretava naturalmente como verdades. Ele se julga enganado, iludido, e se percebe dependente como um ex--viciado em drogas, o qual empenha muito esforço e sofrimento, pela auto-recuperação (*‘do vício’*). Se antes, confiava demais na solidariedade natural dos amigos, agora, face às suas solitárias explosões emocionais, ele se deduz em estado de suspense, *“Um Homem Involuntariamente Inoportuno”* (ou um *Dangling Man*).

Joseph descobre-se tal como um passageiro de um avião em queda que, por pane no motor fica, inutilmente, agarrado ao assento antes da colisão fatal com o solo. Tal qual um ser *oscilante* enganado por apoios ilusórios. Ora está desequilibrado, cego de excitação, ora se apresenta angustiado, sem apoio seguro, entre magoadas incertezas. A sua única companhia passa a ser a sua mesma; a do seu próprio alter ego — embora de contestável idoneidade e com quem mantém um absurdo diálogo. Ele se divide em dois personagens; entre o *‘ele’* e o *‘ele mesmo’*. No caso, o *‘ele’* é o novo Joseph, que vive no presente, e o *‘ele mesmo’* é o *‘velho’* Joseph, uma figura que o *‘novo’* responsabiliza como um ser iludido, enganado, um simplório piedoso do tipo que, no passado, caiu *“no conto do vigário”*.

Se por um lado o *‘ele’* ou o *‘novo’* inicia queixando-se da burocracia militar, e tem motivos de sobra, o *‘novo’* indaga, sem compreender o *‘velho’* Joseph iludido a ponto do *‘novo’* decair tão inconformado com o *‘peso’* da solidariedade que antes julgava ideal.

A convocação tira o seu sono, traz pesadelos noturnos e, ainda mais, o problema dos papéis: Canadense e como estrangeiro, ele tem que passar por um lento processo de investigação antes de ele ser engajado. É o

procedimento padrão em caso enquadrado nas normas de segurança nacional.

Joseph ironiza o seu processo de convocação, registrando-o por *“comédia burocrática”*:

Já se passaram sete meses desde que eu deixei o meu emprego na Agência Interamericana de Viagens, para responder à convocação militar. Ainda estou esperando. Parece coisa tão trivial, uma espécie de comédia burocrática bem arrumada, numa papelada amarrada com uma fita vermelha. (DM, p. 10) ³⁶.

. Se antes ele era um cidadão, agora ele é um elemento sob suspeita. Seus papéis estão retidos e indeferidos pelo comando militar dos EUA. Convocado na condição de soldado de primeira classe (para engajamento imediato), por ser estrangeiro, mesmo canadense, seu caso precisa ser averiguado. Com documento militar em situação irregular, ele é demitido e fica *“sem chance de conseguir algum trabalho que preste”*. Sua espera já dura sete meses. Em seu diário, Joseph, inconformado com seu novo status, diz-se reduzido *“à caixa de 6 lados em que vivo”*.

Ele rejeita a perda temporária dos seus plenos direitos como cidadão. Recusa-se o tratamento de cidadão desprivilegiado. Em seus registros, o personagem faz questão de se mostrar membro de uma classe social personalizada. Em contrapartida, Joseph resiste à sua condição de desempregado, de inativo, de um ser marginalizado. Seus registros sugerem que ele é membro de uma elite intelectual. Embora simpático ao purismo das esquerdas. Mesmo dependente de Iva, ele reage como um fidalgo. Joseph reclama, de um modo obscuro, tratamento diferenciado em nome de sua *‘nobreza’* intelectual. Em diário, proliferam *‘nobres’* citações de intelectuais. Quanto mais irritado com sua mudança forçada de condição social, mais Joseph se valoriza valendo-se de citações de grandes pensadores e filósofos.

³⁶ *“Nearly seven months have gone since I resigned my job at the Inter-American Travel Bureau to answer the Army’s call for induction. I am still waiting. It’s a trivial seeming thing, a sort of bureaucratic comedy trimmed out in red tape”*. (DM, p. 10).

Tal reação revela uma intenção de Bellow em caricaturar as contradições do intelectual das esquerdas de seu tempo: do comunista, que se deixou corromper e que rejeita ser tratado como um desclassificado, *‘um qualquer’*.

Entre suas inúmeras reações de inconformismo há sua recusa em aceitar pertencer à classe *‘baixa’*. Afinal, ele é bacharel graduado em história. Mesmo desempregado ele não reconhece a sua vizinhança à sua altura. Neste sentido, ele se vale de inúmeras sofisticadas citações, em seu diário, de Aristóteles a Thomas Hobbes³⁷, poetas e escritores como válvula de escape à sua condição atual. Seus relatos refletem um estado generalizado de ansiedade e de suspense. Como não sentir fracasso diante do bem sucedido o irmão Amós, que recrimina Joseph por este último ter se casado com a suburbana Iva enquanto Amós confirma que sua esposa Dolly foi uma escolha muito mais sensata. Afinal, em seu diário Joseph repete as exclamações de Amós sobre Dolly ser filha de uma rica e legítima família anglo-saxã da Nova Inglaterra. Em contrapartida, Joseph chega a citar *“As filhas do Sião”* de Isaías [3,16], ao referir-se sobre as consequências exemplares do viés monstruoso da sedução feminina.

Mas, isso não adianta para fazer com que Joseph supere seu estado de suspense. É difícil encarar os amigos ou os sogros, os Almstads, os pais de Iva, além das insinuações da sua sogra. Além dos vizinhos da pensão Joseph sente-se afetado até mesmo diante do pobre, velho e bêbado Sr. Vanaker³⁸. Como não sentir-se culpado ou não sentir compaixão pela condição de Iva, que sai de manhã para trabalhar, enquanto *“ele fica deitado”*, *“sai para dar umas voltas”*, ou de noite, sai para encontrar a amante Kitty e Iva fica só, à sua espera? Das crises de ansiedade às recaídas narcisistas Joseph oscila para compensar o seu orgulho ferido e, de um modo dissimulado, a sua masculinidade visivelmente afetada.

3. 2. 2. Joseph inconformado

O protagonista tem pesadelos. Bellow mostra o personagem

³⁷ Maiores detalhes sobre as idéias de Aristóteles e Hobbes ver no cap. 9. 2. e 9. 3.

³⁸ As questões relativas ao personagem Sr. Vanaker ver Cap. 9. 6..3.

inconformado em não poder mais contar com os apoios que tinha, os quais, no presente, para ele em crise de abstinência afetiva passam, a aflorar como vícios ou dependências do passado. Ele lamenta ter acreditado e se submetido ao prazer das amizades passadas. Relata com ironia a condição dele mesmo do passado, como a de um intelectual pequeno-burguês que aparenta solidariedade aos mais pobres, mas quando ele mesmo se vê em tal situação, se corrompe. Para o Joseph atual, o seu ‘*velho Eu*’ submergiu aos apelos ilusórios. Acreditou cegamente nos amigos e no empregador. Joseph sugere que estes últimos foram tão traiçoeiros. Aliás, entre as ironias do herói há sugestivas comparações à condição de personagens da literatura universal em busca de riqueza, prazeres e solidariedade. Ele tenta obter algum consolo, uma depuração da bondade ao viés judaico. Assim, segundo tal viés, a bondade a partir da obra eterna é uma quintessência, na obra humana é uma quintessência da quintessência, portanto, muito mais rara e mesmo quase impossível de ser depurada. Mas, o nosso herói nunca desiste.

O Joseph do presente lamenta que o ‘*velho Eu*’ tenha adotado o hábito da dependência social como modo de vida, que, aliás, o herói sugere que segue os mesmos parâmetros presentes na cultura ocidental propostos por Aristóteles. Trata-se de algo enraizado há milênios e que embora Joseph, ironicamente, desgoste, é um legado tão historicamente presente como, na prática, inato e do qual é quase impossível se livrar.

Freud compara tal dificuldade de ruptura com vícios do passado sob o viés da tomada de consciência do ser humano em relação à suas paixões e instintos primordiais (cf. cap. 3. 3. 1.). Nesse sentido, para o psicanalista, a história é um registro universal de “reveses”, de períodos estanques. Todavia, desde o princípio o ser humano trava uma luta sem tréguas pela consciência civilizada ou pela ética, mas as reminiscências instintivas, mesmo as do período pré-histórico, sempre teimam em predominar. Para Freud, a história não é uma referência de progresso, mas um exemplo de erros. As revelações sobre tais erros são a base do mundo civilizado. O primeiro deles, segundo o psicanalista, é a culpa pelo “*assassinato primordial*”.

3. 3. Do “*Não Matarás*” ao viés psicanalítico

A ética do “*Não Matarás*” contrapõe-se à selvageria pré-histórica, todavia, seguem-se períodos históricos de novos massacres, assassinatos e novas tentativas de resgate da consciência ética, num ciclo vicioso sem fim, pleno de vãs e bem intencionadas tentativas frustradas. O “*assassinato primordial*”, tal qual a referência de Freud, também é citado por Joseph.

Para Freud, as tentativas de renovação da ética civilizada esbarram nos reveses históricos. Para o psicanalista a história é uma luta pela consciência do ser humano em relação aos seus instintos mais selvagens ou primitivos. A história é um compêndio de raros períodos de desenvolvimento da ética seguidos por vastos e negros momentos de decadência e retornos às mais selvagens manifestações de tiranias. Mas Freud justifica que entre os vaivéns há uma possibilidade de ruptura com o passado instintivo, selvagem e primordial, ou seja, há uma chance de resgate da consciência humanizada que ficou estanque em algum dos reveses da história.

3. 3. 1. O protagonista e o legado do “*homem primevo*” de Freud

A releitura de Freud sugere exemplos e justificativas. Dá a entender que desde o princípio dos tempos a observação dos erros e experiências do passado mostra que há sempre um tempo certo para tais rupturas com o ‘selvagem’ e a predominância do ‘civilizado’. Ou seja, há sempre, para o homem, um tempo certo para nascer, para deixar o útero materno, como houve um tempo histórico, de ruptura, em que o homem deixou as cavernas na pré-história. Do mesmo modo, há um tempo certo para a semente deixar o fruto que apodrece, assim como há o tempo pré-determinado para o recém-nascido sair do ventre. Há o tempo certo para deixarmos a casa dos nossos pais, a escola e, também; há o tempo certo para descartarmos-nos do corpo. Ele registra o viés selvagem do “*homem primevo filho e assassino do pai primordial*” que Freud aborda em *Totem e Tabu*:

E é aqui que eu sinto ser necessário reviver o ‘velho’ Joseph, aquela criatura cheia de planos. Ele perguntava a si mesmo uma questão que eu ainda gostaria que me fosse respondida: De que modo um homem bom deve ser? Como deve fazer para isso acontecer? Apesar dos planos.

Desafortunadamente, na maior parte das vezes, eles são pura tolice. Além do mais, por causa deles Joseph passou a mentir para si mesmo. E cometeu erros, do tipo que se comete quando as pessoas veem das coisas apenas o que querem ver. Ou seja, de acordo com o planejado. Neste caso, pode haver alguma justiça na concepção de que o homem é descendente do matador do pai primordial e do seu irmão. O assassino primevo atuava pleno em reações impensadas. Era inconsequente, instintivo, sanguinário, licencioso e desregrado como um animal selvagem que nunca foi domado. Ele (o 'velho' Joseph) protestava, pois não conseguia nem aceitar, nem perceber, muito menos depurar da sua vida interior, nenhum indício do tal ódio remanescente dos primórdios imemoriais. Mas, ele não podia ou não sabia como proceder a esse respeito. No passado, ele, piedosamente, não acreditava em outra coisa que, em sua pretensiosa e indiscutível mansidão. Ele vivia tão, naturalmente, convencido da sua irretorquível e afável esperteza que, por conseguinte, permitia que por causa desta interferência, ele viesse a prestar um desserviço a si mesmo e outro aos seus amigos. E, nada funcionara. Ele (o próprio protagonista refere-se a si mesmo em 3ª pessoa e no passado) queria formar uma "colônia do espírito" ou um grupo que convencionasse proibir o despeito, a crueldade e a ferocidade sanguinária. Golpear, dilacerar, assassinar são coisas para quem não percebe a temporalidade da vida, que sob condições, meramente, instintivas. Percepção esta, que sob reações naturais tende à completa atrofia. (DM, p. 39).

O mundo é cruel e perigoso e medidas precisam ser tomadas. Senão, a existência pode ser segundo a expressão de Hobbes, sempre citada por Joseph: *"a existência pode ser vil, brutal e baixa"*. Mas, isso não precisa ser assim, se pelo menos alguns indivíduos, combinarem e se dispuserem, ativamente, em legítima defesa, perante os perigos e as crueldades. (DM, p. 39 40. Parênteses nossos, grifo nosso,

aspas do autor)³⁹.

Joseph registra que somos, em essência, ligados a algo maior. Que estamos à espera do tempo certo para nos livrarmos de um fardo, das imposições circunstanciais, de algum invólucro certamente descartável de onde um dia sairemos como sementes para um novo frutificar. Ele se diz um caçador de si mesmo. E reflete sobre a perspectiva histórica do seu mundo em guerra em relação à necessidade de superação dos limites e temores. Ele questiona a propagação da insensibilidade por causa de ideias contestáveis.

3. 3. 2. ***“Quem pode ser um caçador de si mesmo quando está constrangido”?***

Ele questiona a desindividualização em voga naquele momento onde milhões de vidas cumpriam ordens, seja ao vestirem uniformes militares, seja entre os milhões civis condenados a morte pelo Holocausto, seja os que se diziam obrigados a torturar e a matar em nome de instituições e tribunais de ética discutível. De todo modo, Bellow dispõe o seu protagonista a refletir sobre aquele que mata à serviço de um governo tirano sem nenhuma contestação, sem nenhum resgate da consciência individual mesmo naquele momento onde a massificação virava moda. Bellow contesta abdicação do

³⁹ *“And here I feel it necessary to revive Joseph, that creature of plans. He asked himself a question I still would answered, namely, “How should a good man live; what ought to be to do?” Hence the plans. Unfortunately, most of them were foolish. Also, they led him to be untrue to himself. He made mistakes of the sort people make who see things as they wish to see them or, for the sake of their plans, must see them. There might be some justice in the view that man was born the slayer of his father and of his brother, full of instinctive bloody rages, licentious and unruly from his earliest days, an animal who had to be tamed. But, he protested, he could find himself no such history of hate overcome. He could not. He believed in his own mildness in it piously. He allowed his belief to interfere with his natural shrewdness and did both himself and his friends a disservice. They could not give him what he wanted. What he wanted was a “colony of the spirit” or a group whose covenants forbade spite, bloodiness, and cruelty. To hack, to tear, to murder was for those in whom sense of the temporariness of life had shrunk. (DM, p. 39. The word was crude and it was dangerous and, if no measures were taken, existence could indeed become — in Hobbes phrase, which had ago lodged in Joseph mind — “nasty, brutish, short”. It need not become so if a number of others would combine to defend themselves against danger and crudity.” (DM, p. 39-40. Aspas do autor).*

indivíduo em nome de regras e aponta os riscos. Neste sentido, muitos críticos afirmam que *Dangling Man* foi um romance influenciado pelas ideias europeias anteriores à escalada da modernidade ou da massificação e dos efeitos do gigantismo industrial do século XX. Que *DM* representa uma literatura intermediária, onde o ‘jovem’ Bellow alerta sobre os riscos da total abdicação da individualidade, que estava se perdendo, em troca das propagadas benesses da modernidade em favor das massas. O seu protagonista faz um apelo romântico desesperado pelo um retorno de um momento histórico e literário do século XIX, diante da ascensão de instituições modernas fundadas em ideologias de massa, como o nazismo, o stalinismo, etc.: O ‘jovem’ Bellow realiza, através de Joseph, um belo apelo romântico pelo resgate da ética que então, de modo exemplar, se perdia:

Somos levados a superar uma grande pressão no sentido de nos fazer subestimar a nós mesmos. Por outro lado, a civilização nos ensina que cada um de nós tem um preço inestimável. Sendo assim, há duas preparações, uma para a vida e outra para a morte. Neste sentido, nos valorizamos, nos envergonhamos e viramos durões. [...] O resultado é que aprendemos a ser insensíveis e desinteressados em relação a nós mesmos. Quem pode ser um zeloso caçador de si mesmo quando está estrangido por circunstâncias como, por exemplo, pela correnteza das águas de um rio canalizado entre dois elevados paredões de concreto? Por que devo simplesmente me deixar escorrer como mais um do cardume direto para os baixios da represa, ao léu e indiferentemente? Preciso conhecer-me e através de mim mesmo para saber o que de fato sou. (*DM*, p. 119) ⁴⁰.

⁴⁰ “Great pressure is brought to bear make us undervalue ourselves. On the other hand, civilization teaches that each of us is an inestimable prize. There are, then, these two preparations: one for life and the other for death. Therefore we value and are ashamed to value ourselves, are hard-boiled. [...] the result is that we learn to be unfeeling toward ourselves and incurious. Who can be a earnest huntsman of himself when he knows he is turn a quarry? Or nothing so distinctive as quarry, but one a shoal, driven toward the weirs. But I must know what I myself am” (*DM*, p. 119).

Nos romances posteriores de Bellow, tal viés romântico, pela odisseia individual do herói, com nítida influência da literatura europeia do século XIX não aparece mais. Ao contrário, a partir de *As Aventuras de Augie March* [1953] Bellow incorpora protagonistas que rejeitam qualquer idealismo. Os heróis posteriores são tipos urbanos, cidadãos anônimos sem outra pretensão que a manutenção do direito ao próprio anonimato. Todavia, em *DM* o jovem autor se dizia declaradamente influenciado pelo então ‘velho’ Freud⁴¹. Bellow configurou Joseph como crítico sagaz dos “Erros da História”, dos assassinatos em massa e das ideias humanistas corrompidas por tiranias históricas. A decadência da antiga Atenas é sempre um fato exemplar e irresistível em Bellow.

3. 4. Do ‘Eu’ que depende do outro de Aristóteles ao “Homem integral” de Nietzsche, livre dos apoios habituais e almejado por Joseph

Neste sentido, Joseph manifesta-se contrário ao ser político ideal de Aristóteles, que é acostumado (como o ‘velho’ Joseph) a depender dos outros e habitua-se a não poder mais realizar sozinho as funções necessárias à sua manutenção. Para o protagonista, o cidadão do filósofo grego é um ser, essencialmente, apaixonado e persuadido a viver, impensadamente, em paz com os demais. O cidadão da antiga *polis* de Aristóteles (conforme nossa nota de rodapé 119, cap.9) era, pois, movido a medo da solidão e ameaçado com o exílio da polis, posto que não fosse ensinado a sobreviver sem os apoios habituais. Em *A Política*⁴², determina que o cidadão, após habituado a

⁴¹ Freud faleceu dois anos antes do ‘jovem’ Bellow iniciar *Dangling Man*. O biógrafo James Atlas cita entrevistas de Bellow em que ele declara que desde os seus 16 anos os livros de Freud não saiam da sua cabeceira. E ele começou *DM* aos 23 anos.

⁴² A influência de Aristóteles em *DM* surge no 1º parágrafo, onde o protagonista cita: “o código do atleta, do durão [...] como uma herança americana [...] com algumas origens que remontam a Alexandre o Grande”. Aristóteles foi tutor de Alexandre o Grande, Rei da Macedônia, rei que, segundo cita Maquiavel em *O Príncipe*, vivia com a mãe. Alexandre foi assassinado em 323 AEC. Diante do clima de conspiração política da época, Aristóteles teve de fugir, vindo a falecer doente um ano depois. O

depende de outrem, fica persuadido a manter paz por conveniência subjetiva, total inaptidão à plena independência emocional.

Entretanto, o 'novo' Joseph almeja ser "*um homem integral*", ideal, aliás, visivelmente oposto ao do homem político, ou ao modelo político de interdependência de Aristóteles. Joseph analisa no viés freudiano e busca paralelos com o horror de sua própria época, que ele diz ser "*uma era condenada*".

Joseph sugere que o mestre grego era adepto da pedagogia que determina que o cidadão, depois de habituado a depender de outrem, fica persuadido a manter paz por conveniência subjetiva. Ou seja, uma vez habituado (viciado) manifesta total inaptidão psíquica para independência emocional. Mas, Joseph considera isso traição.

Ao protagonista, a ideia de Aristóteles é uma prévia ameaça aos cidadãos, que após anos de condicionamento a um modo de vida onde carências de cada cidadão eram relacionadas a uma visão de mundo voltada à dependência de um pelo outro. Segundo Aristóteles, tal relação que termina por gerar uma necessidade quase compulsiva de um pelo outro, poderia inibir a violência. Tal modelo passou a ser utilizado ao longo da história.

A teoria política de Aristóteles propõe o exercício da especialização ou de uma função específica para cada cidadão. Uma vez habituado a tal modelo de interdependência não há como escapar. Um passa a depender do outro.

parágrafo abaixo é uma citação de Aristóteles sobre o sistema político, ao que era favorável, onde "*indivíduo-bom cidadão*" devia ser dependente, dócil, consciente das suas limitações, dividir-se com os demais e nunca exercer mais de uma função, para assim, sempre precisar de outrem. O 'novo' Joseph é favorável a uma ideia de cidadania, exatamente, oposta à de Aristóteles, já que ele tenciona um dia vir a ser "*um homem integral*". Joseph alerta que o "*durão*" ou o "*bruto*" é o mesmo indivíduo, dividido, passional e dependente e pouco flexível que Aristóteles dizia ser dócil. Segue no próximo parágrafo uma respectiva citação de *A Política*:

"Evidentemente, o Estado está na ordem da natureza e antes do indivíduo: porque, se cada indivíduo isolado não se basta a si mesmo, assim também se dará com as partes em relação ao todo. Ora, aquele que não pode viver em sociedade, ou que de nada precisa por basta-se a si próprio, não faz parte do Estado; é um bruto ou um deus". [ARISTÓTELES (384-322 AEC), **A Política**. Tradução de Silveira Chaves. São Paulo: Atena Editora, 1944, Livro 1, Cap.1, Art. 11, p. 13.].

É neste sentido que Joseph se refere a tal fórmula de dominação como “*um açoite*” exemplar remanescente da história. Se o ‘*velho*’ Joseph não conseguia viver sem os amigos e dividia funções, o Joseph do presente tenta lidar sozinho, nem com suas próprias emoções, mas precisa do mundo exterior para tudo. Sente a dor da solidão como um viciado em crise de abstinência, ou um alcoólatra sem acesso à bebida.

3. 5. O ‘Eu’ indiferente e hostilizado de Kafka

Fechado em seu quarto, o herói busca opções a partir de suas “*transações íntimas*” ao invés das transações comerciais comuns ao mundo exterior. Malcolm Bradbury diz que o protagonista expressa uma forma de consciência literária. Ele diz que Bellow resgata uma identidade perdida por causa da alienação do “Eu” em meio à natureza “*urbana hostil e indiferente*” e afirma que a narrativa de Bellow exprime:

A literatura do ‘Eu’ alienado [...] e tem em mira identificar, a partir de uma intenção metafísica, um peso e medida significativamente humana, mas num tempo, aliás, onde ele observa a natureza urbana hostil ou indiferente da metrópole. [Op.Cit. Saul Bellow and Changing History, 1978, p. 130-1].

A questão do ‘Eu’ é tratada por Daniel Fuchs em seu ensaio *Bellow and Freud*. Fuchs aborda a questão da dependência, do “*encarceramento kafkaniano*”, que tem origem na ótica da dependência aristotélica. Daniel Fuchs cita:

O encarceramento do ser tal qual o aprisionado de Kafka. [...]. Bellow suspeita que a interpretação simbólica e livre dos desejos como um caminho em que o inconsciente pode tyrannizar o consciente ou como um obscuro motivo sobre a espontaneidade. Fuchs também comenta a divergência de Bellow relativa à psicanálise de que “a interpretação simbólica dos sonhos pode anular o livre arbítrio [...], e que o resultado pode ser uma escolástica que infecta não só o mundo freudiano como o da literatura”. Fuchs lembra que embora

Bellow fosse leitor de Freud, ele nunca aceitou a frieza lógica inerente ao germanismo de Freud e sempre recusou reprimir os instintos dos personagens com regras, ideologias, esperança de cura, crenças salvacionistas etc. Sobre a repressão da espontaneidade a qual Bellow era absolutamente contrário, Fuchs relata a ironia de Bellow sobre os excessos de alguns seguidores da escola psicanalítica: “Leitores do mundo precavei-vos, ou nunca mais verão a luz do dia”. (FUCHS, 1984, p. 30) ⁴³.

Joseph espelha a visão secular de mundo do autor em relação às opções de engajamento na sociedade americana dos anos 1940. A obra revela uma busca pelos caminhos possíveis ou um modo de participação social e intelectual a partir do continuum histórico. Determina uma perspectiva posterior a partir de diferentes referenciais que vão desde o legado familiar europeu e judaico do autor à condição de imigrante em Chicago. Todavia, não descarta a influência da sua formação acadêmica e literária fundada, primordialmente, em autores europeus. Vale notar que tal viés (psicanalítico) de intenção de ruptura relaciona-se ao rompimento do autor com sua formação europeia.

A sutileza de tal ruptura está em que para Bellow, isso depende antes de um profundo conhecimento e intensos levantamentos sobre o mesmo. Em outras palavras, para Bellow, romper não significava esquecer, mas desconstruir, analisar e reconstruir.

A busca das reminiscências da história está presente desde o início de sua carreira. O seu primeiro protagonista já escava as ruínas do passado e reascende questionamentos a partir de velhos fragmentos de uma memória traduzida em sentimentos. Cada protagonista de Bellow reaviva emoções, provoca o despertar da consciência sobre os instintos naturais, busca a sua liberação de obsessões desde antigas familiaridades naturais e redescobre a memória retida num tempo perdido.

⁴³ FUCHS, Daniel. Saul Bellow and Freud. In _____. Gloria L. CRONIN e L. H. GOLDMAM (orgs.). **Saul Bellow In The 1980^s**. East Lansing, Michigan: Michigan State University Press, 1989. [Publicado originalmente em *Studies in the Literary Imagination* 17”, no 2, 1984], p. 59-80.

Todos procuram uma alternativa para reconstituir os laços inatos rompidos por um renascimento da ética em seu presente. Joseph na metrópole de Chicago. De tal resgate, elos desconexos vêm à tona, dos quais transparecem elementos, aliás, ocultos de geração em geração. A formação judaica original também é reinterpretada e artisticamente reinventada ou recriada em formas originais e papéis seculares.

3. 6. O “caos” de Nietzsche⁴⁴ ao inédito

3. 6. 1. Rompendo o círculo piedoso de reações ancestrais

O herói de Bellow é um homem moderno cheio de dúvidas. Ele vive um mundo mental isolado em si mesmo, mas herdeiro da veia romântica. Todavia ele descrê donatismo físico e atmosférico do mundo. E ele justifica, poeticamente, a sua descrença:

Minhas crenças são inadequadas, elas não me protegem. Eu penso invariavelmente no toldo da loja da esquina. Ele me protege mais contra o vento e a chuva que as minhas crenças do caos⁴⁵ a que estou sendo forçado a encarar. “Deus não ama os que são incapazes de dormir profundamente” — diz

⁴⁴ Vale notar que tal ironia de DM é tipicamente relativa às formas chistosas, ao estilo do irônico — ‘witz’ — dos pensadores alemães nos séculos XVIII e XIX, a exemplo da seguinte citação de Nietzsche: “*É preciso ter um caos dentro de si mesmo para dar luz a uma estrela cintilante.* [NIETZSCHE, F, *Assim Falou Zaratustra*, p.28. *Op.Cit.*]. É bom frisar que na Europa nazificada e naquele momento histórico [nos anos 1940], o intelectual de origem judaica que fosse considerado ‘GERMANISTA’ pelos nazistas era, automaticamente, condenado a tortura ou a morte num campo de concentração alemão. Neste sentido, o ‘jovem’ Bellow afrontava, desde a sua Chicago, aos nazistas alemães. Além do que, no fim do livro o protagonista de DM é engajado nas ‘forças aliadas’ para combater o nazismo. Por ironia, no pós-guerra o autor veio a assumir, como legítimo herdeiro, ‘o espólio ético e humanista’, bem como o de Nietzsche e em nome do mundo civilizado. ‘Herança’ aliás, reconhecida (pelos seus milhares de leitores e) pelos seus vários prêmios, entre os quais, o Nobel de 1976.

⁴⁵ Ver nota anterior.

um velho ditado.(DM, 123)⁴⁶.

Neste sentido, Marcolm Bradbury esclarece que nos romances de Bellow:

Mundo e consciência são essencialmente estranhos: O mundo é uma matéria substancial e requer um processo sistemático de investimentos que envolvem um alto custo de consciência (BRADBURY, *Changing History*, p 133) ⁴⁷.

No mundo de Joseph, velhos apoios sociais são rompidos. Carências emocionais, desde o velho mundo, deixam de ser deslocadas pelo personagem, especialmente, nos cenários de sua Chicago, de imigrantes judeus e europeus.

As reminiscências dos círculos de reações familiares precisavam ser levantadas. A memória dos reveses históricos das antigas aldeias judaicas (*stetls*) e guetos europeus não podia mais ser retomada como de costume. Antigas crenças e maneiras remanescentes apenas, servem como princípio, como adubo, para o crescimento de novas formas.

O antigo círculo de relações, que no passado, que fornecia apoio religioso a partir de elementos judaicos é dirigido à formação (ou readaptação) de uma identidade cultural americana moderna e de caráter universal.

Nesse sentido, os imigrantes europeus em Chicago [1920-30] romperam com o círculo de relações sociais e familiares determinantes do modo de vida no velho mundo. Ao mesmo tempo, enquanto a princípio o círculo de reações ancestrais se rompia, pouco do novo ambiente era imediatamente, absorvido.

Bellow representa uma fusão de abordagens em relação a tais

⁴⁶ “My beliefs are inadequate, they do not guard me. I think invariably of the awning of the store on the corner. It gives me as much protection against the rain and the win as my beliefs give against the chaos. I am forced to face. ‘God does not love those are unable to sleep soundly’, runs an old saying”. (DM, 123).

⁴⁷ Cf. BRADBURY, Malcolm. Saul Bellow and Changing History [1978]. In____. Harold BLOOM (ed. e org.), **Saul Bellow**. New York: Chelsea House Publishers, 1986, p. 129-146.

rompimentos (e ‘re-ligações’) além da sua formação como bacharel em sociologia e antropologia [1934-38].

Certas atitudes do protagonista sugerem uma influência da formação religiosa ortodoxa e judaica da infância do autor no protagonista como base para suas construções. Há um forte apelo à bondade, como na *Bíblia Hebraica* onde, do primeiro ao quinto Livro, há inúmeras referências à bondade do Eterno, a exemplo de em *Gênesis* logo após a “criação do mundo”, Ele “viu que o mundo é bom”. Tal enfoque é contrário à visão de mundo crítica e intolerante do primeiro livro do Novo Testamento. A tolerância do autor (através do judaico) é oposta à visão crítica de Mateus, onde os judeus são inúmeras vezes e explicitamente caluniados e xingados em nome da dilapidação de um passado tido como nefasto por uma novidade tida por santificada e salvadora. Ao contrário, a questão da história do “*Princípio*” em Bellow é sempre relativa à “*Bondade*”. A presença do judaico aparece sob a ética da não discriminação, da não censura e do não ataque às velhas tradições.

Antes do descarte ou do apagamento de velhas histórias em troca de uma nova, Bellow destaca os mínimos detalhes de bondade, mesmo em seu tempo, naquele momento histórico onde acontecia o Holocausto nazista. A ‘busca da quintessência’ é sempre essencial. É filtrada até mesmo dos sentimentos rancorosos ou preconceituosos relativos aos elementos ou comportamentos herdados (principalmente da diáspora europeia). O termo quintessência está presente em *Hamlet* de Shakespeare ou em Goethe, cuja temática de seu romance *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* versa de uma trupe de teatro a encenar *Hamlet* de Shakespeare. Joseph cita Werther, de Goethe, que na obra homônima se corresponde com Wilhelm, segundo a crítica, William (em inglês), ou melhor, metáfora de William Shakespeare. Não se trata de dizer que Hamlet ou Werther influenciaram o ‘jovem’ Bellow, mas que o autor saboreou das mesmas fontes. Deste modo, por beber nas mesmas fontes (judaicas e universais), o ‘jovem’ Bellow além de não esconder sua pretensão à fama, não deixava de estimular comparações entre a sua obra e a dos autores consagrados, pela inserção no rol da literatura universal.

É neste sentido que, por ironia e segundo seus críticos, Bellow cita em vários de seus ensaios o filósofo espanhol Ortega y Gasset. No primeiro livro publicado pelo filósofo, *Meditaciones del Quijote* [1914], Gasset realiza uma verdadeira apologia à tolerância e ao amor. Segundo ele:

A luta com um inimigo que se compreende é a verdadeira tolerância, [...] sendo que, as virtudes de condescendência são escassas nos povos pobres de espírito.” (ORTEGA y GASSET, 1914)⁴⁸.

3. 7. A ‘Escola de Sociologia de Chicago’ e a tolerância interétnica

3. 7. 1. Da Europa das restrições sectárias de Max Weber aos inauditos apelos por cidadania e modernidade de Georg Simmel

Outras ideias também influíam na obra de Bellow. Em Chicago, Louis Wirth, um conhecido estudioso da ‘Escola de Sociologia de Chicago’, experimentava uma nova perspectiva metodológica de sociologia urbana. A mesma se aplicava às circunstâncias multiculturais relativas às metrópoles norte-americanas. A intenção de reconstrução sobre o passado transparece quando Joseph vai ao jantar no dia de Natal na casa do irmão Amós. Nem Joseph, nem o seu irmão assumem-se como cristãos, mas, não excluem os cristãos, mesmo porque, suas mulheres são cristãs, mas eles não deixam de ser judeus.

3. 7. 2. Dos ecos do passado em *The Ghetto* de Louis Wirth à flexibilidade institucional de Ezra Park na América

O ‘jovem’ Bellow bacharelou-se em sociologia e sem dúvida, teve contato com a obra de Wirth e a de Ezra Park.

Vale notar, que Chicago até os anos 1920 chegou a ter uma população de 80% de imigrantes estrangeiros. Tal fato tem uma relevância essencial na obra de Saul Bellow. A flexibilidade institucional dos métodos empregados por Robert Ezra Park ou Louis Wirth, da ‘Escola de Chicago’, contrastava com a

⁴⁸ ORTEGA y GASSET, José. **Meditaciones del Quijote** [1914], Madrid: Revista de Occidente en Alianza Editorial, 1999. 6ª edición.

rigidez sistemática dos métodos europeus. A vastidão da América sem dúvida influencia Bellow. Não só pelo contraste com a Europa dividida entre fronteiras nacionais, regionais e provinciais. Tal exemplo histórico foi causa da emigração de grandes massas da Europa, ou seja, devido à fragmentação geográfica de guetos que segregavam etnias e à tradição de classes sociais rigidamente dispostas segundo critérios da nobreza. Os ecos do passado ressoavam à Wirth sob a influência de antigas estratificações classificatórias que não se aplicavam América. Estamentos da sociedade de fidalgos e plebeus não se justapunham ao contexto norte-americano.

As primeiras tentativas de rompimento com tais estamentos partiam da própria Europa. Em 1902 ⁴⁹, Georg Simmel já abordara na Alemanha a questão da modernidade da metrópole dividida em categorias sócio-profissionais cada vez mais especializadas. Max Weber em 1895⁵⁰ notava as divisões religiosas e culturais que observava das relações sociais e econômicas de etnias polonesas e alemãs na região fronteira entre ambos os países.

Em Chicago, 1928, Louis Wirth publica *The Ghetto*, um estudo sociológico sobre o processo de dissolução dos guetos judaicos na Europa. A questão da reintegração (readaptação) de populações, antes divididas entre fronteiras urbanas e lingüísticas era primordial. Ao contrário da metodologia (sociológica) europeia, a americana descaracterizava a divisão de etnias em territórios de quarentena ou guetos institucionalizados. Em Chicago visava-se a amplitude territorial do Novo Mundo, o sincretismo entre os imigrantes e aberturas para a formação de novos hábitos ou de uma identidade americana. Tal viés, sem dúvida, provocou uma nova reflexão ficcional em verossimilhança às novas possibilidades.

O jovem Bellow trata o sectarismo conflitante das fronteiras europeias em

⁴⁹ Cf. SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental [1902]. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. In____. Octávio Guilherme VELHO (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976, p. 11-25.

⁵⁰ Cf. WEBER, Max. O Estado Nacional e a Política Econômica [1895]. Tradução de Gabriel Cohn. In____. Gabriel COHN (org.). **Weber: Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1979, p. 58-79.

relação à suas respectivas razões parciais. Ele busca novos apoios universais, de maior amplitude, abrangência e tolerância interétnica, prática, aliás, desconhecida pelos europeus, pelo menos até o pós-guerra,

Antes disso, nos anos 1910-30, Louis Wirth promovia em Chicago o estudo sobre a passagem do modo de vida comunitário — da aldeia europeia (que Wirth chamava de “*comunidade folk*”) ao da metrópole de Chicago. Em suas avaliações, ele observa as consequências sociais da desagregação dos grupos originais. Em sua obra *The Ghetto* [1928] comentou que:

O isolamento territorial do gueto traduzia um estado mental. [...] Mas, quando os muros do gueto europeu, finalmente caíram, ao menos o suficiente para que os habitantes de dentro pudessem escapar da condição inata, os que podiam, arriscavam-se além dos antigos limites. [...] Apesar de que, para eles, a vida do lado de fora, era estranha, mas fascinante, e dentro, eles ficavam submissos a restrições sectárias relativas ao pequeno grupo de nascença. Oscilavam então, entre ambos, sem pleno engajamento em nenhum dos dois lados. (WIRTH, 1928, p. 287 e 289-290) ⁵¹.

Wirth observava o início do processo de transferência a partir das oscilações das antigas relações sociais. O protagonista de Bellow espelha o círculo ancestral. Revela algo da antiga geografia, do legado isolado das pequenas comunidades europeias do passado. Redescobre as relações familiares e as contextualiza interiorizadas, amadurecidas e compensadas enquanto valores morais através das suas “*transações íntimas*” (DM, p. 9).

Joseph interioriza, depura e provoca o florescimento de novas relações. Bellow dispõe seu protagonista sob bases moralmente individuais, amadurecendo no processo de desenvolvimento das relações urbanas e na metrópole do novo mundo.

O isolamento geográfico anterior, ou entre os ‘*muros do gueto*’, reaparece

⁵¹ Cf. WIRTH, Louis. **The Ghetto** [1928]. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

(em *DM*) como semente de uma nova perspectiva de vida judaica. A sofrível experiência europeia, de séculos de isolamento social é transluzida, em forma de diário, pela formação individual do personagem. A *'bagagem'* histórica é reaproveitada como matéria-prima pela nova perspectiva de emancipação do legado natural, sob um viés *psicológico* individualizado na metrópole norte-americana.

O método histórico provoca o desencajamento de reações naturais (inatas). Rejeita a inocência dos antigos vínculos antes incontestáveis e abre novas possibilidades. O personagem individualiza-se a partir da retomada da experiência histórica vivenciada a partir de elementos originais. Ele os redesenha a partir de “antigos” círculos viciosos, fechados e comuns.

O que na Europa era inerente a uma condição particular de isolamento social, ou de segregação vulgar muda de figura. Em Chicago é matéria-prima ou *'novos tijolos'* para a *'construção'* ou formação de estruturas sociais e psicológicas, cada vez mais elaboradas e liberadoras. O antigo círculo de relações e reações familiares é incorporado pelo processo de individualização do protagonista.

Novas opções de engajamento são abertas. O viés da individualização transparece em *Dangling Man* nas reflexões *"do velho pelo novo Joseph"* a partir de expressões interiorizadas.

Goldman sugere em *Saul Bellow's Moral Vision*⁵², que as diferentes conexões realizadas por Bellow revelam-se como tais, enquanto reflexões de um tempo em crise sobre um período de transição. Assim, as antigas fórmulas de salvação, as antigas instituições comunitárias do mundo rural, das aldeias europeias são transferidas ao personagem, psicologicamente; frágil, solitário e isolado da sua vida comunitária.

O círculo de reações naturais familiares e sociais (dos guetos e aldeias judaicas da Europa) é rompido na mente de Joseph. O aflorar da experiência histórica em suas *"transações íntimas"* equivale à liberação e amadurecimento de um filho a partir de um contexto paternalista e autoritário. Todavia, o

⁵² Cf. GOLDMAN, L. H. **Saul Bellow's Moral Vision: A Critical Study of Jewish Experience**. New York: Irving Publishers Inc, 1983, Introduction, p. VII-XV.

personagem não realiza uma caricatura, nem se mantém num círculo vicioso de reações contra o passado ou deixa-se dominar pelo passado. Aliás, ele registra seu ponto de partida e de ruptura umbilical em nome de uma nova esperança de resgate e reversão dos reveses da história:

Por todas essas razões, Joseph sofre sentindo-se um estrangeiro em sua própria terra como se, de fato, ele, não fizesse parte do seu mundo e estivesse paralisado, jazendo ali deitado, olhando para cima e envolvido por uma nuvem sobre a sua cabeça. Ora, ele diz a si mesmo que, em alguma medida, cada ser humano tem a sua respectiva cota de tal sentimento. A criança sente que os seus pais fingem para ela. E presume que o pai verdadeiro está em algum outro lugar e que, cedo ou tarde, chegará o a sua dia em que ele virá conseqüentemente, reclamar própria posse. (DM, p. 30) ⁵³.

⁵³ *"But for all, Joseph suffers from a feeling of strangeness, of not quite belonging to the world, of lying under a cloud and looking up at it. Now, he says, all human beings share this to some extent. The child feels that his parents are pretenders: his real father is elsewhere and some day come to claim it". (DM, p. 30).*

4. UMA VISÃO DE MUNDO ANTROPOLÓGICA OU UM OLHAR ESTRANGEIRO

Em *DM*, Bellow parte do embate sobre o despertar do protagonista em relação à sua condição de imigrante. De tal contexto emana um sentimento de estranheza em que nada é plenamente familiar a Joseph.

Philip Roth, escritor e amigo de Bellow, comenta em *Re-reading Saul Bellow*⁵⁴ que na vida real, Bellow jamais deixou de ser ou de sentir-se um estranho em seu meio, nem evitou agir ou expressar como um estrangeiro em relação a Chicago. Philip Roth vai mais além e chama *DM* “de uma história que nada tem a ver com a cidade de Chicago, pois a narrativa se refere, apenas, a vida de um protagonista isolado do mundo exterior e trancado em seu próprio quarto” (Ibid, P. ROTH. 2000).

Roth relaciona a ironia do caráter metafórico na obra de seu amigo e sugere a condição de estrangeiro como algo; ora transcendental, ora pedagógico. Esclarece que Bellow contempla esse caráter como um modelo simbólico ideal e exemplar na formação de um indivíduo crítico e sensível aos valores morais historicamente inatos.

Tal reflexão aparece, de fato, como matéria-prima na composição de *DM* cujos ingredientes transparecem sensibilizados no contraste de expressões que afloram com sutileza e humor. Expressões estas que subsidiam, piedosamente, o reconhecimento da novidade, do caráter inédito livre de restrições e preconceitos. Philip Roth sugere ter descoberto elementos estranhos e ainda inadaptados à realidade geográfica ou inata a Chicago, a partir da pedagogia presente na obra de Bellow.

O protagonista tenta justificar a sua impulsividade diante do desconhecido ou do estranho, de suas contradições e luta para se libertar de suas dependências (vícios ou prazeres), ele quer se renovar. Ao invés de se espantar com as mudanças e ficar ‘em suspenso’, em choque, ou como um ser inerte, passivo ele busca opções. Em vez de endurecer raivosamente diante do incompreensível e ser mais um cumpridor de ordens ou de recair

⁵⁴ Cf. ROTH, Philip. *Re-reading Saul Bellow: A novelist's notes on half a century's achievement*. In New York: **The New Yorker**, October 9, 2000, p. 82-90.

numa rotina, ele contesta o seu cotidiano, que denomina de; “*uma monotonia entorpecente*”. Ele contesta a percepção de impotência futura diante do curso de acontecimentos. Nega-se a ignorar o que não compreende e cerrar os olhos.

O protagonista de Bellow submerge lentamente, enevoadado sob sutil intensidade nostálgica. Peregrina através de súbitas imagens que lhe vêm à tona do passado, como oscilantes fragmentos de um tempo perdido. O personagem vaga por entre as lacunas das reminiscências de sua infância. Sem dúvida, este fato inclui a formação ortodoxa e judaica, tanto do autor, como do personagem. E ele inicia uma busca pela depuração das vicissitudes relativas àquele tempo com o auxílio de elementos ocultos e aflorados da herança judaica.

4. 1. A consciência do sensível, prova de identidade ou de resistência

4. 1. 1. O inverno

Bellow destaca a capacidade de depurar o bem através da ação criativa do imaginário, não em oposição dogmática, mas, a partir da sua consciência sensível, pelo que procura o bem, até mesmo, numa gelidez devastadora. Em *The Jefferson Lectures*, o autor revela a relação diferencial e minimalista do ser humano como fator primordial na imensidão do mundo. A relação invernal com o clima inóspito de Chicago é prova de identidade, de resistência, de consciência individual e, portanto moral. Prova de independência das caóticas imposições, uma metáfora exemplar e sugestiva. Se então era possível resistir às agruras do inverno de Chicago, por que não resistir às imposições ideológicas, dogmáticas ou inatas do mundo em guerra nos anos 1940?

Como um pequeno David diante do gigante Golias, Bellow surpreende numa manifestação de estranheza, fruto de uma ação gerada pelo imaginário, que resulta em tradução exemplar de uma intenção pela liberdade de escolha. Tal postura de enfrentamento ao inóspito aparece em expressões ao longo de toda a obra do autor. Eis uma das mais exemplares:

Nas tardes de inverno, quando o solo estava congelado sob

uma profundidade de cinco pés⁵⁵ de neve e o frio de Chicago parecia ter o poder dos caçadores de cabeça — de contrair os crânios — você sentia na face o gosto do sal esbranquiçado das ruas entre os carros respingados sob pingentes de neve [...], uma mistura característica de tédio e excitação, de estreiteza da vida e, simultaneamente, de contração e expansão da alma (*It All Adds Up*; BELLOW, 1977, p.119)⁵⁶.

Enquanto a população protegia-se do frio em ambientes fechados ou aquecidos, Joseph, aflito registra que se protege do tumulto do mundo e depura o calor do frio em sua própria solidão. Apático ao mundo exterior, ele inicia uma busca através do seu imaginário para recriar a sua liberdade. Revela-se a partir do enfrentamento dos seus conflitos entre os valores do seu mundo interior. E ele mobiliza-se mentalmente numa ação que é, para ele, um sensível antídoto à situação de enfado em que se encontra. Para tanto, vale-se do seu novo modo imaginário de ser, pelo que reflete:

Eu comecei a notar que, quanto mais ativo vai ficando o resto do mundo, mais devagar eu me mexo e minha solidão aumenta na mesma proporção que o seu tumulto e tensão. [...] Em toda a minha vida eu nunca me senti de mãos tão atadas. [...] Em pleno inverno, eu isolava a parede onde batia sol, e persuadia-me, a despeito do gelo ao redor, que estávamos no (verão de Chicago) mês de julho e não no de fevereiro. De modo idêntico, eu revertia o verão em inverno e tremia de frio em pleno calor. (*DM*, p. 13, parêntese nosso) ⁵⁷.

⁵⁵ Cinco pés equivalem a 1,65 m.

⁵⁶ BELLOW, Saul. The Jefferson Lectures, [de 30 de Março de 1977]. In____. **It All Adds Up**. New York: Viking-Penguin, 1994, p. 117-152.

⁵⁷ “I have begun to notice that the more active the rest of the world becomes, the more slowly I move, and that my solitude increases in the same proportion as the racket and frenzy. [...] In all my life I have never felt so stock-still. In the middle of the winter, isolating a wall with sunlight on it, I have been able to persuade myself,

A narrativa exhibe um personagem que, ao dialogar consigo mesmo, busca meios para afastar, dissolver e criar pontes sobre os seus obstáculos e as suas inerências emocionais.

4. 2. Alguns fatos picarescos sobre a ficção autobiográfica de Bellow

Earl Rovit ⁵⁸ cita o fato como um matiz autobiográfico. Esse último justifica sua citação a partir da observação de semelhanças entre os perfis de Joseph e Bellow. Embora os traços do autor no personagem confundissem os biógrafos, revelou-se que a problemática com a burocracia militar foi, na época, comum a ambos⁵⁹.

Entre os muitos críticos que destacam o caráter autobiográfico de DM, Robert Penn Warren qualifica o romance de:

despite the surrounding ice, that the month was July, not February. Similarly, I have reversed the summer and made myself shiver in the heat". (DM, p. 13)

⁵⁸ Rovit comenta experiência da família de Bellow, como um caso de deslocamento múltiplo desde o *shtetl*, o gueto judaico da Europa oriental da Rússia, em 1913, para Montreal, Canadá onde Bellow nasceu em 1915 e para Chicago em 1924. E relata os deslocamentos subsequentes do autor pelos diversos ambientes sociais onde conviveu desde a sua infância. Vale notar, que em 1943, Joseph e o seu jovem autor têm a mesma idade, a mesma origem familiar e judaica, ambos perderam a mãe na adolescência, os dois são canadenses de Montreal, intelectuais e diplomados como bacharéis (Joseph em história e Bellow em sociologia e antropologia). Ver Earl ROVIT. Saul Bellow, Minneapolis: University of Minnesota, Press, 1967, p. 8.

⁵⁹ Em relação à semelhança quanto à problemática de convocação militar que teve lugar na vida real do jovem Bellow com a do seu protagonista em DM, Cf. citação abaixo de ATLAS. Bellow: A Biography:

"Bellow se naturalizou cidadão norte-americano em 1942 [...]. Como Joseph, ele também foi, a princípio, qualificado como reservista de 1ª classe. Por causa disso, na vida real e do mesmo modo que o seu protagonista, ele também foi demitido do seu emprego. Em 15 de junho de 1942, Bellow lecionava como professor no Pestalozzi-Froebel College, [...]. No verão de 1944, três meses após a publicação de DM, ele teve a sua convocação rebaixada para a condição de IIª classe, devido a uma rápida cirurgia de hérnia, [...]. Somente a partir de abril de 1945 é que Bellow foi aceito como voluntário no US Maritime Service em Sheepshead Bay, Brooklyn, Nova Iorque". (ATLAS, **Bellow: a Biography**, Op.Cit. 2001, p. 78, 80, 103 e 105).

Uma narrativa, que à primeira vista, parece ser um mero relato autobiográfico do tipo informal e picaresco [...] e além do mais, fornece pistas falsas de que ela se trata apenas de um texto improvisado com ares de uma ingênua ilusão dramática, e somente após várias leituras e que se percebe que é, na verdade, uma obra com texto estruturado por expressões sofisticadas e sutis, as quais estão propositalmente mascaradas por tons de pseudo-improvisação. (WARREN, 1986, p. 10) ⁶⁰.

Richard Chase afirma que Bellow fundamentou os seus primeiros três romances em sua própria experiência vivida e em sua perspectiva de imigrante canadense, filho de judeus russos:

Bellow utiliza o formato autobiográfico até o seu terceiro livro, *As Aventuras de Augie March*. Ele iniciou a sua carreira explorando os elementos narrativos inerentes ao destino de muitos dos jovens escritores que, dessa mesma maneira, tinham uma história de vida para contar. História esta, que os mesmos chegaram trazidos pelos pais à metrópole norte-americana, mas acabaram por se deparar com uma narrativa já publicada, semelhante ao caso deles e, portanto, eles nada mais tiveram a dizer. Na verdade *Dangling Man*, o primeiro romance de Bellow, teve uma conotação, ostensivamente, autobiográfica e muitas das suas passagens são revelações típicas da experiência subjetiva de um jovem intelectual, naqueles dias incertos de nosso envolvimento na IIª Guerra Mundial. (CHASE, 1986, p. 14) ⁶¹.

⁶⁰ Sobre o caráter autobiográfico de DM: Cf. WARREN, Robert Penn. The Man With No Commitments. In _____. Harold BLOOM (ed.). **Saul Bellow** [Modern Critical Views]. New York, New Haven and Philadelphia: Chelsea House Publishers, 1986, p. 9-12.

⁶¹ Cf. CHASE, Richard. The Adventures of Saul Bellow. In _____. Harold BLOOM (ed.). **Saul Bellow** [Modern Critical Views]. New York, New Haven and Philadelphia: Chelsea House Publishers, 1986.

James Atlas em *Bellow: A Biography* esclarece a inerência autobiográfica, pela verossimilhança dos cenários inóspitos da Chicago onde vivia o autor, relacionando-os diretamente com os da metrópole descrita da narrativa:

Lembro o meu primeiro encontro com a sua voz totalmente incomum, quando aos catorze anos, *Dangling Man* caiu em minhas mãos. Era um livro usado, de capa mole da Penguin. [...] Foi uma escolha natural para mim, que vivia no mesmo bairro de Chicago em que Bellow viveu, o mesmo ambiente judaico em Northwest Side, que ele retratou tão vividamente numa sucessão de livros, das mesmas ruas, mesmas escolas. [...] A sua narrativa era redigida em forma de diário, estava escrita na língua do dia-a-dia daquele povo; o autêntico inglês norte-americano da baixa classe média de Chicago. Ela era concernente a um esforço literário e intelectual de busca do próprio caminho e através dos próprios recursos (fato explicitamente judaico). Acontecia naquele ambiente de nenhuma hospitalidade, de onde provinha a maior parte dos componentes de toda a sua obra. (ATLAS, Op.Cit. in Introduction, p. XI, parêntese do autor)⁶².

4. 3. Referências a Kafka

4. 3. 1. Sobrenomes ocultos, personagens desenraizados

Outros críticos e escritores relacionam a obra de Bellow à questão da busca do próprio caminho pelo indivíduo refém de circunstâncias absurdas. Philip Roth. compara o herói de Bellow a Joseph K. (de *O Processo* ou de *O Castelo*, de Kafka), um herói desenraizado, “*desbiografado*”, que tem por sobrenome o resquício paterno de apenas uma letra e um ponto, “K.” e por nome Joseph; não por coincidência, o mesmo do protagonista de *DM*, embora neste último, o sobrenome esteja completamente oculto.

Os anseios de Joseph, de *DM*, como as de K. são obstaculizados pelo

⁶² Cf: ATLAS. Bellow: **A Biography**, Op.Cit. 2001.

encadeamento de fatos absurdos. O herói de Bellow também se encontra detido numa odisseia, no fundo de um poço. Enquanto K. se resigna a deixar que cumpram a sua súbita, absurda e obscura sentença de morte, o herói de *DM* se resigna a deixar-se convocar para uma guerra. Portanto, ele também, se resigna ao risco de ser subitamente abatido.

Tanto Kafka quanto Bellow ironizam o herói alienado e submisso aos desígnios do paternalismo. A questão da “*tiranía do pai*” vem à tona da figura do herói kafkiano que vive na contramão do mundo e contra si mesmo, Bellow desloca de K às decorrências também absurdas do julgamento do tribunal da burocracia institucional. Em *Carta ao Pai* Kafka explicita a questão da submissão filial e inconsequente:

Minha admiração pela sua pessoa; talvez seja tão grande quanto o medo diante dele” (Carta de Kafka à irmã Ottla, p. 18) [...] A expressão disfarçada de que as coisas entre nós não estão em ordem, e de que tu ajudaste a provocá-las, mas sem culpa (Carta ao Pai, p. 21). [...] Esse sentimento de nulidade que me domina surgiu em boa parte por causa da tua influência (Ibid., p. 26). [...] O amor muitas vezes tem a face da violência ou como se tu não tivesses a menor noção da tua força em relação à dor e à vergonha que podias me afligir (Ibid., p.31). [...]Tu me ameaçavas com o fracasso [...] então o respeito pela tua opinião era tão grande que o fracasso era inevitável [...]. Perdi a confiança nos meus próprios atos [...]. Tornei-me instável e indeciso. (KAFKA, Ibid., p. 38)⁶³.

A influência de Kafka em *DM* induz ao questionamento do fracasso, da perda da autoconfiança, sobretudo da repressão do mundo exterior. É neste sentido, conforme veremos no Cap. 9, Joseph registra: “*Temos medo de nos governar. É claro. É tão difícil. Ficamos logo querendo desistir de nossa liberdade*

⁶³ KAFKA, Franz. **Carta ao Pai**. (Redigida em 19 de novembro de 1919). Tradução de Marcelo Backers. Porto Alegre: L&PM, 2004. [A citação da p.18 é nota do tradutor. Consta da Carta de Kafka à Irmã Ottla. In____. KAFKA Franz. Briefe an Felice und andere Korrespondenz aus der Verlobungszeit. Org. por Erich Heller e Jurgen Born, Frankfurt A.M., 1967, p. 462].

[...]. [DM, p. 167-168]. Fato este que L. H. Goldman relaciona à postura de Bellow face às máculas por ele herdadas do contexto ancestral e europeu e, embora com restrições, afirma que “a perspectiva global dos seus trabalhos é essencialmente judaica no que concerne à moral” ⁶⁴.

4. 3. 2. Manifestações do judaico

Tal sentido de resignação relembra manifestações do judaico, tal qual a resignação de Abraão em *Gênesis* [22: 2, 11, 12] em acatar a ordem do Eterno para sacrificar Isaac, o seu único filho, não só como prova de crença, mas de esperança diante de uma aflição iminente. Tal figura de obediência e renúncia aponta em direção à temática de Bellow plena em deslocamentos a partir de suas fontes de vida, desde reminiscências da infância do autor. Deslocamentos que enfatizam o antidogmatismo como fato de a *Bíblia Hebraica*, sobre o que o autor revela a experimentação de uma situação inédita, desacomodada, estranha e imprevisível, porém, moralmente, direcionada à valorização da vida.

O personagem de Bellow exemplifica, assim como Abraão, a libertação da rotina de “*endurecimento*” psíquico, nem reage implacavelmente às mudanças, nem a circunstâncias imprevisíveis ou estranhas.

O herói revela uma renovação interior, simbolicamente, exemplar. Luta com os seus temores obsessivos, resignações ilusórias, preconceito ao novo, ao fato estranho, ao que está além da imaginação e para sair do círculo vicioso. Nem por ele isso submerge a uma ideologia, aliena-se de si mesmo ou decai deprimido pela fé na própria impotência, tomando-a como deusa a incensar ou a se dedicar.

Diferentemente do patriarca bíblico Abraão ou do personagem do Livro de Jó, ele está diante de um, atual e natural, ‘*Silêncio do Eterno*’ que, aliás, há longa data vigora em nosso mundo, além de se deparar com o silêncio impensado, para ele também natural, dos “*durões*” dos anos 1940.

Joseph observa-se em situação contrária à dos patriarcas. Conclui que

⁶⁴ GOLDMAN, L. H. **Saul Bellow's Moral Vision: A Critical Study of Jewish Experience**. New York: Irving Publishers Inc, 1983. Introduction, p. VIII.

tem somente a si mesmo com quem conversar e para buscar novas compensações. Deduz a centelha do Eterno não se encontra fora, mas é relativa à sua herança interior recebida ou historicamente transmitida, de geração em geração. Para Joseph, conversar consigo mesmo é dialogar com tal legado. Ele crê que a história (inclusive a judaica), de alguma forma, está inteira em si mesmo. Infere que suas transações íntimas são contrapesos piedosos às suas oscilações cotidianas. Numa das “*conversas consigo mesmo*” ele registra:

Se encontrar dificuldades, engalfinhe-se com elas, silenciosamente, é um de seus mandamentos (dos *durões*). Aos diabos com isto! Pretendo falar sobre as minhas e, mesmo se eu tivesse tantas bocas como Siva⁶⁵ tem braços e pusesse todas funcionando ao mesmo tempo, ainda assim eu não conseguiria fazer justiça a mim mesmo. Em meu atual estado de desmoralização é necessário que eu tenha um diário — quer dizer; que eu fale sozinho — e eu não me sinto nem um pouco culpado ou envergonhado por causa disso. Os *durões* têm compensações adequadas aos seus silêncios: pilotam aviões, enfrentam touros, capturam camarupins, ao passo que eu raramente deixo o meu quarto. (DM, p. 9-10, parêntese nosso)⁶⁶.

Joseph opta pelo campo de batalha interior, onde, como Abraão deve

⁶⁵ Siva é deusa hindu da destruição e do renascimento. [Cf. MORRIS, W; CHADSEY, P; WENTWOTH, H. (eds.). **The Grosset Webster Dictionary**. New York: Grosset & Publishers, 1966, p. 529].

⁶⁶ “If you have difficulties, grapple with them silently, goes one of their (of the hard-boiled) commandments. To hell with that! I intend to talk about mine, and if I had as many mouths as Siva* has arms and kept them going all the time, I still could not do myself justice. In my present state of demoralization, it has become necessary for me to keep a journal — that is, to talk to myself — and I do not feel guilty of self-indulgence in the least. The hard-boiled are compensated for their silence: they fly planes or fight bulls or catch tarpon, whereas I rarely leave my room”. (DM, p. 9-10, parêntese nosso. Sobre Siva* ver a nota anterior).

realizar o reconhecimento e combater a sua incredulidade. Os personagens sobre quem escreve no diário são o seu exército. Ele opta por esperar os ventos favoráveis, pelo tempo certo ou pela natureza a seu favor. O inverno fica-lhe sendo acolhedor para trancar-se. Entretanto, quanto mais distante ele se posiciona do noticiário da guerra, menos ele consegue escapar da luta interior, sobre o que ele reflete atormentado em seu diário.

O seu inimigo é o passado recente. A história é sua aliada. A fortuna, nome de uma deusa grega da antiguidade é parente por afinidade. Aos gregos, era deusa das situações imprevistas, do risco e da chance de vitória, das grandes mudanças, dos plebeus que, por ela, pela chance da honra de um dia galgar a vida até atingir o *status* de nobre, empenhavam tudo num jogo do tipo; ou tudo ou nada. Já a virtude, também nome de antiga deusa grega, é inimiga da fortuna. Seus devotos eram contra o risco. Eles eram favoráveis à resignação e ao esforço através do trabalho considerado belo, certo, ao contrário dos devotos da fortuna, para quem jogar na sorte, planejar uma mudança era melhor, mesmo se derrotados, que viver toda uma vida de pequenas certezas, com temor a qualquer mudança.

O jovem Bellow, que antes de publicar *DM*, era professor de literatura europeia e norte-americana, projeta por seu protagonista falas do teatro da Renascença inglesa, de obras do Romantismo alemão, do Iluminismo francês e de toda uma perspectiva de filósofos, escritores e pensadores europeus.

4. 4. Do legado de Sófocles

4. 4. 1. De *Édipo Rei* à fenomenologia da autoconsciência

O antagonismo histórico entre a *Fortuna* e a *Virtude* transparece nas batalhas de Joseph. Em si mesmo ele trava uma disputa idêntica à de Édipo Rei, o herói de Sófocles que sucumbe ante Fortuna por não ter se dedicado inteiramente à Virtude. Por outro lado, Maquiavel surge como outra voz adepta, incondicional da Fortuna em *O Príncipe*. Embora Joseph se declare maquiavélico, como alguém inconformado com sua situação fica, todavia, atemorizado com a ideia de sair dela, a exemplo do risco de submergir em desgraça como Édipo.

Na tragédia de Édipo, o próprio arriscar tudo pela verdade, para descobrir

o assassino do rei anterior e que ele Édipo, conseguisse mais glória, ao levantar o véu oculto da justiça pela Fortuna é um ato que termina em perda. Édipo descobre que ele mesmo foi o assassino, outrora e por acidente. E que o antigo rei era o seu desconhecido pai e a mulher, a antiga rainha com quem Édipo se casou e teve filhos, era a sua desconhecida mãe. Tamanha desgraça com a revelação e pelo fato dele não ter, naturalmente, se resignado à Virtude, sem ambições, pela terrível sorte que desvendou, Édipo cegou a si mesmo. Essa peça de Sófocles guarda um exemplo moral sobre a consequência da avidez, pois enquanto era rei, para se fazer respeitado, justo e obter benesses da Fortuna, Édipo decretou que tal fosse feito ao assassino. E uma vez decretado, ele não pode afrontar a sua própria e exemplar decisão real.

Da literatura à história, da história à vida na metrópole, Bellow transfere tais elementos aos seus personagens imigrantes ou filhos de imigrantes judeus da Europa, na metrópole americana. E as antigas culturas de Atenas e Jerusalém, transparecem em Bellow, da história civilizada e através da metrópole americana. DM surge durante a IIª Grande Guerra, como um fato inédito na literatura contemporânea.

Joseph, isolado em seu quarto, sem acesso ao ambiente pleno de familiaridades, que ficou para trás na Europa dos seus pais, tios e avós, sai em busca da sua vitória pessoal. O dilema histórico do personagem se caracteriza no embate entre os fragmentos das crenças antigas, Fortuna e Virtude, e manifestações do judaico, que brotam da memória de infância do autor. Goldman compara a batalha o protagonista em Chicago a de Jacob, na narrativa bíblica, com o anjo enviado de Deus⁶⁷.

Bellow segue a linha da fenomenologia da autoconsciência. Em seus romances, o autor lida com a liberdade de escolha, com a responsabilidade

⁶⁷ Cf. a luta de Jacob com o anjo em Gênesis [32: 24-28]:

“Jacob ficando sozinho, lutava com ele um homem, até ao romper do dia. Vendo que este não podia com ele, tocou-lhe a articulação [...]. Disse-lhe este: — Deixa-me ir, pois já rompeu o dia. Respondeu Jacob: — Não te deixarei ir se não me abençoares. Perguntou-lhe, pois: — Como te chamas? Ele respondeu: — Jacob. Então disse: — Já não te chamarás Jacob e sim Israel, pois como príncipe lutaste com Deus e prevaleceste”.

social, com o estilo de vida, responsabilidade pela fundação da sociedade, tal qual a sugerida em Gênesis [4:9], quando Deus pergunta a Caim: “*Onde está Abel vosso irmão?*” (GOLDMAN, p.X, XI) ⁶⁸.

Leo Back⁶⁹, um filósofo alemão e religioso judeu, que sobreviveu à *Shoá*, diz que a maior distinção do judaísmo é legar uma ética otimista ao mundo pelo heroísmo a partir do esforço moral. Heroísmo esboçado na Bíblia, no esforço de Jacob diante do anjo e na recusa deste último em se render ao adversário invisível. Este é o herói típico de Bellow.

Joseph, tal qual Jacob, dialoga com uma entidade espiritual que alguns críticos afirmam ser o alter ego do autor. Como o demônio bíblico, a entidade quer convencê-lo a que aceite os fatos mundanos e rejeite os costumes implícitos às *Sagradas Escrituras*. Assim como Jacob ou Jó, que foram abençoados pela persistência, Joseph, em sua obstinada trajetória, também persiste à espera de boa sorte ou da Fortuna.

O protagonista nomeia a sua persuasiva entidade com três nomes: Espírito das Alternativas, Tu As Raison Aussi⁷⁰ e Por Outro Lado. Ela vem a Joseph como um anjo mau que, mefistofelicamente tenta conquistar ou corromper sua alma, testando-a antes. A entidade induz a que ele desista da identidade secular e ironiza o sonho americano como algo vulgar. Dirige-se a ele como se ela fosse um fantasma ancestral, transmitido de uma geração anterior sob velhas tradições e costumes de alguma aldeia judaica (*shtetl*) da Europa Oriental.

A entidade tenta induzi-lo a que ele volte atrás em seu processo de assimilação na metrópole. Tal qual se fazia na cultura de língua ídiche europeia, do fim do século XIX, a mesma expõe, ironicamente, Joseph a duas incômodas alternativas: lidar com os temores e riscos desconhecidos da sua

⁶⁸ Cf. GOLDMAN, L. H. **Saul Bellow's Moral Vision: A Critical Study of Jewish Experience**. New York: Irving Publishers Inc, 1983, Introduction, p. VII-XV.

⁶⁹ Cf. Leo Back é citado: In____. GOLDMAN, L. H. **Saul Bellow's Moral Vision**, Op.Cit. Introduction, p. IX.

⁷⁰ O nome a entidade Tu as Raison Aussi é uma expressão francesa que significa: Você Também Tem Razão.

obstaculizada vida americana ou se voltar aos já naturalmente conhecidos perigos, temores e costumes típicos ao modo de vida judaica do velho mundo:

— Você não pode banir o mundo por decreto, se ele está dentro de você. Não é isso Joseph? — De que modo você poderia? Você deve ter ido às escolas dele, visto os seus filmes, escutado suas rádios, lido suas revistas. E o que acontece se você declara que é um alienado, como vai explicar que rejeita os sonhos de Hollywood, a novela lacrimajante e a história de suspense ordinário? Um simples não te compromete (DM, p. 137) ⁷¹.

⁷¹ “You can’t banish the world by decree if it’s in you. Is that it, Joseph? How can you? You have gone to its schools and seen it’s movies, listened to the radios, read its magazines. What if you declare you are alienated, you say you reject the Hollywood dream, the soap opera, the cheap thriller? The very denial implicates you”. (DM, p. 137).

5. A “PATERNIDADE NEGATIVA” DO ENTÃO CONSAGRADO HEMINGWAY

Tanto a sensação de proteção *contra* o frio, como as tenebrosas notícias da guerra impelem a que Joseph colida com os seus temores naturais ou instintivos e desperta a percepção para os seus limites suportáveis de sofrimento. Ele observa as mudanças bruscas de temperatura, o limite da sua condição social, reflete sobre o seu viés estrangeiro, enquanto judeu, desempregado e convocado talvez para morrer na guerra.

Ao mesmo tempo, do outro lado do oceano Atlântico, ocorria o inverso. Na Europa predominavam a xenofobia, as ideias de pureza racial, os nacionalismos, o nazismo, o fascismo, o *franquismo*, o *salazarismo*, o *stalinismo*, etc. A rigidez de modelos institucionais resultava, na Europa, de uma forte reação às ideias liberais e pela emancipação das minorias almejadas no século anterior.

A Europa estava dividida em territórios e fragmentada pelos nacionalismos em guerra. O biógrafo James Atlas, ao referir-se ao contraste rigidez-flexibilidade, de tal cenário histórico, relaciona o impacto das notícias estampadas nos jornais da época do lançamento de *DM*. O jovem Bellow percebia o seu momento histórico marcado por traumas sob os quais as tradições e regras sociais de antes da guerra, jamais voltariam a ser reconhecidas. Atlas retrata:

Dangling Man foi publicado em 23 de março de 1944, nos últimos dias sombrios da IIª Grande Guerra. Hitler acabava de invadir a Hungria e as câmaras de gás de Auschwitz já eram um fato, amplamente, conhecido. Os pilotos norte-americanos então, bombardeavam Berlim. (ATLAS, 2000, p. 93) ⁷².

Em 1944, ano da publicação de *DM*, o cenário da literatura norte-americana era predominantemente dominado por obras de escritores como Theodore Dreiser, William Faulkner ou Ernest Hemingway. Eram autores

⁷² ATLAS, James. **Bellow: A Biography**, Op. Cit.

preferidos no período entre as duas Grandes Guerras. Earl Rovit qualificou estes últimos de: “a paternidade negativa do jovem Bellow [...] negação esta, que oferece um curioso e luminoso contraste em relação aos primeiros trabalhos do autor”⁷³.

5. 1. O primeiro romance de um (futuro) Nobel

5. 1. 1. Joseph ironiza o “código do atleta” do herói do já consagrado Hemingway

No primeiro parágrafo da narrativa, Joseph ironiza o “código do atleta”, em alusão ao herói do, então, consagrado Hemingway. Este último não sentia dor, abdicava de suas emoções e sentimentos e se entorpecia com bebida. Era o tipo ideal e que o público da época se identificava. Joseph, ao contrário, registra “preferir a dor à indiferença”. (DM, p. 82).

Adverso ao herói do famoso Hemingway, o desconhecido Bellow, então, configura Joseph como um indivíduo que não admite abrir mão da própria sensibilidade. O jovem autor ironiza o tipo cumpridor de ordens e zomba dos que submergem mecanicamente às circunstâncias. Seu protagonista não só desvaloriza o *durão* e orgulhoso como alerta sobre os riscos da submissão inconsequente a formas autoritárias ou dogmatizadas de poder.

5. 1. 2. O herói “do código” de Hemingway trata o amigo R. Cohn por “mais um judeu sóbrio e chato”

Contrário à visão de mundo inata e orgulhosa, o ‘jovem’ Bellow já publica artigos⁷⁴ onde ridiculariza, explicitamente, tanto Hemingway, como as ‘reações’

⁷³ Cf. ROVIT, Earl. Saul Bellow and the Concept of the Survivor [1978]. In _____. Harold BLOOM (ed. e org.). **Saul Bellow**. New York: Chelsea House Publishers, 1986, p. 115-127.

⁷⁴ Entre os artigos do ‘jovem’ Bellow há um em que ele ironiza Hemingway, Faulkner e John O’hara declarando-os (no jargão de Chicago) “*jovens completamente acabados*” (“*All the Tired Young Men*”), *cínicos e débeis mentais*. O artigo foi publicado no satírico jornal de universitários, ‘*The Beacon*’ (‘*O Farol*’), que em inglês assemelha-se a The Bacon (O Torresmo), agosto, 1937. Consta entre duas outras sátiras: “*Behind the Taxi Strike*” (“*Por de Trás do Golpe*”) e “*Civil Liberties in Chicago*” (“*Liberdades Cívicas em Chicago*”). Bellow assinara esses artigos sob os

rebeldes dos protagonistas deste último. As primeiras linhas de *Dangling Man* serviram não só para que o ‘jovem’ Bellow pudesse contestar do herói durão do já consagrado Hemingway [1898-1961] de em *O Sol Também se Levanta* [1926]. Vale notar que Joseph em *Dangling Man* é um herói anônimo que enseja por um mundo melhor e livre dos engodos da propaganda institucional, o de Hemingway relega e ensina a beleza destinada à exaltação angustiada por um dogma a legitimar.

Em O herói Jack Barnes de Hemingway em *O Sol Também se Levanta* [1926] é um ex-soldado da Iª Grande Guerra, um bêbado inveterado que critica a emocionalidade do seu amigo-personagem e romancista judeu Robert Cohn de Nova Iorque. A história se passa na Espanha. Retrata as touradas da “*Fiesta de Pamplona*”. Jack o líder de um grupo de *durões* bêbados espelha a realidade do autor. Consta que na vida real Hemingway, um ex-soldado na Iª Grande Guerra, estava com a corrupção de políticos do seu país e decidiu exilar-se em Paris, onde participou do grupo conhecido como “*Geração Perdida*”. Seus heróis são depressivos e incapazes de manter a individualidade. São dependentes de elos familiares, porém, mesmo carentes, afastam-se. Auto-exilados, eles deslocam suas carências às dependências, ao álcool, às manifestações de solidariedade narcisista e à de conteúdo dogmático. O protagonista de Hemingway é uma vítima que se rebela excludente, niilista, sombrio e resignado ao entorpecimento da sensibilidade como modo de vida.

Tal herói oscila entre a obscuridade da rebeldia sem causa e a excitação contida sob o ‘*privilégio do não pensar*’. ‘*Privilégio*’ este, enquanto ironia sobre a orgulhosa ignorância ou a ilusão de conquista da liberdade através do peso da solidariedade de espelhamentos dependentes.

Mas, Bellow tece críticas ao herói durão, típico personagem das histórias de Hemingway. O durão de Hemingway é um tipo ignorante, que tudo pode, capaz de tudo, que vive conforme O tipo durão que tudo pode, ainda hoje tem um papel representativo na ficção norte americana. Basta lembrar os heróis

“pseudônimos humorísticos; de Sydney Harris e do editor-associado e ‘anglo-saxão’ de nome Saul Gordon Bellow”. [Cf. ATLAS, James. Bellow: A Biography. Op. Cit, p. 56].

“sem iniciativa cerebral própria”, o matador disciplinado, o cumpridor de ordens que bate continência, o tipo dedicado ao dever e personagem das telas de cinema. Tipos que nada sabem sobre cultura, história, literatura europeia, filosofia ou psicanálise. Mas, que Joseph comenta: “pilotam aviões, pescam em alto mar, praticam caça submarina e atiram em gente enquanto eu fico aqui neste quarto”.

O herói de Hemingway legitima a sua derrota e justifica seu o privilégio à não consciência, como um prêmio pelo sacrifício honroso, piedoso. Joseph zomba de tal “privilégio”, classificando-o de *“código do atleta”, do “durão”*. Critica o sujeito que encara a realização de suas ações de modo irracional ou mecanicamente submisso. Bellow ironizava o senso de dever irracional e dependente de um sentimento cego de missão cumprida. Joseph, ao contrário, luta contra suas obsessões em vez de ocultá-las sob troféus ou demonstrações de poder. O protagonista, ao invés disso, explora os seus obscuros limites subjetivos e relaciona-os à história por detrás dos bastidores da civilização. Busca as causas do seu presente que chama de *“era condenada”*. O herói emerge de profundas e originais reflexões pela transcendência intelectual e psicológica. Ele rompe com as dependências pela realização da sua condição individual, ou seja; pela readaptação de seu legado psicológico, cultural, religioso e familiar ao contexto social da metrópole anglo-saxã. Ele não abdica de sua identidade por causa de modismos, nem se assimila cegamente ou vira um autômato sem passado.

Mas, foi a partir do confronto entre a figura do herói, do então desconhecido Saul Bellow e o então consagrado Hemingway, que o estigma de *‘jovem escritor’*, aos poucos, começou a mudar.

Joseph de *DM*, todavia surge como uma afronta à filosofia do herói dominante da época. Ele fica trancado num quarto enquanto o herói de Hemingway é um ex-soldado, do tipo mercenário cansado, traumatizado com a luta de trincheiras da I Guerra, O tipo de Hemingway é sempre orgulhoso de sua proeza em *“ser como os outros devem ser segundo regras de um dogma dominante”*. Joseph, pelo contrário, sente-se desprezado, diferente, estranho, estrangeiro e desconfia dos dogmas, dos ideais de igualdade e do que é imputado como natural e irrecusável a todos. O herói de Hemingway é líder de

grupo, egocêntrico, orgulhoso ou vaidoso dos seus objetos de proteção ou dos absurdos troféus conquistados, como prova piedosa e sob o viés de algum cânone apesar dos custos de tal submissão. Ele sequer age instintivamente, nem realiza pontes entre razões e sentimentos. E violento e depressivo a extravasar mágoas, dependente de compensações impensadas.

Earl Rovit ao abordar Bellow em relação à Hemingway, registrou que o primeiro, em vez de afirmar um modo de ser intelectual ou original, desempenhava o dogma da purgação da alma pelo dilaceramento piedoso e exemplar do corpo. Rovit ironizou o viés *hemingwayano* de consumação purgativa e orgulhosa da honra. Em seguida, citou a visão masoquista do herói de Hemingway, que dizia representar *“a dialética do sacrifício pela salvação cristã e do arquétipo do desafio mefistofélico de Fausto de Goethe”*⁷⁵.

Daniel Fuchs⁷⁶ ao comparar a obra de Bellow à de Hemingway, se refere ao segundo como representante da *“literatura norte-americana de ação física, da consciência do herói formado a partir de reações reflexas típicas da ambivalência entre o mutismo e a rude vociferação”*. (FUCHS, cap.1, p. 3). Fuchs, ao apoiar Bellow, ironiza a postura de Hemingway qualificando-a de *“inocente iniciação na cultura do suor mental, inerente à fórmula do herói-ego-genital-adulto”* (Ibid. FUCHS, cap. 2, p. 29). E, conclui laconicamente; *“ninguém se surpreende com o fato da ausência de qualquer nostalgia do tipo gladiadora ou de sangue-quente na literatura americana do pós-guerra”*. (Ibid. FUCHS, cap. 1, p. 23).

A questão ética da responsabilidade é fundamental para Bellow. O tipo *durão* foi seu o alvo predileto em toda a sua carreira literária. Após a IIª Guerra tipos que apenas cumpriam ordens alegavam inocência nos tribunais pelos

⁷⁵ Fausto de Goethe é personagem símbolo da história da literatura, do embate com a rigidez entorpecente e com o dogma. Inicia com Fausto alcoolizado num castelo medieval decadente, já no século XIX, imaginando a flexibilidade, a mudança de hábito, como coisa do demônio. E ele, Fausto, assina um contrato com Mefistófeles, para poder desfrutar de todos os prazeres da vida que os seus hábitos, em estado sóbrio, normalmente, ele não consegue vivenciar.

⁷⁶ Cf. FUCHS, Daniel. **Saul Bellow: Moral Vision**. NC. USA: Duke University Press, 1984.

crimes de guerra por eles cometidos a mando de seus governos contra milhões de vítimas civis.

Bellow jamais admitiu tal isenção da responsabilidade. Seu protagonista não só ironiza apenas o tipo “*durão*” como responsabiliza o intelectual passivo, assim como o ex-companheiro Burns, que tinha planos de matar gente em atentados para atender às metas do seu Partido político. Joseph cita seu amigo Abt, um tipo frio e calculista, intelectual pragmático e egotista. Além de vários outros inconformados exemplos.

O autor tecia críticas ao intelectual medroso, embora teoricamente brilhante, mas, incapaz de lidar com segurança em relação à sua condição física ou mortal, pelo que sugere, por isso mesmo, sempre disposto à prática da traição. Portanto, o primeiro parágrafo de *DM* equivale ao lançamento simbólico de um novo processo literário pela provocação do aflorar da essência, tantas vezes maculada, da história da civilização.

5. 2. A primeira página do romance

A maioria dos críticos concorda que os demais protagonistas de Bellow estão diretamente relacionados às pegadas primordiais e remanescentes, como tais, deixadas no primeiro parágrafo pelo primeiro protagonista “*Involuntariamente Inoportuno*” do autor:

15 de dezembro de 1942. Houve um tempo em que as pessoas tinham o hábito de dirigir a palavra a si mesmas e, com bastante freqüência, não tinham vergonha de fazer um relatório de suas transações íntimas. Mas, hoje em dia, considera-se que manter um diário é uma espécie de auto-indulgência, uma fraqueza e, além do mais, de mau gosto. Porque estamos numa era de endurecimento. Persiste hoje mais do que nunca o código do atleta, do *durão* — uma herança americana — creio eu, do cavalheiro inglês: Aquela curiosa mistura de empenho, ascetismo e rigor, sendo que, alguns dos seus traços, cujas origens que remontam a perspectiva histórica que culminou em Alexandre o Grande — estão, hoje, mais vigorosos do que nunca:

— Você tem sentimentos? Há maneiras corretas e incorretas de indicá-los.

—Tem vida interior? Não interessa a ninguém, a não ser a você mesmo. —Tem emoções? Estrangule-as. Numa certa medida, todos obedecem a este código. E chegam a admitir uma espécie limitada de franqueza, uma retidão de boca fechada. Mas, sobre ‘a verdadeira franqueza, há um ‘efeito inibidor. A maioria dos assuntos sérios fecha-se aos cabeçudos ou durões. Eles não têm prática em introspecção e, portanto, estão mal equipados para lidar com adversários em quem não podem vencer em ousadia, e nem matar, a exemplo de quando, em suas caçadas, perseguem a fera, cuja cabeça tenha as melhores qualidades para que, finalmente, possa ser empalhada e exibida como troféu. (DM, p. 9) ⁷⁷.

Joseph prioriza e enfatiza não ter vergonha de discorrer sobre as suas *transações íntimas* ou internas. O viés heroico do personagem não está realização de numa proeza valorizada por uma ideologia, por um dogma, por uma pelas regras de uma crença comunitária, ideais de nobreza, orgulho fidalgo etc. Ao contrário, Joseph ironiza os *durões* que entram em torneios, muitas vezes, pondo em risco a própria vida, tudo por um troféu. Os protagonistas de Hemingway, tanto os de sua juventude como o de *O Velho e o Mar* são heróis quando arriscam a vida por um troféu. Joseph deplora a

⁷⁷ “December 15. 1942. There was a time when people were in the habit of addressing themselves frequently and felt no shame at making a record of their inward transactions. But to keep a journal nowadays is considered a kind of self-indulgence, a weakness, and in poor taste. For this is an era of hardboiled-dom. Today, the code of the athlete, of the tough boy — an American inheritance, I believe, from the English gentleman — that curious mixture of striving, asceticism, and rigor, the origins of which some trace back to Alexander the Great — is stronger than ever. Do you have feelings? There are correct and incorrect ways of indicating them. Do you have inner life? It is nobody’s business but your own. Do you have emotions? Strangle them. To a degree, everyone obeys this code. And it does admit of a limited kind of candor, closemouthed straightforwardness. But on the truest candor, it has an inhibitory effect. Most serious matters are closed to the hard-boiled. They are unpracticed in introspection, and therefore badly equipped to deal with opponents whom they cannot shoot like big game outdo in daring”. (DM, p. 9).

visão do mundo do durão submisso ética do não pensar. O seu heroísmo está na recusa em parar de pensar. Está na recusa em se deixar arriscar em nome da honra. Sua proeza está em assumir publicamente a sua fragilidade de cidadão comum e exigir ao mundo que seus direitos ao mundo civilizado prevaleçam.

Joseph alerta sobre o risco da *“Era de endurecimento” em que vive* (DM, p. 9), e sugere que a insensibilidade do durão, desde Homero, os épicos à Hemingway relaciona-se não ao contexto civilizado, todavia aos reveses mais violentos da história.

5. 3. Joseph e a insensibilidade de Barnardine de Medida por Medida de Shakespeare

O protagonista ao abordar a questão do entorpecimento ou do não pensar, cita personagem Barnardine, da peça *Medida por Medida* de Shakespeare. Joseph se espanta com uma cena do desprezo pela vida. Comenta a frieza mecânica de Barnardine⁷⁸. O personagem de Shakespeare é um velho bêbado sentenciado á morte, que ao longo dos anos é várias vezes acordado em sua cela, sob ordens de execução. Ao mesmo tempo, Barnardine fica acostumado às ordens de suspensão ou de adiamento de sua pena capital, que sempre chegam, minutos antes da sua execução. Tal cena de *Medida por Medida* equivale a do soldado, que de tanto sentir medo, tal qual o ditado; ‘água mole em pedra dura’, vive alcoolizado pelas circunstâncias a uma existência insensível.

Joseph cita tal cena, também sob o viés da *“paternidade negativa”*. Ele comenta que Barnardine irrita-se mais com a sua ressaca que por ter sido acordado para ser executado. Joseph observa o não pensar, o endurecimento, o entorpecimento como vícios relacionados por Shakespeare. O protagonista de Bellow justifica-se e conclui que para Barnardine: *“O menosprezo pela vida se igualava ao seu menosprezo pela morte”*.

Joseph observa que a autonomia emocional devido a uma vida interior mais intensa não exclui a necessidade de uma vida social em termos objetivos. A sua intenção em tomar consciência de seus apoios emocionais

⁷⁸ Cf. DM, p.19.

involuntários visa não um afastamento, mas uma forma mais ativa e consciente de participação social e profissional. O protagonista lamenta e indaga por que os *durões* exercem todas “*as funções interessantes; pilotando, caçando, pescando, enquanto ele passa a maior parte dos seus dias trancado num quarto*” (DM, p. 10).

O desenvolvimento intelectual, para Bellow é consequente e surge da necessidade de compensação ou de equilíbrio com as mais compulsivas e apaixonadas conexões. Mas, tal compensação não exclui a vida social. Todavia, o ser ‘sem alma’, sem uma identidade fundada num legado, escravizado, descompensado, isento de livre arbítrio equivale à metáfora de Bellow enquanto expressão de alerta em relação ao mundo moderno. Mundo este pleno em personagens ausentes de si, traumatizados, impotentes, condicionados pelos processos de mecanização ou de entorpecimento da vida interior.

5. 4. Joseph e os heróis por acidente

5. 4. 1. Dos intrusos de Chaplin aos ‘outsiders’ de Woody Allen

Sarah Blacher Cohen⁷⁹ observa esse fato pelo viés cômico. do protagonista soldado antes emotivo e sensível que preparado para matar. Os personagens de Bellow, a exemplo dos personagens do cinema, têm algo dos ambíguos “*durões*” de Charles Chaplin, enquanto cidadãos comuns e heróis por acidente. Ou. são avós do personagem de Woody Allen, que, também, termina herói devido a algum envolvimento erótico-afetivo, também, accidental. Com certeza, este último é descendente do protagonista de *Herzog* [1964] de Bellow ou de *DM*.

Joseph ironiza o fato de sentir solidão em meio a uma multidão de *durões* cumpridores de ordens. Quanto mais se agarra a outrem em momentos de carência, mais se percebe entorpecido como os demais. Consequentemente, ora submerge e se antevê como “*baixa de guerra, na acepção moral do*

⁷⁹ Cf. COHEN, Sarah Blacher. **Saul Bellow’s Enigmatic Laughter**. Urbana / Chicago / London: University of Illinois Press. 1974. Capítulo 2: A Bureaucratic Comedy, p. 22-39.

termo”: quanto mais carente por outrem ele se manifesta, mais espelha o clima de entorpecimento circunstancial. e Joseph registra:

É uma monotonia entorpecente. Há ocasiões em que nem mesmo eu tenho noção de que há algo de errado com essa minha existência cotidiana. Mas, por outro lado, às vezes, eu desperto desnortado. Então, levanto irritadiço, cheio de perplexidade e me considero uma baixa de guerra, na aceção moral do termo. (DM, p. 18)⁸⁰.

É no espaço da natureza subjetiva que o personagem busca uma contrapartida aos descontos sociais entre promessas e dívidas do passado, pecados e valores pios ou religiosos. Ele desconfia da submersão automática à natureza social, com a intolerância, com seus condicionamentos, vícios, com a rigidez dos elementos inatos inerentes ao legado de centenas de anos de gerações em si mesmo. Ele questiona a liberdade de ser sensível apesar dos temores. Indaga sobre as dores do excesso de consciência, consciência do horror da própria mortalidade. Critica a acomodação dos tipos que optam pela insensibilidade ignorante e rancorosa, como os endurecidos, desindividualizados, crentes e iludidos com as esperanças ditadas pelos sistemas institucionais.

Suas reflexões contrastam com pontos de vista de gerações anteriores com a realidade ficcional e este fato é o ponto de partida ou de referência, não apenas de *Dangling Man*, mas básico à concepção da perspectiva literária do autor. Tal ocorrência é comparável à máxima do primeiro tiro disparado sobre um alvo tão distante e impossível, cujo interesse pelo resultado demorou tanto, que restou desprezado no tempo.

5. 5. DM e a ânsia em apagar o estigma de ‘jovem de futuro’

⁸⁰ “It is a narcotic dullness. There are times when I am not even aware that there is anything wrong with this existence. But on the other hand, there are times when I rouse myself in bewilderment and vexation, and I think of myself as a moral casualty of the war”. (DM, p. 18).

Somente quatro décadas após, é que uns raros especialistas perceberam as intenções iniciais de *Dangling Man* e o livro começou a deixar de ser tratado como treino de iniciante. O próprio Bellow precisou de seis décadas para comentar a importância que o primeiro parágrafo de *Dangling Man* teve para ele. Logo no início de *Ravelstein* [2001], ele fez uma revelação surpreendente através do protagonista homônimo. Aos 85 anos, ao refletir sobre o jovem Bellow de 27 anos, o mesmo revelou o segredo oculto e guardado a sete chaves. O autor, finalmente, transcendia (na velhice) o traumático estigma ‘jovem’ de futuro concedido pela mídia em seu início da sua carreira e que permaneceu por uma década. No início do seu último romance [*Ravelstein*, 2001] o derradeiro protagonista do autor revela que; “a essência de um grande escritor está invariavelmente na sua primeira página”.

Sua maturidade autoral só foi reconhecida após o terceiro romance; *As Aventuras de Augie March* [1953]. Seus biógrafos afirmam que o próprio Bellow, na ânsia de apagar o estigma de ‘jovem’ colaborou para que *Dangling Man* ficasse esquecido nas prateleiras das bibliotecas universitárias especializadas. Até que, após o Nobel [1976] a obra passou a ser finalmente considerada, por direito e de fato, como um empreendimento único, esplendidamente planejado.

6.. COMPLEXOS, ARQUÉTIPOS E SÍMBOLOS A JORRAR DA METRÓPOLE DE BELLOW

Muitos críticos⁸¹ afirmam que a essência do pensamento de Bellow permanece em questionamentos que continuam a fazer parte das suas obras posteriores. O próprio Bellow referia-se a *DM* como a sua “iniciação de escritor”⁸².

A questão dos espelhos da História aparece com seu protagonista escavando um sítio arqueológico incomum: dos objetos remanescentes, tais como símbolos e arquétipos, que vêm à tona enquanto fragmentos que afloram do face a face com os habitantes de Chicago. São objetos ocultos, encerrados juntos á raízes profundas da alma humana.

6. 1. A milenar inquietação de Bellow a Quintana

O poeta de Porto Alegre, Mário Quintana, certa feita relacionou num verso a presença de uma memória de gerações oculta no íntimo do habitante da metrópole moderna, O poeta cita que tal legado, ora bom ou ruim, demonstrava a influência da história no gestual, até mesmo da figura humana mais simples. E o poeta escreveu:

⁸¹ Esta mesma citação, que aborda *Dangling Man* como um projeto de vida, conforme a justificativa abaixo, encontra-se em pelo menos três locais diferentes a seguir mencionados:

- I) ATLAS James. **Bellow: A Biography**, Op.Cit. 2001, p. 98.
- II) GOLDMAN, L. H. *Dangling Man: Silhouette of Man's Problems and Bellow's Problems*. In____. **Saul Bellow's Moral Vision: A Critical Study of Jewish Experience**. New York: Irving Publishers Inc, 1983, cap.1, p. 6.
- III) BELLOW, Saul. Interview with Maggie Simmons, *Free to Fell*, **Quest**, 3, nº 1 [1979], 31.

⁸² Bellow [1915] disse em entrevistas que *Dangling Man* [1944] foi o seu *M.A.* (mestrado) e *A Vítima* [1947] e o seu *Ph. D.* (doutorado). Alguns críticos justificam *DM* como um projeto essencialmente, subjetivo e de amadurecimento de um jovem autor representante do legado judaico e dos imigrantes europeus. Outros relacionam a obra com a busca do autor por alternativas de engajamento na sociedade anglo-saxã do Novo Mundo. No primeiro romance a influência europeia ainda era muito intensa. Em *A Vítima* o seu protagonista Asa Leventhal, ao contrário de Joseph é do início ao fim um cidadão plenamente integrado ao ambiente social e profissional da metrópole norte-americana.

[...] Olho em redor do bar em que escrevo estas linhas aquele homem aí no balcão, caninha após caninha, nem desconfia que se acha conosco desde o início das eras. Pensa que está somente afogando os problemas dele João Silva; Ele está é bebendo a milenar inquietação do mundo”. [QUINTANA, 1986, p. 139]⁸³.

Bellow contextualiza a história a partir de expressões típicas e entreabertas do seu cotidiano em Chicago. Expressões de inquietação diante da acomodação, da arriscada a antigas verdades. O seu protagonista não desiste do legado humanista, contrário ao ufanismo pelo inatismo e por uma visão apurada a revelar elementos universais e essencialmente primordiais capturados da história da literatura da filosofia e das tradições judaicas.

Assim como o *João Silva* de Quintana, Bellow em Chicago depura e a quintessência do Eterno oculta na maldade mortal e às vezes assassina. Dessa forma, ambos atentam esperançosos pelo aflorar do espírito humanista, à imagem e semelhança dos termos bíblicos de *Gênesis* em que ao fim de cada nova obra consta; “*Ele viu que isso era bom*”. Tal busca reaparece estampada na face dos tipos retratados por Joseph em *Dangling Man*, como as camadas arqueológicas metaforicamente escavadas nos tipos da metrópole poetizados por Quintana. Bellow sai atrás de algo universal, além do inato, do provinciano, da xenofobia localizada ou nacionalista. Observa o entorpecimento milenar citado por Quintana: “*daquele homem ai do balcão, caninha após caninha bebendo a milenar inquietação do mundo*”.

DM desperta um senso de observação de tensões envolvidas. O personagem percorre lugares escuros onde mente e experiência provocam o despertar de indagações sobre as condições impostas pela história ao presente.

O sentido espinhoso de angústia é inerente ao incerto, ao caráter volátil ou da provisoriedade de suas deduções. Contrasta com uma verdadeira aversão ao enredo fixo, moralista e puritano. A leitura de *DM* transfere um

⁸³ QUINTANA, Mario [1906-1994]. 5005618912 (Poema). In____. **Prosa & Verso** (5ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Globo, 1987 (1ª ed. impressa em 1978). p. 139.

sentimento de flexibilidade e de mudança. Revela um método de observação a partir de fatos simples do cotidiano e ao mesmo tempo surpreendentes. O protagonista observa com ironia o humanismo do passado (inclusive o dele mesmo), para ele, pleno em bem vestidas parcialidades duvidosas. Bellow retrata um protagonista que se julga consciente, racional, humano e ironiza através do seu personagem a incapacidade do ser humano de se enxergar a si mesmo. Ele manifesta uma visão de mundo sempre parcial (parecer este, que o protagonista, considera incontestável ou imparcial), todavia deturpada. A questão da consciência humana quando isolada entre limites muito estritos é sempre abordada com algum humor. Para Bellow, o 'legado de erros' da História recebe um tratamento privilegiado, ao contrário do 'legado de acertos'. O autor sempre ironizou escritores (a exemplo de Hemingway) que limitam as aberturas às novidades da vida no mundo à alguns acertos de algum legado histórico do passado. Seus protagonistas primam pela manutenção exemplar da liberdade de viver e de aprender inclusive ou apesar dos seus próprios erros, antes de eles se deixarem aprisionar ou entorpecer por causa de velhas regras enquanto acertos.

O autor comenta isso no ensaio *Half Time*⁸⁴ [1990]. *“Eu sempre tive um canal aberto com o passado. Conectá-lo é como olhar para trás enquanto avançamos caminhando por uma rua”*.

Sem dúvida, um novo método literário é experimentado a partir de *Dangling Man*. Ali transitam (entre os erros) personagens da história da literatura ocidental; de Sócrates aos profetas da *Bíblia*, dos renascentistas aos iluministas, dos transcendentalistas norte-americanos a James Joyce, etc.

6. 2. Os ‘involuntariamente inoportunos’ de Dostoiévski, Diderot e Shakespeare

6. 2. 1. Alf Steidler o amigo de Joseph e Lui o outsider de Diderot

Da mesma maneira, Bellow observava o ambiente multicultural de

⁸⁴ BELLOW, Saul. *Half Time* [Originalmente: In *Bostonia Magazine*, edição de novembro/dezembro de 1990]. In _____. **It All Adds Up**. New York: Vicking-Penguin, 1994, p. 287-313.

Chicago. Dos filhos e netos de imigrantes russos, poloneses, alemães. Via neles expressões dos tipos de Dostoiévski, de Tolstoi ou Tchecov. Nos germanistas, o olhar de Kafka ou de Werther de Goethe e nos francófonos a alma dos Bovary de Flaubert ou de Lui de Diderot. Este último, Joseph comparou com seu amigo Steidler, um tipo “outsider”, que “sabe se virar” e se gaba do próprio e autodenominado *status quo* enquanto “mestre em esperteza”, especialista em errância ou em “malandragem”, no bom sentido.

A simbologia de Alf Steidler é significativa. É preguiçoso (como já vimos) inspirado no protagonista de *O Sobrinho de Rameau* [1764]⁸⁵ ou *O Obscuro Sobrinho do Notável Ramos* de Denis Diderot [1713-1784]. O romance do pensador francês levou 20 anos para ser publicado. A pedido dele, a primeira edição somente ocorreu após o seu falecimento [em 1784], próximo no momento histórico da Revolução Francesa [de 1789].

O sobrinho de Rameau, embora tão culto como um filósofo, é um músico medíocre e cômico que não chega aos pés da virtuosidade musical de seu notável tio. Ao que parece, o tio sequer sabe da sua existência. Mas, ele aproveita o sobrenome familiar e vira convidado profissional nos jantares da alta burguesia parisiense.

O sobrinho de Rameau sobrevive um momento histórico que beira uma das mais sanguinárias revoluções da história. Joseph, na Chicago dos anos 1940, prepara-se para ir à guerra, durante o Holocausto nazista. A maioria dos protagonistas (do ‘livresco’) citada em *DM* são, igualmente, relativos a momentos de outras crises da história. O legado literário de momentos históricos delicados parece fascinar o autor. E que inclui de tudo, desde os autores da antiguidade de Atenas e de Jerusalém ao Lui que Diderot cria duas décadas antes da Revolução Francesa.

Joseph vive com Iva num quarto de uma casa de cômodos de aluguel. O sobrinho de Rameau de Diderot vive num pequeno sótão, sempre faminto e devendo aluguel ao senhorio. O nome Rameau (do francês=Ramo no singular, também relativo ao nome Ramos=Rameaux no plural) relaciona-se a vários símbolos, conforme o próprio personagem de Diderot esclarece no decorrer da

⁸⁵ Cf. DIDEROT, Denis [1713-1784]. **Le Neveu de Rameau** [1764]. Paris: Librio/Flammarion, 2002.

narrativa. A questão do ‘*ramo familiar*’, ele se inclui ao ironizá-lo como um “*raminho desprezado, uma exceção genealógica*”. Ele justifica a sua condição de “*mestre em esperteza*” ou de “*especialista em malandragem no bom sentido*”, devido “*à distância do seu raminho do principal do notável tio*”. O nome Ramos, também sugere o sentido herdado do ‘Domingo de Ramos’, que em francês, se traduz ‘*Le Rameaux*’ (e em inglês; *Palm Day*, mas vale lembrar que Bellow era originário do Canadá francófono). Além disso, termo refere-se à festa que comemora a célebre entrada do Messias cristão em Jerusalém, oito dias antes de *Pessach*, o *Passover* ou a Páscoa Judaica.

A simbologia dos oito dias era essencial a Bellow. O oitavo dia é o dia seguinte após a criação do mundo segundo o *Livro de Gênesis*. Os oito dias, também se referem ao período em que, segundo a *Lei de Moisés*, o recém-nascido judeu é circuncidado, e assim é incorporado à “*Aliança com o Eterno*”. Sabe-se que após a aceitação de Jesus pelo cristianismo, o oitavo dia representado pelo ‘Domingo de Ramos’, serviu para justificar a abolição da cerimônia da circuncisão aos conversos daquela nova seita de então.

O sobrinho filósofo e “*mestre em malandragem, no bom sentido*” do tio Rameau, segundo afirmações do próprio personagem é de: “[...] *um ramo plebeu, popular e mal formado*”, onde a “*seiva do supra-sumo de virtuosidade*” que havia “*no ramo do tronco central do seu notável tio*”, não atingia seu “*raminho*” periférico. A relação entre O Sobrinho e o personagem Steidler de *DM*, bem representa a ironia de Bellow, em relação aos seus protagonistas “*outsiders*”, vítimas e “*ovelhas-negras*” da História.

Vale mencionar, o seu romance seguinte *A Vítima* [1947]⁸⁶. Aí, há um personagem-símbolo de conotação semelhante ao de Diderot entre os tantos de Bellow. Os estudiosos classificam o segundo romance, como obra complementar à *DM* [1944]. O personagem que se julga malandro de *A Vítima* é o gentio Allbee, quase um homônimo de Rameau. Allbee aproveita-se do seu amigo judeu, Leventhal, um tipo com estigma de responsabilidade e que sente culpa por não poder sanar as desgraças do mundo.

Ambos e todos os demais protagonistas de Bellow são, de certo modo,

⁸⁶ Cf. BELLOW, Saul. **A Vítima**. Tradução de Jaime S. Taddei. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1967.

vítimas de algum “ramo” familiar mal formado em relação a algum “*tronco principal*”, cuja seiva “supra-sumo” da família não os atingiu durante o seu período de formação. Assim como o *Obscuro Sobrinho do Notável Ramos* de Diderot, “não chega aos pés” em virtuosidade inata e robustez, do ramo familiar e personalizado onde o tio brotou.

Joseph em *DM*, também é o “*raminho*” mais pobre. Refere-se ao riquíssimo irmão Amós com certo desdém e ciúme. Allbee de *A Vítima* é um malandro que justifica sua inocência devido à carências, tais como: o alcoolismo, a sua origem gentia, plebeia e rude. Allbee inspira pena e provoca a que o engajado Leventhal sintasse culpado pela sua origem europeia, judaica e universal. Leventhal é levado a assumir uma irreprimível postura de guardião da justiça e da verdade em nome da civilização. Portanto, mesmo sem querer, precisa ajudar o malandro Allbee que, intuitivamente, percebe esse lapso oculto de responsabilidade no caráter intuitivo do amigo. Como bom malandro que se preze, ele, intuitivamente, não consegue resistir a dedicar-se à exploração de tal faceta.

Em *DM*, Joseph registra o amigo Steidler como tal. A única diferença é que Leventhal (de *A Vítima*) vive o período do pós-guerra, onde os réus do Holocausto estavam sendo julgados e condenados pelo “Tribunal Internacional de Crimes de Guerra” de Nüremberg. Joseph, todavia, vive durante a guerra, entre 1942-43. Leventhal sente a culpa dos vitoriosos. Joseph também sente, mas, porque está a salvo na América, enquanto semelhantes morriam assassinados na Europa.

Ambos, Joseph e Leventhal, são defensores intrépidos da civilização e penalizam-se com as injustiças, traições, sob a tradição judaica de consciência do legado de “*revezes da história*”. Bellow ironiza as qualidades relativas a tal legado (de traições históricas) como aptidões simbólicas e inatas, que poucos artistas e pensadores, a exemplo de Freud, conseguiram interpretar.

Em 1º de fevereiro de 1943, Joseph registra um espirituoso relato sobre o seu encontro em que o amigo Steidler se gaba do modo que escapou da convocação militar:

Ele ouvira falar da minha convocação e eu ouvira falar o mesmo dele. — Recusaram-me disse: — Maus dentes, mau

coração e emocionalmente inadaptável. Principalmente o último. Mas, Jack Brill foi fisgado (DM, p. 126). [...]. Sempre que eu encontro Steidler penso logo no sobrinho de Rameau, tal qual Diderot o descreve [...]: *“Un personnage composé de hauteur et de bassesse, de bon sens et de déraison”*. Mas, menos enfático, mais sentimental (à sua maneira), mas, nem de perto, tão astuto. (DM, p.127). [...] — Bom sinal para o país que eu rejeitado, disse Steidler. E continuou: — Eles mereceriam perder se me pusessem no seu exército. O psiquiatra me perguntou o que é que eu fazia e repliquei: “Para ser completamente franco, Em toda a minha vida eu tenho sido, apenas malandro”. E ele disse”; Como você acha que vai se sair no exército?” E eu respondi: “E então, o que é que o senhor acha doutor”? — Você disse isso? — Claro, porque não, eu estou sendo honesto. Eu jamais seria tão maldito, a ponto que me considerassem bom para eles. Eu bati recorde de todos os tempos em matéria de malandragem. Esse negócio de lutar eu deixo para vocês seus bastardos normais. “O que é que o senhor acha?” E ele, conferindo novamente os meus papéis disse: “Bem, já o estão recusando por problemas cardíacos, disse o médico”. [...] E anotou: “Tipo Esquizoide”. (DM, p. 130) ⁸⁷.

Bellow exprime um fascínio por personagens símbolo da história da

⁸⁷ “He had heard that I had been drafted, and I had heard the same news about him. ‘They turned me down’, he said. ‘Bad teeth, bad heart, and emotionally unsuitable. Mostly the last. Jack Brill was bait, though’ (DM, p. 126). [..] Whenever I meet Steidler, I think of Rameau’s nephew, described by Diderot as ‘...un personnage composé de hauteur et de bassesse, de bon sens et de déraison’. But, less emphatic, more sentimental (after his own fashion), and nearly as shrewd. (DM, p.127). [...] It’s a good sign for the country that I was rejected. They’d deserve to lose it they put me in their Army. The psychiatrist asked me what I did, and I replied, ‘To be perfectly frank, I’ve been a deadbeat all my life’. He said, ‘How do you think you’ll get along in the Army? I answered, ‘Now, what do you think, doctor? ‘You said that?’ ‘Sure, I was being honest. I’d never be any damned good to them’. I’d set an all-time record for gold bricking What do you think?’ and he took another look at my papers and said. ‘They’ve got you down for a bad heart, here.’ [...] And he wrote down, ‘Schizoid Type’. (DM, p. 130)”.

literatura. A questão da interiorização instintiva e inconsciente (de tais símbolos) é elemento de humor e de ironia dos seus protagonistas. Sem dúvida, o autor desperta no leitor a percepção de tais espelhos da história. O protagonista de Bellow incorpora o leitor, não ao clima de sonho por fidalguia de um Werther de Goethe ou ao devaneio da Madame Bovary de Flaubert. Joseph, Leventhal, etc., ao contrário dos congêneres europeus se realizam como anônimos cidadãos comuns. A condição cidadã perpassa a do plebeu-*outsider* e malandro Steidler, herdeiro de Lui de Diderot.

Há dezenas de personagens da literatura e da história universal, de um modo ou outro, em trânsito a partir dos relatos de Joseph em *Dangling Man*. Ele se vê comprometido com a tarefa de resgate da memória do legado universal sob o olhar de um mundo livre de tiranias.

6. 3. Grandes figuras da história: De Caim a Joseph

6. 3. 1. Um “*barril de livros pronto a explodir*”

. Ele as aborda sob a sua visão de mundo cidadã. Ou seja; um personagem espelhado em Napoleão, em Chicago não seria mais do que um motorista de ônibus ou um padeiro. O autor os incorporaria com todas as frustrações e desequilíbrios de um Napoleão, exemplarmente e ironicamente fracassado, desiludido com sua má sorte (como Allbee de *A Vítima*), posto que sob as condições cidadãs, jamais disporia das históricas regalias de tirano do passado europeu. O próprio Bellow comenta o fato em *Half Time* [1990]:

Segundo as leis naturais, as coisas são viscerais, digeridas ou organicamente interiorizadas. Temos uma afinidade com os fenômenos perceptíveis. Observei isso em Kafka [...] que não era contrário ao Balzac porque este último interessava-se em personagens. Kafka tinha tanto interesse nos símbolos como um recurso dramático, como se estes, também fossem construções ideais e conceituais. Tais símbolos estão em toda parte. Basta circular por Paris para identificar as criaturas de Balzac ou de Molière entre balconistas, lojistas, porteiros. Em Londres há os tipos de Dickens, os *oxonianos*[...]. Eu vejo o homem moderno como um personagem derivado da história,

bem como os seus filhos, os quais em Chicago passaram a ser o equivalente daquela velha ficção. [...] O passado impõe-se, ou tenta impor-se como um pai ao filho; como Abraão à Isaac ou como Caim à Abel para impedir a manifestação individual do mais jovem. A horrível embaçadela ou o embaraço dentro de si mesmo, às vezes, constitui-se como uma entidade cultural prejudicial em suas formas inatas e elementares. (E Bellow sugere que Joseph, em *DM*, busca o desembaraçar da cultura europeia ou dos complexos arquétipos e símbolos inerentes.) [...] (Para Bellow) a Bíblia e seus patriarcas, os romancistas russos, os filósofos alemães, os ativistas revolucionários, a morte do personagem Raskonikov de Dostoiévski; tudo isso é um barril de livros pronto para explodir ao som de um concerto sinfônico cuja gravação custa 19 centavos de Dólar. Há um sentimento de estranheza ou de presença de estranhos mecanismos, os quais, você não tem a menor noção do que sejam, nem de onde vêm. [...] Somos educados, enganosamente, pelas aparências e com o uso da *High Technology* que se impõe pedagogicamente, como um dogmatismo lógico, segundo o qual, não há mistérios. E submergimos nos estranhos mecanismos descendentes da cultura europeia. Há uma forma de arrogância, um sistema do Velho Mundo colonialista que não pretende abrir mão, nem abdicar do seu ‘*pré-domínio*’ sobre os povos menos civilizados do mundo. (BELLOW; *Half Time*, 1990, p. 287-313, em síntese de citações do autor) ⁸⁸.

A visão de mundo de Bellow é sempre transcendental à história europeia. Enquanto muitos autores buscam referenciais, espelhos ou se fundam em dogmatismos Bellow aponta a arte como algo tão incógnito e inovador quanto essencial. Ele enfatiza o discernimento e a novidade em relação inversa aos “*revezes da história*”. A leitura da narrativa de Bellow desperta para a necessidade do rompimento de vínculos com o passado. Afinal, são séculos

⁸⁸ Cf. BELLOW, Saul. **Half Time** [1990]. In _____. *It All Adds Up*, 1994, Op.Cit.

de personagens que se repetem ou que “ressuscitam” para cometer os mesmos equívocos, desastrosamente, enfrentados por Édipo ou por Romeu e Julieta, etc.

Vale notar, que na leitura de *DM* há uma sugestão pelo rompimento com as rígidas conveniências passado em relação ao multiculturalismo da metrópole do Novo mundo O problema central de Bellow é a questão: Como humanizar a história? Como livrá-la da ferrugem de “*velhas armaduras, espadas ou alabardas*”?⁸⁹ Seria perigoso inovar? De séculos de personagens que se repetem e ressuscitam pelos mesmos erros do passado? Como romper vínculos? Essa é a sua principal indagação e que ressurge em todas as suas obras desde *Dangling Man*.

6. 3. 2. Dilemas de um passado desconhecido

Jolande Jacobi observa em *Complexo Arquétipo e Símbolo na Psicologia de C. G. Jung*⁹⁰ o necessário “*enfrentamento do ‘Eu’ histórico como um estranho enterrado, oculto e fruto de um passado desconhecido*”. (JACOBI, 1990, p. 31). A autora questiona a importância da percepção e da reinterpretação dos arquétipos e símbolos transmitidos ao longo de gerações. Cita a perspectiva de readaptações em que; “*há uma atualização dos arquétipos*” que se deslocam para novos símbolos. Ela afirma que os símbolos dos avós são reincorporados pelo neto “*como uma quintessência sempre relativa a um desejo ‘edênico’ de retorno ao paraíso ancestral*” (Ibid., JACOBI p.73). Tais símbolos concedem um sentido de uma representação simbólica, a exemplo do casamento, onde “*o arquétipo moderno do quarto é a antiga caverna acolhedora*” (Ibid., p. 97). Neste sentido, Jacobi completa, que o presente transforma-se em novo embrulho ou nova roupagem de cada época

⁸⁹ Bellow também criticou as “*velhas armaduras, velhos brasões e alabardas*” em *Where Do We Do From Here*. Ele relacionou à falência dos personagens quixotescos com a conscientização pela não repetição de erros do legado histórico que segundo Bellow, culminou (no século XX) “*no mais horrível de todos os séculos*”.

⁹⁰ Cf. JACOBI, Yolande. **Complexo, Arquétipo e Símbolo na Psicologia de Carl Gustav Jung**. Tradução de Malgit Martincic. São Paulo: Editora Cultrix, 1990. Prefácio de Carl Gustav Jung [1957].

(Ibid., p.106).

A cada tentativa de resgate do passado (tido como arquétipo acolhedor da caverna ou do quarto) há uma nova colisão com a realidade tenebrosa do futuro. Surge a medonha visão da inevitável goela engolidora da morte. E o futuro é encoberto, vestido, mascarado e mantido sob ilusões, crenças, éticas, espelhos da história, como um símbolo do inconsciente ou do 'Eu' sempre ameaçado de ser engolido pelas trevas do esquecimento. A memória da morte de todas as gerações é inevitável. A esperança da continuidade ressurgue através de crenças na salvação da alma, na reencarnação, na santidade da família, etc. A cortina social levanta-se diante da cena de símbolos repetitivos e viciosos da propaganda plena em alegorias históricas. (JACOBI, p. 136) onde o *non sense* da morte acaba encoberto sob a fé no final feliz.

Tanto Bellow, como Shakespeare, Dostoiévski e inúmeros autores ironizam as verdades inquestionáveis. Todos têm personagens-exceção que testemunham algum engodo, injustamente, invisível que os demais. Joseph em *DM* vive algo assim. Ele observa e lamenta a cegueira do Joseph do passado. Rejeita as ações, antes imperceptíveis, mas cruéis, pois exigiam o endurecimento da alma ou a alienação da consciência sensível.

Desde jovem, Bellow reconhece o perigo da padronização. Nos anos 1940, as terríveis consequências de blocos de autômatos em marcha exibidos em documentários não podiam ser desprezadas. O autor expõe o lado da alienação pelo desencantamento com a autoridade: do egoísmo ao hedonismo: Bellow jamais se opôs ao passado, mas contrapunha-se às exclusões racistas, aos preconceitos, às ideologias, principalmente as que, então se valiam de exemplos expiatórios. Ele se opunha ao silêncio do seu mundo. Mundo este, em vias de sucumbir aos padrões ideais ditados pelo viés mecanicista, alienante e manipulado pelas instituições modernas.

Ele atuava em oposição à violência das "*leis naturais*" pelo protagonista de Dostoiévski em *Memórias do Subsolo*. Bem como as ironizadas pelo personagem Lui em *Le Neveu de Rameau* de Denis Diderot. Bellow redescobria em Goethe a veia romântica e primaveril de Werther, homem tão sensível, que enlouquecera por amor.

A importância da obra de Bellow na formação de uma mentalidade pela

preservação dos ideais universais não pode ser desprezada. Ele incorporou os personagens da história universal que estampam a marca do lado oculto, factível, mortal e perigoso do ser humano: De Alexandres a Napoleões, personagens de Shakespeare — o Rei Lear, Hamlet, o Rei João ou Barnardine de *Media por Medida* — aos de Dostoiévski. Agora, em grande parte, presentes na formação dos personagens de Bellow.

O autor surge como o mais tenaz e resistente crítico da atmosfera de desrazão, onde a violência oculta e anestesiada transparece sob um viés de alienação na cultura da modernidade, onde Auschwitz existiu. Joseph rejeita as ações cruéis sobre a sua consciência sensível. Ele se considera parte essencial e natural da aliança espiritual, psicológica e imaginária que mantém com sociedade e o mundo.

6. 4. O aborrecimento de Lear de Shakespeare

O protagonista de *DM* espelha-se no velho e octogenário, Rei Lear de Shakespeare, personagem, que colide com a consciência sensível. O velho Lear choca-se com as “*leis naturais*”. Em certo trecho da narrativa de Shakespeare o Rei reconhece que, iludido, se deixou levar cegamente pelo que antes, tinha por logicamente natural. As “*leis naturais*” em que, eticamente, ele sempre acreditara, as percebe a duras penas, como triste utopia. A sua consciência sensível termina violentada. As mesmas regras que, como leis, ele mesmo, em seu reinado ajudara a que fossem reverenciadas enquanto dogma, no fim da vida, precisa lutar por culpa daquela fé cega para não ser morto.

Joseph é um intelectual, mas que valoriza o significado da crença de busca, pelo encontro da virtude. Ele crê que a centelha de eternidade está de algum modo, sempre presente em todos os elementos vivos, inclusive na matéria brutalizada pelo temor da mortalidade, que se corrompe ou se arruína através do tempo.

O frio do inverno de Chicago o faz tremer tanto como os temores que ele busca transcender. Portanto, vale notar, um paralelo em relação aos cenários da época; que em fevereiro de 1943, os jornais de Chicago estampavam a manchete da “*Virada na Guerra*”, da rendição alemã na Batalha de

Stalingrado, como “*a primeira grande derrota da Alemanha na frente russa*”. (ATLAS, Op.Cit., p. 91). Neste momento, na narrativa, o protagonista de Bellow reflete sobre os seus tremores invernais, sobre a história do *seu tempo em guerra e sobre uma frase do Rei Lear* de Shakespeare:

8 de fevereiro. O termômetro ainda oscila em torno de zero. O frio faz parte malignidade geral. Fico pensando como o frio é adequado, quando chegam as notícias da guerra. A gente é levada a respeitar um inverno desses, pela sua agravante gelidez. *“Elementos, eu não vos acuso de ingratidão”*, proclama Lear. E ele os convida a que despejem “*o horror dos seus prazeres*”. Ele, também, tem bastante razão. (DM, p. 147. Grifo nosso. Ver grifo na nota seguinte)⁹¹.

A peça de Shakespeare é representativa do contexto citado por Joseph. Ela contextualiza a crueldade imposta pela avidez inerente à índole humana. Questiona as consequências da busca de satisfação dos instintos cegos pelas paixões. Observa a gente esquecida de compaixão, cruel, desmemoriada de sua própria consciência sensível e isenta de princípios morais.

O velho rei Lear, um crente das “*leis naturais*”, adepto inquestionável do respeito natural dos filhos pelo pai, sempre acreditou que na velhice, seria cuidado pelas suas três filhas. Confiante em sua crença divide o seu reino em vida entre duas de suas filhas e se aposenta. Quanto à terceira filha, a mais autêntica, ele a deserda, por ela não ter concordado com a cláusula prévia de cuidar da velhice do pai. Na vez isso feito, ele precisa fugir, pois elas e genros decidem matá-lo para evitar qualquer reversão das suas intenções.

O tema da condição humana violentada pela fé cega em “*leis naturais*” é essencial à visão de mundo de Bellow. Aceitar a submissão a tais leis, No caso do rei Lear, retomado por Joseph, vale conferir, na íntegra, a própria fala

⁹¹ “February, 8. The thermometer still wavers around zero. The cold is part of the general malignancy. I think of its fitness, as the war news comes in. You are bound to respect such a winter for its unmitigated wintriness, “I tax not you, you elements, with unkindness”, Lear yells. He invites their ‘horrible pleasure’. He is quite right, too”. (DM, p. 147).

do personagem na peça de Shakespeare:

Lear: Quebra os moldes *da natureza* e destrói de uma vez por todas as sementes que geram a humanidade ingrata!

Antigo Bobo da Corte de Lear: [...] Esta noite não tem pena nem dos bobos nem dos sábios.

Lear: [...] A chuva, o vento, o trovão e o fogo não são as minhas filhas, *Elementos, eu não vos acuso de ingratidão*: nunca lhes dei reinos ou me deveram obediência alguma. Portanto, podem despejar sobre mim o *horror do seu arbítrio*. Olhem aqui estou eu, seu escravo, um pobre velho, débil, doente e desprezado [...].

Lear: Que os deuses poderosos que desencadeiam esse cataclismo sobre nossas cabeças, descubram afinal seus inimigos. Treme infame que levas dentro de ti crimes ignorados, ainda não flagelados pela justiça. Esconde-te mão ensanguentada, e tu, mentiroso! Oculta-te, incestuoso que simulas virtudes. Treme até arrebentares em pedaços, canalha que, protegido por tua hipocrisia e tua aparência honrada, atentaste contra a vida de outro homem. Culpas impenetravelmente escondidas rompam as grades que as ocultam e gritem por misericórdia ante os inquisidores implacáveis. Sou um homem contra quem pecaram muito mais do que eu pequei. (SHAKESPEARE, *Rei Lear*, p. 72-73)⁹².

A dependência à cultura europeia era, pois, imensa e tal situação sofria uma inversão radical diante dos efeitos injustificáveis às ondas de intolerância e de horror da Europa de Hitler. Tal influência, cada vez mais foi sendo substituída pela formação de uma nova linguagem literária em língua inglesa da qual Bellow foi um dos expoentes mais significativos desse período de transição e de independência cultural.

Joseph, o seu personagem-narrador, a exemplo do próprio Bellow

⁹² SHAKESPEARE, William [1564-1616]. **Rei Lear** [1606]. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 1997.

(segundo seus biógrafos), busca experimentar uma nova forma de vida. O autor dispôs seu protagonista como projeto de natureza humana e urbana em oposição à natureza pura ou selvagem. Sob tal visão, a liberdade de pensamento contrasta com todas as antigas perspectivas culturais. Representa uma mudança em relação a todas as antigas familiaridades naturais. Bellow observava-as como ameaças perigosas diante do exemplo da perspectiva cultural europeia culminante em Hitler. Esta última passou a ser considerada inspiradora de um modelo vinculado a instituições desumanas e obsessivas, em nome de uma expectativa institucional, naturalmente, nacionalista, selvagem, irracional e imoral.

6. 5. Do *Subsolo* de Dostoiévski ao grito de Joseph

Em *Memórias do Subsolo* [1864], o protagonista sem nome de Dostoiévski já havia dado o seu grito contra a submissão às “*leis naturais*” e o não pensar. Ele é um funcionário-burocrata que satiriza o absurdo processo de acomodação natural à rotina burocrática. Dostoiévski ironizava o tipo que cumpre ordens superiores e com prazer, adota normas, segue regras e submete-se cegamente, às exigências dos dogmas institucionais. Seu funcionário adverte que:

Homens de ação agrupam-se e solenemente ao redor, na pessoa de juizes e ditadores e que riem dele a não mais poder, e toda a capacidade de suas goelas sádicas ao qual, resta-lhe sacudir a patinha [...] esgueira-se, vergonhosamente, para sua fendazinha. Ali no seu ignóbil e fétido subsolo coberto de zombarias imerge num rancor frígido, envenenado, irritando-se com a sua própria imaginação (DOSTOIÉVSKI, *Memórias do Subsolo* [1864], p. 23)⁹³.

A referência ao protagonista do autor russo remete aos réus de Nüremberg que, após a guerra, se diziam inocentes pela simples abolição voluntária da capacidade humana de pensar ou do livre-arbítrio de cada um. Tamanho absurdo, ainda era acreditado, reendossado sob alegações de

⁹³ DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikhalovitch [1821-1881]. **Memórias do Subsolo** [1864]. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2003.

inocência justificadas pela máxima de que “*apenas cumpriam ordens*”. Este fato serve de referência enquanto reflexão sobre a história da civilização do sentido não humano ou selvagem, anti-humano, da submersão de qualquer perspectiva natural pela familiaridade impensada.

6. 6. K. de Kafka e Joseph de DM

6. 6. 1. A herança hipertrofiada do não pensar

Tal absurdo foi além nas obras de Franz Kafka. Em *A Metamorfose* o personagem encara com naturalidade a sua absurda sina. Sem nada poder fazer, acompanha a natural e gradativa transformação física, dia a dia, narrando de detalhe em detalhe até, praticamente, transformar-se numa grande barata. Assim segue o viés irracional de Joseph K. em *O Processo*. Este último é julgado e condenado à morte por um tribunal. Tal julgamento é tão absurdamente lógico e natural que exclui qualquer intervenção humana, ou seja; o livre-arbítrio, a capacidade de pensar e até mesmo a disposição de imaginar.

A similaridade do nome — Joseph — do protagonista de Kafka e o de Bellow não é um mero acaso. Em *DM*, Joseph não tem sobrenome. O de Kafka é Joseph somado à abreviação “K.” adicionada a um ponto. O de Dostoiévski sequer tem um nome. É um burocrata desprezível e auto-desprezível.

A familiaridade de Joseph de Bellow não está no inexistente nome de família, mas no anseio pelo pensamento humanista enquanto elemento universal. Já o personagem de Dostoiévski é bastante cômico. Numa de suas manifestações exageradas ele comenta “*as condições básicas da consciência hipertrofiada de acordo com a inércia* (DOSTOIÉVSKI, p. 20) [...], *ainda que se trate das leis da natureza* [...] (Ibid, p. 21)”. Sobre tal natureza do não pensar ele desabafa que:

Aceitava voluntariamente a ofensa a um tal ponto que acabei perdendo o poder sobre mim mesmo (Ibid. p. 29) [...] Os mais refinados sanguinários foram cavalheiros civilizados (Ibid. p.36) [...]. A razão não é coisa boa, não há dúvida (Ibid., p. 41)

[...]. Sequer tomastes a vossa covardia por sensatez e assim vos consolastes, enganando-vos a vós mesmos [...]. Não sabemos a quem aderir, a quem nos atar, a quem amar, e a quem odiar, o que respeitar e o que desprezar. Para nós é pesado, até, ser gente. (DOSTOIÉVSKI [1864]. Op.Cit., p. 146).

Joseph trava uma luta moral em nome da liberdade de escolha. Flui entre os os espelhos da história por um sítio arqueológico incomum de onde objetos ocultos vêm á tona de raízes profundas encerradas na alma humana. Ele cita personagens que surgem de lugares escuros e que provocam o despertar de indagações sobre as condições impostas pela história. Pende entre si mesmo e as suas opções ou diante da falta delas.

7. O LEGADO PRÉ-ABRÂMICO

7. 1. Arquétipos conflitantes e instintos ‘edênicos’

7. 1. 1. Da primeira mulher à primeira musa: De Eva a Iva

Os protagonistas de Bellow jamais aceitam a condição de espera passiva. Joseph, mesmo desempregado e pressionado pelas circunstâncias sociais não se perde, nem abdica da sua identidade, não se rende ou se assimila aos conselhos de outrem. Ele contesta raivosamente a demora por sua convocação militar. Embora oscilante, ele demonstra contar com apoio de sua mulher Iva para a manutenção de sua personalidade possessiva. Nesse sentido, Joseph reflete inconformado:

Enquanto isso, Iva, minha mulher, me sustenta com o seu salário. Assegura-me que isso não é uma carga e insiste que eu aproveite o tempo todo lendo e fazendo todas as coisas gostosas que não poderei fazer no exército. Há um ano e meio comecei vários ensaios, sobretudo biográficos, sobre os filósofos do Iluminismo. Suspendi um no meio sobre Diderot. Mas, estava, tacitamente, entendido quando comecei a entrar nesta tensão oscilante, de fila de espera para ser jogado na guerra, que iria continuar com ele. Iva não queria que eu arranjasse um emprego. De qualquer forma, na condição de reservista de 1ª classe, eu posso ser convocado a qualquer momento, e não conseguiria um trabalho que preste. (DM, p. 11-12)⁹⁴.

Vale notar as metáforas relativas ao nome ‘Iva’, da esposa de Joseph. Iva

⁹⁴ “Meanwhile, Iva, my wife, has been supporting me. She claims that it is no burden and that she wants me enjoy this liberty, to read and to do all delightful things I will be unable to do in the army. About a year ago, I ambitiously began several essays, mainly bibliographical, on the philosopher of the Enlightenment. I was in the midst of one on Diderot when I stopped. But it was vaguely understood, when I began to dangle, that I was to continue with them. Iva did not want me to get a job. As a 1A I could not get a suitable one anyhow”. (DM, p.11-12).

tem a mesma pronúncia inglesa que a bíblica 'Eve' (Eva). Além disso, o nome Iva também, tem sonoridade semelhante ao termo *I've* ou *I have* que significa *'Eu tenho'* ou *'Eu possuo'*. Evidentemente, nos Estados Unidos, a crítica acadêmica com posições feministas jamais deixou de ressaltar a máscula ênfase possessiva do protagonista. O próprio nome da esposa (*I've* = *Eu possuo*) aparece como um fator, ironicamente, atado como uma algema. Por outro lado, o nome Joseph (José) é, também, um símbolo bíblico e judaico de conotação máscula, inteligente e representativa de posse (*I've* = *Eu possuo*). Segundo a narrativa bíblica, o nome do protagonista relaciona-se ao José bíblico portador de uma concessão divina, patriarcal e exemplar para a realização de sua trajetória *"de poder e dominação em terras do faraó"*.

L. H Goldman comenta o tema no capítulo *Bellow's Gift*, de conclusão de sua obra *Saul Bellow Moral Vision*⁹⁵. Sobre a *"Weltanschauung"* (ou *visão de mundo*) dos personagens de Bellow ele afirma que a mesma: *"É essencialmente judaica quanto ao sentido de responsabilidade social, de preservação da individualidade e como estilo de vida de um homem bom"*. (GOLDMAN, p. 223). Tal estilo não exclui a visão do homem como chefe de família, encarregado do sustento do lar, etc. Isso explica porque Joseph se irrita em ser sustentado por Iva, e mesmo assim, não admite a perda dos privilégios, arquetipicamente, presentes em sua personalidade.

Todavia, os protagonistas de Bellow são otimistas, mesmo submetidos à situações de opressão. Em vez de lamentações em relação ao passado. Eles zelam pelas oportunidades inéditas no Novo Mundo, tendo-o como terra prometida. Seus relatos sobre as origens europeias servem de material para desconstrução em fragmentos que passam a constituir uma nova estrutura simbólica.

Sessenta anos após, *Dangling Man*, os símbolos empregados compõem, desde então, um novo jargão idiomático adotado por milhares de seguidores e acadêmicos no mundo inteiro. O jovem Bellow difundiu para o mundo o inglês falado pelos descendentes de imigrantes e vizinhos suburbanos de Chicago. Neste jargão, as falas de Shakespeare, de Molière, as expressões de Freud ou

⁹⁵ Cf. GOLDMAN, L. H. **Saul Bellow's Moral Vision: A Critical Study of Jewish Experience**, New York: Irwington Publishers Inc, 1983. Chapter Nine - Conclusion: Bellow's Gift, p. 223-235.

de Diderot não são mais inteligíveis aos que nada sabem de judaísmo. Um shakespeariano que desconheça por completo a psicanálise de Freud, também não entende o pleno sentido das citações de Joseph sobre o Rei Lear.

7. 1. 2. Manifestações do edênico ou das imperfeições humanas

A revista *The Republic of Letters*, gerida por Bellow nos anos 1980-90, contém excelentes exemplos do novo jargão. Há artigos e ensaios de mais de uma centena de escritores que utilizam o termo bíblico de “*geração em geração*” à imagem e semelhança de Joseph. O protagonista simboliza o jovem inadaptado, medroso, bem intencionado, mas factível condição humana. Na revista, o jargão é, ironicamente, empregado para destacar às imperfeições humanas. Enquanto em outras publicações, grandes personagens aparecem perfeitos em fotos, desenhos ou pinturas, a *The Republic [...]* destaca as imperfeições, flagrantes ridículos e humanamente caricaturais seja nas imagens de Einstein como na foto do padeiro da esquina.

As imperfeições do ser humano em vez de transmitir valores morais diferentes do imposto pelo juiz de Shakespeare de o *Mercador de Veneza*. Ali, o personagem juiz ridiculariza o judeu Shylock com sua sentença, em pleno tribunal, para inocentar o gentio devedor, só porque aquele último é gentio. No novo jargão as falas de Shakespeare são entendidas de outro modo. A intolerância e o rancor, para Bellow, são armas que servem para que o inimigo seja ensinado a autodestruir-se. Forças de repulsão, tais como o preconceito anti-semita do juiz de Shakespeare, impedem o discernimento ou o uso da razão pelo próprio juiz. Goldman observa a mudança de visão de mundo na literatura americana e destaca a influência de tais símbolos criados a partir de *DM* em relação à realidade metropolitana nos últimos sessenta anos.

Em relação à postura judaica, vale notar a dos protagonistas de Bellow que assumem outras aparências. Seus personagens nunca celebram feriados judaicos, mas a exemplo de Joseph, celebram o Natal. O nome dos protagonistas é sempre bíblico, de suas esposas não. Seus amigos e associados são usualmente judeus. Eles esposam a filosofia judaica embora ignorem o fato. Não têm vida familiar. A família para eles é metáfora de

religião, o pai simboliza Deus e a mãe a fé. O instinto de proteção do irmão mais velho dispõe-se em relação a ele. Seus protagonistas são todos homens. A mulher procura destruir o marido e nunca transparece nela qualidades judaicas, enquanto a amante lhe dá prazer.

Goldman enfatiza a influência dos antigos parâmetros judaicos segundo o modo de vida norte-americano, naquela sociedade multicultural. Reminiscências da típica hierarquia patriarcal ortodoxa da família judaica estão presentes em *DM*. Goldman ironiza o fato, ao observar que personagens femininas a exemplo de Iva, da amante Kitty, da Dolly esposa do irmão Amós, da sogra Sra. Almstadt, etc.; que *“elas estão sempre num patamar inferior ao marido, preservando assim a posição de chefe de família”* (Ibid. GOLDMAN, p. 232).

Joseph tem atitude de *“chefe de família”*, apesar de sustentado por Iva Sai sozinho pela cidade, madrugada adentro, para visitar a amante, enquanto Iva espera, pacientemente, no quarto alugado, o retorno do marido. Ela se sacrifica com uma inteligência pragmática, em reação simbolicamente natural, a sua formação familiar também inerente a condição judaica.

7. 2. Entre os arquétipos edênicos e pós-abrâmicos

7. 2. 1. A manifestação da tradição do ‘voltar atrás’ de Abrão

Goldman sugere que o protagonista manifesta-se um herdeiro do legado judaico com a mesma impetuosidade irredutível dos patriarcas. Esse fato pode ser interpretado sob a visão narrativa, seja no exemplo de Abrão, decidido a sacrificar o próprio filho. Mas, no fim da narrativa, o patriarca volta atrás e assim transmite às gerações posteriores o exemplo positivo de ruptura com ideias, crenças ou tradições do passado *pré-abrâmico*. Quando Abrão decide suspender o sacrifício, a ação de viver imprevisivelmente o presente assume o lugar das ações vinculadas a demonstrações piedosas de sacrifício ou de imolação de animais adotadas por povos primitivos. A ação de “voltar atrás” de Abrão é um marco Ético primordial na perspectiva histórica do judaísmo. O viés místico é substituído pelo racional. A ética de sacrifícios cerimoniais das religiões politeístas do período *pré-abrâmico*, após o despertar piedoso de Abrão para o judaísmo é substituída.

Em *Dangling Man* Joseph também rejeita as tendências instintivamente enraizadas do tipo das que Freud comenta em *Totem e Tabu* sobre o misticismo piedoso. Tal rejeição manifesta-se em Joseph de modo natural. Mas aí está presente a grande ironia da narrativa: A racionalidade de Joseph é fato que não provem de sua formação intelectual. O autor fornece, ironicamente, indicações do viés instintivo incorporado pelo personagem na infância. Bellow sugere uma projeção da sua conhecida e intensa formação judaica ortodoxa de sua própria infância. Segundo o seu biógrafo James Atlas, Bellow entre 4 e 5 anos de idade já sabia o *Livro de Gênesis* de cor a ponto de traduzi-lo do hebraico para o ídiche e vice-versa.

A racionalidade, portanto, não decorre diretamente de uma perspectiva pedagógica intelectual, mas de suas crenças de infância, tais como o já acima citado sobre o profeta Abrão absorvido, não racionalmente, mas, instintivamente enquanto mitos ou arquetípicos remanescentes da infância. Outra ironia está no fato de a naturalidade de Joseph não se originar de instintos primitivos, animais ou selvagens, mas de uma perspectiva histórica, judaica e literária, embora, instintivamente, incorporada pelo personagem.

Joseph põe-se em relação aos seus elementos inatos. A formação religiosa judaica primordial persiste se transfere e estrutura do descrente personagem adulto e através de outras manifestações do judaico.

Ele quer ser mimado, mas, não é capaz de manter o seu casamento. Nega qualquer vínculo com o passado e se considera um homem avançado, moderno. Segundo Goldman, o mais interessante é que os elementos relativos ao moderno são direcionados pelo recesso da mente ou “*pelo ocultar de um plano da imaginação*” (Ibid. GOLDMAN, p. 233). A preservação da sua masculinidade nos moldes da estrutura familiar patriarcal ortodoxa e judaica é “*romantizada ou mascarada como num conto de fadas*” (Ibid.p. 233). O desejo de proteção pelo pai autoritário (patriarcal) desloca-se às instituições civis ou militares que Joseph teme, mas, que ao mesmo tempo, deseja engajar-se.

O nome Iva, inspirado na Eva dos versos *edênicos* revela fantasias das profundezas do íntimo de Joseph. Outras personagens, ele as observa inclinando-se aos maridos, como a sua mãe ou a tia Dina da infância. As mulheres da sua imaginação preocupam-se com a segurança dos maridos,

com o lar, com a estrutura patriarcal. Elas brotam de sua mente como reminiscências de um conto de fadas.

Joseph relembra a noite de chuva em que retornou pela última vez à casa de sua amante Kitty para recuperar o exemplar de *Dublinenses* de James Joyce. Ele emprestara o mesmo livro que dera a Iva para a amante. E a esposa estava notando a falta do mesmo na estante. Joseph, naquela noite ao manifestar poeticamente os valores de infância registra em seu diário que: “*O lampião da rua inclina-se para o meio-fio como uma mulher, que não pode voltar para casa até ter encontrado o seu anel ou moeda, que caiu no gelo ou na sarjeta suja de lama*”. (DM, 95)⁹⁶.

7. 3. O viés humanista de Joseph Conrad de *O Negro do Narciso*

7. 3. 1. Joseph Conrad, mais um alter ego oculto em Joseph de DM

Bellow reidealiza o indivíduo norte-americano, sem desprezar a herança de cada um, em relação ao contexto da metrópole norte-americana. O autor inova a literatura, que em Chicago, até os anos 1940, constituía-se do romance proletário ou de heróis com força bruta. O autor observa estes últimos, em oposição e à exemplo de autores críticos da injustiça social como o inglês Charles Dickens [1812-1870]. Bellow tecia críticas aos personagens cavalheirescos e brutais de escritores, então em voga. Bellow reinventou, nos anos do pós-guerra, o herói americano do século XIX, sobre o viés humanista de outro inglês (de origem polonesa) Joseph Conrad. Bellow comentou o fato ao citar o romance *O Negro do Narciso* de Conrad em seu discurso ao Nobel [1976]. A questão do ofuscamento do humanismo e da própria arte sob o gigantismo industrial Pós-Primeira Guerra era fundamental à Conrad. No seu magnífico Prefácio de *O Negro do Narciso* ele afirma que:

A arte em si pode ser definida como uma tentativa obstinada de prestar o mais alto nível de justiça no universo visível, uno e multifacetado, lançando luz sobre a verdade, sublinhando

⁹⁶ “*The street lamp bent over the curb like a woman who cannot turn homeward until has found the ring or the coin she dropped in the ice and gutter silt*”. (DM, p. 95).

todos os seus aspectos. (CONRAD, 1897, p. 7)⁹⁷.

O posicionamento de Conrad e o de Bellow⁹⁸ em relação à desumanidade e à nobreza do durão de Hemingway é melhor descrito nas palavras do próprio escritor polonês-inglês:

Apelam com autoridade ao nosso bom senso, à nossa inteligência, ao nosso desejo de paz, ou ao nosso desejo de intranquilidade; não raramente dirigem um apelo aos nossos preconceitos, outras vezes aos nossos temores, muitas vezes ao nosso egoísmo — mas sempre partindo da certeza que dirigem seus apelos à nossa credulidade. [...]. Com o artista, o processo é diferente [...]. Ele mergulha no seu íntimo, e nessa região solitária do esforço pessoal (*stress**), segue para aquela área da nossa natureza, que, por causa das condições quase guerreiras da existência, está necessariamente escondida dentro das qualidades mais resistentes e duras — tal como um corpo vulnerável dentro de uma armadura de aço. (Ibid., CONRAD, 1897, p. 7 e 8; parêntese nosso* com vocábulo extraído da edição original inglesa).

O herói de Bellow projeta a ânsia pela abertura de um caminho original, individual, para a ultrapassagem dos limites pessoais em conflito. Mas, o seu objetivo principal, é neutralizar o negativismo eventualmente resultante do legado histórico de valores morais determinados pelo conteúdo literário tanto dos heróis “durões” de Hemingway quanto dos suicidas românticos de Flaubert, Goethe, Joyce e dos resignados ao orgulho de intelectual acomodado ao viés consumista ‘pequeno-burguês’.

Enquanto o protagonista de Hemingway ridiculariza o herói crente e

⁹⁷ CONRAD, Joseph [1857-1924]. **O Negro do Narciso** [The Nigger of the Narcissus, London: 1897]. Tradução de Luzia Freitas Martins. Lisboa: Relógio D'Água Editores Ltda., 1987, Prefácio, p.7.

⁹⁸ Bellow diz no Discurso do Nobel [1976] que, no curso de sociologia (sete anos antes da publicação de *DM*), ele “ocultava e lia *O Negro do Narciso* de J. Conrad, sob a capa dura do livro de classe de suas enfadonhas aulas de *Business and Banking*”.

esperançoso num futuro tão imprevisível quanto apaixonadamente belo e artístico, o de Hemingway idolatra a sua salvação regrada em dogmas. O jovem Bellow se revoltava com o que Kafka antes chamara de “*Aparat*” ou “*Dispositivo Maquinal*”. Engenharia, para ele, sempre desumana, insensível, previsível e ideologicamente dogmatizada.

O herói de Bellow nasce sutil, intelectual, indevassável, descendente de imigrantes, portador de um precioso legado, embora orgulhoso de sua humilde condição de cidadão comum. Joseph busca construir pontes para se livrar das dependências, as quais, ele classifica de fraquezas abismais ou “*crateras do espírito*” (*DM*, p. 66 e p.153-4) ⁹⁹.

⁹⁹ A expressão “*crateras do espírito*” era uma das muitas gírias criadas pelo então jovem e desconhecido Bellow, sem dúvida, influenciado pelas ideias do velho Freud. Para Bellow, as “*crateras*” simbolizavam os abismos da alma, que, de modo irracional, sugavam o sujeito às dependências, vícios, idiossincrasias do herói insensato ou sem alternativa racional. Em outras palavras, Bellow opõe a simbologia do termo “*crateras*” à do tipo servil, cego, manipulado e corrompido por medo. O sentido profundo e abismal do termo “*crateras do espírito*” é arquetipicamente, comparável ao da tenebrosa bíblica “*cisterna*” onde José do texto sagrado (também Joseph em inglês), “*filho mais jovem e da velhice do patriarca Jacob*” fora ali atirado pelos seus irmãos mais velhos e invejosos. Vale lembrar, que foi a partir da abismal “*cisterna*”, que José foi vendido como escravo, sem o conhecimento do velho pai Jacob. Somente muitos anos depois ele transformar-se-ia num “*interpretador de sonhos*” (tema que, simbolicamente, também alude à psicanálise de Freud) do Faraó e o seu poderoso braço direito. As “*crateras do espírito*” de Joseph de *DM* sugerem a incorporação do legado milenar de fé pelo herói de Bellow ao realizar suas “*pontes*” mesmo em seu espaço e momento histórico, sob condições, aparentemente, impossíveis. Sem dúvida, uma influência da herança judaica do autor. Tais “*pontes*” (sobre as abismais “*crateras do espírito*”) revelam possibilidades éticas entre razão e sentimentos ou entre coração e mente, apesar das dificuldades quase intransponíveis. Nesse sentido, Joseph em *DM* critica o tipo autômato, assimilado, descrente, brutal, ignorante e, que sem passado, que se deixa escravizar ou se render passivamente, “*ao primeiro passante*” (conforme ironiza Joseph) ou à algum dogma de cunho aparentemente salvacionista, embora entorpecente. Outra expressão relativa ao jargão do jovem Bellow é o termo “*Colônia do Espírito*”. Tem a ver com a ânsia do protagonista em (ironicamente) querer ‘colonizar’ os amigos com a sua pretensa lucidez, inclusive a sua esposa Iva, bem como, ao seu senhorio. Ele pretendia influenciar os demais em relação ao seu modo pessoal de “*construir de pontes*” entre razões e sentimentos. Evidentemente, a pretensão ingênua do herói, que queria mudar o mundo à sua própria imagem e semelhança revelar-se-ia uma proposta tão irônica quanto imatura ou tão ineficaz quanto cômica e, embora enternecida, fundada sobre bem lembradas verdades históricas.

O herói vive o confronto universal ou transcendental do homem com a natureza inóspita instintiva, selvagem, que Freud exemplificara no drama da perspectiva civilizada, desde a idade pré-histórica, do “*animal humano ao homo sapiens*”.

Em *As Aventuras de Augie March*, o protagonista de Bellow treina Thea, uma águia carnívora de estimação. Ele trava um belíssimo diálogo, de conteúdo simbólico, entre ele; o treinador humano e a águia como símbolo da natureza selvagem. Ela voa livre, em círculos e em busca de carcaças, ambos no deserto mexicano. Joseph, em *DM*, também, como Augie e Thea, realiza um diálogo simbólico interior entre os elementos irracionais e humanos, entre coração e mente; entre os seus instintos de sobrevivência e a sua consciência sobre a condição mortal a partir de suas “*transações íntimas ou interiores*”.

Para Bellow, a realização da vida interior depende da capacidade humana de lidar com a consciência da morte sem que o indivíduo venha a recair em estados de fuga, de inércia. O protagonista ironiza o estado mental de “*monotonia entorpecente*”. Para ele isso é uma fuga da consciência da condição mortal pelo medo da liberdade rendida a uma terrível forma de cunho *kafkaniano*, dependente e entorpecida de autoridade sob suspeita aparência de proteção paternal.

7. 4. Entre a natureza selvagem e a repressão da razão

7. 4. 1. Da “*geração perdida*” de Hemingway às “*transações interiores*” de Joseph

Joseph aborda a questão da natureza selvagem, instintiva dos desejos versus a repressão da razão que pode assombrar com a lembrança dos perigos sobre a condição mortal. Ele reflete sobre ser soldado, matar ou ser assassinado, e sobre “*a nuvem de medo*” que às vezes o encobria, cegando-lhe. Joseph escreve em seu diário que; desde tenra idade, “*o ser humano tem duas grandes preparações; uma para a vida, outra para a morte*”, Ou seja, ele aprende que pode matar, mas, também pode ser morto, todavia, a salvação, daquele momento em diante, dependeria somente da lucidez de cada um.

Os personagens de Hemingway refletiam a decepção do seu autor com a política que levou à morte um milhão de soldados nas trincheiras da Primeira

Grande Guerra [1914-18]. Hemingway, ele mesmo foi um ex-combatente e nunca escondeu sua violenta crise interior. A sua obra espelha uma total ruptura com o ambiente familiar e com as convenções sociais e nacionais, a qual considerava corrompida pela violação do dogma cavalheiresco-vitoriano do passado.

Bellow, diferentemente, como imigrante, buscava nas reminiscências do seu legado multifacetado as respostas pela transcendência das diferenças. Ou seja, em vez de reivindicar posturas protetoras e exclusivas ele abria-se heroicamente à memória milenar do risco babélico. Joseph reconhece na arquitetura da alteridade os elementos universais da “*humanidade comum*”. Todavia, ele recusa se render às intenções avassaladoras, tenebrosas e anti-humanistas da ética maquinal das engenharias financiadas pelas tirânicas oligarquias europeias do início do século XX.

A palavra *dangling* é gerúndio do verbo *to dangle* e bem simboliza as intenções do autor. Em gíria americana significa estar sensualizado, tomado pelos instintos, temerosamente confuso, excitado e perdido, sem destino, sem planejamento, seduzido por uma ilusão. Tal vocábulo representava uma bandeira pelo viés humanista em oposição às pretensões ideológicas predominantes. *Dangling Man* é ser oscilante por amor, a partir de uma grande paixão, mesmo sem lucidez suficiente, mesmo involuntariamente inoportuno.

Joseph é avesso aos heróis do livresco europeu, tais como; os suicidas, dogmaticamente, em fuga de suas próprias dores sentimentais. O herói de *DM* recusa-se à letargia da acomodação diante da gigantesca engenharia, tal qual a que se maquinava na Europa. Ele atuava heroicamente como um pequeno e sensível David em relação à letal mecanicidade do gigante Golias.

Apesar dos seus estados de indecisão ou suas dúvidas, ele aceita sua inabilidade natural e se orgulha de suas limitações enquanto cidadão comum. Ele opta pela oportunidade de novos caminhos. Apesar dos riscos, o protagonista justifica o seu desejo de ser soldado. Não obstante a sua auto-relatada inaptidão, ele, em termos heroicos, registra em seu diário que; “*até uma bactéria pode me matar*”.

7. 4. 2. Questões de razão e desumanidade do século XX

Todavia, o autor relacionava a influência da insensibilidade das engenharias na Europa. O cientificismo é criticado por Bellow enquanto um psicologismo com pretensão de embasamento teórico de todas as ciências e negação da filosofia. Fato é que a Primeira Grande Guerra [1914-18] significou o julgamento de toda aquela cultura psicologista e cientificista, com sentença de fracasso do projeto de convivência pacífica entre as nações via prosperidade tecnológica. Na crítica de filósofos como Husserl [1859-1938] a razão aplicada ao desenvolvimento tecnológico só serviria à desumanidade.

Em *Saul Bellow: Moral Vision*, Daniel Fuchs cita a expressão “*tiranía da razão*” ao abordar o assunto. Bellow discordava do empirismo científico e do viés lógico, inclusive o aplicado à psicanálise. Embora leitor de Freud, recusava-se a aceitar a psicanálise sob o viés de referenciais científicos ou empírico-metodológicos. Tinha a psicanálise antes como filosofia que por ciência. Para Bellow a experiência vivida, ou a experimentação das paixões era essencial e deveria existir livre de impedimentos. Para Bellow, romances como *Irmãos Karamazov* de Dostoiévski [1821-1881] ou *O Amante de Lady Chatterlay* de D.H. Lawrence [1885-1930] jamais teriam sido escritos se esses autores houvessem limitado suas vidas à ética da razão psicanalítica. Bellow não concordava com a prática terapêutica freudiana aplicada à literatura, especialmente em relação à questão metodológica da repressão dos instintos e das paixões humanas em nome de princípios racionais..

Aliás, ele considerava o rompimento (umbilical) com o racionalismo germânico e europeu sob exemplos históricos condenatórios da moral puritana, dos processos de limpeza étnica, purgações religiosas tribunais de inquisição e outras manifestações de intolerância. Bellow censurava a lógica darwinista justificativa de absurdos preconceitos pela supremacia racial e cultural. O autor sugeria que tal mentalidade afluía de arquétipos convenientes às instituições originárias das tiranias absolutistas e fundamentadas na exploração servil e desumana. Ao contrário de Hemingway, Bellow deplorava o viés simbólico do inatismo das fidalguias e respectivos dogmas tais como; o ‘sangue azul’ superior, a ética dos troféus de caçadas da nobreza anglo-saxã, dos brasões de família e, principalmente, os postulados sobre a necessidade do colonialismo europeu pela racionalização do

progresso da humanidade.

7. 5. Bellow e o ‘*Transcendentalismo Norte-americano*’

7. 5. 1. O resgate da fé na ruptura com a Europa, um exemplo então gerador do nazismo

Bellow sempre criticou o colonialismo, sob uma visão de mundo, sem dúvida, herdada do “*Transcendentalismo Norte-Americano*”. Tal movimento apareceu na América pelos anos 1820-30, a partir das manifestações de Henry David Thoreau, [1817-1862] e Ralph Waldo Emerson [1803-1882]. Tinha por ênfase a exaltação do caráter pró-independência da cultura europeia, pelo rompimento com as tradições que então, geriam a cultura da escravidão na América. O movimento contou com simpatizantes tais como; Abraham Lincoln, a escritora Harriet Beecher Stowe [1811-1896, de *A Cabana do Pai Tomas*] e Nathaniel Hawthorne [1804-1864]. A questão do rompimento com formas ancestrais paternas e autoritárias era essencial para Bellow.

7. 5. 2. Um fato ‘transcendental’: “15 de dezembro de 1942” na primeira linha de *DM*

A atmosfera de decepção desperta um interesse para as obras escritores da primeira geração após a independência dos Estados Unidos. Nathaniel Hawthorne (1804-1864) assim como Bellow, Hawthorne questionava o engodo da necessidade de rendição natural aos interesses da cultura europeia. O anseio pela independência é novamente estimulado, mas agora, no sentido intelectual e de formação de uma escola literária livre de modelos. Aos primórdios republicanos expostos por Hawthorne, se mesclam aos anseios do jovem Bellow, que pretende também construir algo novo, com os restos do passado.

Em o *Fauno de Mármore*, Hawthorne aponta para a atmosfera de “*venenosa corrupção*” (HAWTHORNE, 1859, p. 266)¹⁰⁰, aspirada do passado europeu, em contraposição à vastidão espaços idealizados como ‘*edênicos*’

¹⁰⁰ Cf. HAWTHORNE, Nathaniel (1804-1864). *O Fauno de Mármore* (15-dez-1859). Tradução de Sônia Reis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

do novo mundo. Algo transcendental, onde a América, então era citada sob um caráter piedoso de 'Terra Prometida': "*Tinham feito o mundo à imagem de uma nova paisagem, como Adão o encontrou no seu primeiro dia no paraíso* (HAWTHORNE, Ibid., p. 457). A questão da 'culpa europeia' é retomada por Bellow. Aliás, Hawthorne também criticara o colonialismo europeu em seu país recém independente: "*Que antiga ruína de Roma, que lugar ocupado pelo homem, que pedra caída havia aí sem mancha de amor ou outra espécie de culpa*"? (HAWTHORNE, Ibid., p. 434).

Hawthorne fecha *O Fauno de Mármore* com a data "15 de dezembro de 1859". Maquiavel idem, após severas críticas a Aristóteles em *O Príncipe*, em "15 de dezembro de 1513" Goethe em *Werther* marca o suicídio do seu herói um dia antes do inverno no hemisfério norte, em 20 de dezembro, mas a decisão final foi em "15 de dezembro". Não foi por acaso que o 'jovem' Bellow iniciara *Dangling Man* com Joseph datando em seu diário "15 de dezembro de 1942". O autor iniciante realizara assim sua criativa, irônica, sugestiva, ambicionada e precoce auto inserção no rol dos famosos.

7. 5. 3. O colonialismo europeu é desconstruído e ironizado em *DM*

O autor citava frequentemente obras de Mark Twain como *Tom Sawyer* e *Huckleberry Finn*. a exemplo de uma ruptura com velhas posturas. Tal qual se manifestava em relação ao impossível retorno dos imigrantes de Chicago às respectivas origens europeias. Joseph ironizava a ideia de 'berço da civilização', bem como exaltava o alívio do rompimento umbilical com as origens.

Foram tantos os heróis do *livresco* abordados por Bellow. Além dos que ele discordava por causa do "*privilégio do não pensar*", como os heróis de Hemingway, vale citar o acadêmico Tony Tanner que segundo Judie Newman¹⁰¹, indagara; "*Mas, de quem Bellow não foi um leitor?*" Leitor, também declarado de Montaigne, cujas ideias foram para ele, ponto de partida

¹⁰¹ Cf. NEWMAN, Judie. Saul Bellow's Sixth Sense: The Sense of History [Canadian Review of American Studies 13, Spring 1982]. In____. Gloria L. CRONIN and L. H. GOLDMAN (ed. e org.). **Saul Bellow in the 1980^s**. East Lansing, Michigan: Michigan State University, 1989.

em relação a travar um diálogo com o novo. Montaigne destacava a importância da não imitação ou cópia de princípios ou tradições. E Bellow, aliás, pretendia conhecer muito bem os princípios, para, a partir deles, poder desviar-se para algo inédito e original. Em *DM*, Joseph pretende gerar as suas próprias e originais “*colônias do espírito*” (*DM*, p. 39 e p. 56) Ou seja, criar a sua própria perspectiva, independente, ironicamente, se desvia para traçar seu próprio caminho.

Bellow também se ironizava enquanto leitor de si mesmo. Joseph tem muitos traços biográficos coincidentes com a vida real do seu autor. Neste sentido Bellow confirmava a influência da expressão de Montaigne: “*Je suis moi-même la matière de mon livre (Sou meu próprio livro em pessoa)*”. Expressão esta, que também inspirou o americano Walt Whitman, que no século XIX, nos versos *Song of Myself* (1882), decidiu fazer de si e da sua vida, o tema da sua obra poética.

História do *livresco*, para Bellow, nada tinha a ver com a preservação do patrimônio, nem com o embalsamamento ou mumificação de tradições de do passado. *Dangling Man* é um verdadeiro compêndio de citações de filósofos antigos, das escrituras, de pensadores, psicanalistas, romancistas. Bellow valia-se de todos os componentes da literatura europeia e norte-americana. Desconstruía tudo; parte por parte, tijolo por tijolo, reutilizava o legado como matéria-prima de suas próprias “*construções ideais*”. Além disso, ele desconstruía a sua própria memória, a sua própria biografia.

O lado cômico da sua composição literária aparece nas deformidades ficcionais coincidentes. Estas eram, em sua maioria, caricaturas extremamente bem elaboradas, que imitavam os personagens originais, mas, com ‘imperceptíveis imperfeições’ e desvios. Joseph às vezes é Freud, Hemingway (*DM*, p. 9), Platão (*DM*, p. 64 e 139) um profeta bíblico, Espinosa (*DM*, p. 167), Aristóteles tutor de Alexandre o Grande (*DM*, p. 9), Maquiavel, Buckhardt, (ver *DM*, p. 68) Bernard Shaw de *Man and Superman* ou o “*super-homem*” de Nietzsche em *Assim Falou Zaratustra* (*DM*, p. 164), Shakespeare (*DM*, p. 14, 19, 125 e 147), Goethe de *Poesia e Verdade* (*DM*, p. 19, 24, 78 e 148) ou o Goethe de *Os Anos de sofrimento do Jovem Werther*, entre outros. As semelhanças entre personagem e autor, também se constituíam de caricatura.

Todavia, *Dangling Man* é, ironicamente, uma falsa autobiografia do autor.

7.5.4. De Montaigne aos rompimentos umbilicais e piedosos de Joseph

O protagonista de *DM*, também pretende que sua mulher Iva tenha algo das damas da Renascença. O herói exalta aquelas mulheres “*que cultuavam uma vida interior*” e cita Buckhardt ao abordar o tema. Mas, Joseph decide abandonar tal ideia, ao concluir que Iva não conseguiria desistir: “*das benesses, do vestuário, da decoração, dos costumes nem da moda*”. O herói reafirma que ela não teria condições de romper com as condições inatas e familiares. Buckhardt, também foi citado por Montaigne. O segundo, aliás, reprova os apegos e carências que Joseph via em Iva:

Nosso espírito, no sistema que condeno, não procede senão por crença e adstrito às fantasias de outrem, servo e cativo de ensinamentos estranhos. Tanto nos reprimiram com andadeiras que já não temos movimentos livres (MONTAIGNE, Ensaios, p. 81). Ou ainda ‘Graças a Deus’, diz alguém em Platão, filosofar não é nem muito aprender, nem tratar das artes. Foram mais nos costumes que nos escritos que os filósofos aprenderam a maior de todas as artes: a de bem viver’. [Cícero citado por Michel de Montaigne, 1533-1592, *Ibid.*, p. 89, Ensaios, 1580] ¹⁰².

Analogamente, o protagonista de Bellow parte da linguagem dos sentidos inerentes à vida interior. Ele questiona a rendição piedosa ao naturalismo indomável. Cita o plano narrativo de Shakespeare que Ortega y Gasset chama:

[...] De uma linha de conceitos postas em último plano de aspiração, como pauta delicadíssima, onde os olhos se

¹⁰² MONTAIGNE, Michel de [1533-1592]. Ensaios [1580]. In____. **Os Pensadores** (Coleção). Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972. Capítulo XXVI. Da educação das crianças. p 79-91.

orientam enquanto atravessamos sua fantástica floresta selvagem de poesia, mas, Shakespeare, quando ilude, ao menos, explica-se a si mesmo (ORTEGA y GASSET, 1914).

O apelo antidogmático fazia parte dos planos de Joseph em relação a Iva. Ele sugere um desejo de experimentação em contradição com os seus impedimentos sociais e burocráticos. Se por um lado repensa as ideias renascentistas de aprendizado de Montaigne por outro, admira a pedagogia da *República* de Platão. Ali o filósofo grego contemplara, alegoricamente, o arquétipo do romper com o escuro de uma caverna e o despertar para o mundo exterior. Esta analogia aborda a quebra de algum compromisso, simbolicamente, *edênico*.

Para o protagonista, os rompimentos umbilicais têm um tempo certo para acontecer. Portanto, Joseph comunica a possibilidade de desconstrução da herança. Sugere o reaproveitamento do legado histórico para a construção de novas pontes entre coração e mente. Bellow dispõe o Joseph do presente contestando o ‘velho’ Joseph. Mesmo oscilante, ele contraria a pedagogia religiosa que no passado justificava os seus temores, não através da sabedoria, mas da fé.

7. 5. 5. Joseph acredita nos exemplos da história além do viés piedoso

Quanto ao Joseph do presente, ele mesmo exalta a simbologia da perspectiva histórica como sua fonte ideal. Ele não vê a ponte razão-coração como única esperança de fruição da quintessência de verdade e justiça para a ameaçada civilização do seu tempo. Vale lembrar que Joseph é bacharel em História e valorizá-la, em sua atual condição de desempregado, é um modo de ele autovalorizar-se profissionalmente.

Todos os protagonistas de Bellow sugerem um viés irônico e narcisista quando são, por algum motivo, rejeitados quando se acham excluídos ou frustrados de seus anseios pelo engajamento. Tornam-se descrentes e quando intelectuais contentam a postura piedosa que eles mesmos algum dia chegaram a participar. O frustrado historiador Joseph não é uma exceção. Através de tal irônico viés o ‘jovem’ Bellow o dispôs a enfatizar brilhantemente:

Há 600 anos o homem era o que ele havia nascido para ser. Satã e a Igreja representavam-no perante Deus, e batalhavam em seu nome. [...] Até que então, houve uma troca de papéis, e no drama da vida real, os seres humanos, com um passado de antiga platéia, hoje em dia, apenas passeiam pelo palco. Diante dessa revisão, em vez de atuarmos como os antigos e piedosos espectadores do velho enredo, de respostas paternas e protetoras, mas, autoritárias, agora, estamos diante da resposta, sempre, exemplar da história. Se antes éramos importantes o suficiente para que as nossas almas fossem disputadas, de agora em diante, cada um é responsável pela própria salvação. (DM, p.88-89) ¹⁰³.

Por outro lado, Joseph representa o intelectual do pós-guerra a indagar sobre a convivência, resignação e concordância dos demais a uma classe de menor relevância. Bellow, em quase todas as suas obras, ressalta e contesta que a condição intelectual é habitualmente 'não prioritária', especialmente, num mundo em guerra. Mundo este, voltado às ideologias e aos padrões oficiais ditados por governos, os quais, antes orientados aos problemas materiais, de suprimentos essenciais pela manutenção às forças de segurança nacional, às 'prioridades da guerra' aos programas com metas e objetivos determinados onde. Portanto, problemas intelectuais parecem assumir um caráter aparentemente fútil, desnecessário, e às vezes por contradição, produto de desocupados ou de renegados. No '*diário de Joseph*', os problemas intelectuais pendem ora contraditoriamente neutralizados, ora contestados, porém, sob o temor (irracional) dos homens à realização da própria liberdade. E, com suas exemplares ambiguidades, Bellow questiona a condição moral do homem moderno, do intelectual, mas também sugere uma culpa a ser desvelada, uma responsabilidade moral no ocultar de um outro

¹⁰³ "Six hundreds years ago, a man was what a man can be. Satan and church representing God, did battle over him [...]. But, since the stage has been reset and human beings only walk on it, and, under this revision, we have, instead, history to answer to. We were important enough then for our souls to be fought over. Now, each of us is responsible for his own salvation". (DM, p.88-89).

lado que tende a esconder tenebrosas inerências à condição humana e seus ‘*exemplos na história*’, que Joseph, bacharel em história faz questão de enfatizar, e da qual os intelectuais não escapam nem mesmo em suas omissões involuntárias ou não.

7. 6. O pragmatismo ou a frieza intelectual do ‘brilhante’ Abt, o ex-companheiro de quarto na faculdade

7. 6. 1. Crítica ao legado ideológico e europeu de Abt: Dos espelhos ancestrais a Hitler e Stalin, das formas amorais ou ambiciosas às emoções endurecidas ou congeladas

Bellow criticava tanto os excessos da fé quanto a frieza do pragmatismo. Para ele não pode haver nem só alma, nem só juízo, mas ambos ao mesmo tempo. Assim como Joseph não perdoava a passionalidade dogmatizada e impensada do herói durão (de Hemingway), ele manifestava prudência diante da intelectualidade amoral e isenta de emocionalidade do amigo Abt. Aliás, Bellow, jamais isentou de culpa os intelectuais omissos e comprometidos com regimes ou ideologias totalitárias.

7. 6. 2. O jovem Morris Abt crê ser um novo e por ironia, também vaidoso John Locke

Joseph descreveu Morris Abt como um intelectual frio, inteligente, ambicioso e desalmado. Ambos foram colegas na universidade e o protagonista cita que, naquele tempo, dividiam o mesmo quarto. (cf. *DM*, p. 44). No registro de *6 de janeiro de 1943*, Joseph chama Abt de leitor voraz e do tipo sarcástico. Joseph sugere que Abt nunca desistiu de buscar conhecimento e que o amigo alimentava-se de ideias. Neste sentido, Joseph descreve a incapacidade sentimental de Abt, como um reflexo dos mais cômicos, refinados e extremamente sutis do jovem Bellow? E Joseph registra:

Morar com ele (com Abt) tinha um péssimo efeito sobre mim, pois eu me retirava de qualquer campo em que ele entrasse. Vinham pessoas de outras faculdades consultá-lo a respeito de questões doutrinárias. Ninguém tinha tanta informação de bastidores como ele: lia jornais políticos estrangeiros de que nunca tínhamos ouvido falar, relatórios de congressos de

partidos, aquelas amassadas folhas mimeografadas, tratando de decisões importantes na França ou na Espanha. Ninguém tão sutil com os adversários [...]. Não perdia tempo amadurecendo, não cometia nenhum daqueles enganos óbvios. [...] Naquele inverno ele era Lenin, Mozart e Locke, todos fundidos num [...]. Assim, na primavera atravessou uma crise. Era necessário fazer uma opção [...]. Desistiu de ir a comícios, [...] passou a tratar o seu arquivo de relatórios como lixo [...] e resolveu ser filósofo político. [...] Nunca admitira que tentara tornar-se outro Locke, mas lá estava ele [...]; cada vez mais zangado consigo mesmo e incapaz de admitir que a escala de sua ambição o derrotava. (DM, p. 87-88, parêntese nosso) ¹⁰⁴.

Bellow projetava-se em Joseph retratando Abt à imagem de John Locke. Locke [1632-1704] foi um filósofo inglês contemporâneo de Espinosa, embora mais jovem, passou parte da vida exilado na Holanda, país de Espinosa, sob um nome holandês e falso. Assim como o vaidoso e intelectual personagem Abt, na vida real de Locke foi, segundo seus dados biográficos, um tipo *“cada vez mais zangado consigo mesmo e incapaz de admitir que a escala de sua ambição o derrotava”*. A sutileza e a ironia dos espelhamentos do jovem Bellow em DM é, pois, espetacular, plena em ‘imperfeições imperceptíveis’.

Mas, a leitura de outras figuras e personagens do *livresco* por Joseph, não é menos espetacular. Aliás, Bellow ironizava o apego vaidoso aos objetos e

¹⁰⁴ "Living with him had a bad effect on me, for I withdrew from any field he entered. People came from other campuses to consult him on doctrinal matters; no one had much out-of-the-way information as he; he read foreign political journals the rest of us had never heard of, and, reports of party congresses, those dun, mimeographed sheets on international decisions in France and Spain. No one was so subtly with opponents. [...] He did not waste time maturing; he did not make any of the obvious mistakes. [...] That winter he was Lenin, Mozart, and Locke rolled into one [...]. And so, in the spring, he passed through a crisis. It was necessary to make a choice. [...]. He gave up attending meetings [...], he banished the party reports as trash [...], and decided to become a political philosopher, [...]. He would never admit that he wanted to become another Locke, but there he was [...], increasingly angry at himself, and unable to admit that the scale of his ambition was defeating him." (DM, p. 87-88).

doutrinas dos personagens de outrem. Joseph poderia até mesmo citar Abt com as próprias palavras que John Locke utilizara no parágrafo final da *Carta ao Leitor*, antes da abertura do seu *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*¹⁰⁵:

Suponho que interromper o santuário da vaidade e da ignorância será de alguma utilidade para o entendimento humano, embora poucos estejam aptos a pensar que enganam ou são enganados pelo uso das palavras, ou que a linguagem da seita a que pertencem tem qualquer defeito que deva ser examinado ou corrigido. [...]. Tentei fazê-lo de modo simples, para que nem o radicalismo do dano, nem o predomínio do costume, sejam desculpas aos que não se preocupam com o significado de suas próprias palavras e não empreendem uma pesquisa sobre o significado de suas expressões. (John Locke, 1690, p. 137).

¹⁰⁵ LOCKE, John [1632-1704]. *Ensaio Acerca do Entendimento Humano* [1690]. In _____. **Os Pensadores** (Coleção). Tradução de Anwar Aiex. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

8. A HERANÇA DE BELLOW

8.1. Os pensadores do passado, a Shoá e a questão da credulidade

A questão da credulidade, em quem acreditar ou onde procurar ajuda é um elemento fundamental na estrutura narrativa de *Dangling Man*. Isso implica na recusa a qualquer adesão automática às ideologias ou ponto tido por fundamental e indiscutível duma doutrina religiosa. Embora o 'jovem' Bellow não fosse avesso a nenhum dos dois.

Os eventos resultantes dos cenários da IIª Grande Guerra expressam contradições em função da frustração das esperanças, anteriormente propagadas em prol do humanismo europeu. Após a eleição de Hitler pelo povo alemão e o noticiário de assassinatos, como o de Trotsky, a mando do líder comunista Stalin, o protagonista manifesta ceticismo e desconfiança em apoiar qualquer proposta política, ideológica ou piedosa. Em seu "diário" o incrédulo Joseph critica os erros cometidos por "tipos" como os tantos "Napoleões", sempre ressurgentes na história. O protagonista sugere que os grandes pensadores do passado preocupavam-se antes com seus ganhos por suas belas ideias, que pelas consequências futuras, eventualmente indutoras de reações contrárias ou nefastas.

Em *Where Do We Go From Here* (1967. Op.Cit.). Bellow diz que "uma grande obra somente pode ser avaliada como tal, após ter sobrevivido aos anseios de pelo menos três gerações de leitores." Em outras palavras, o autor culpa o imediatismo de intelectuais motivados por comprometimentos, que para ele, a História não deixa de confirmar como colaboradores, nada ingênuos, de trágicos e posteriores engodos. Bellow jamais perdoou a omissão dos intelectuais em relação ao que cita enquanto uma qualidade necessária para qualquer escritor, ou seja, o seu respectivo poder de realização da sua intrínseca clarividência em relação aos eventuais espelhamentos futuros advindos de suas 'belas ideias'. Bellow sugere a seguinte indagação: Leitores como Hitler, de que modo, por exemplo, eles podem ter interpretado as ideias de Nietzsche e Goethe? Para o autor, o século da Shoá foi também o de um momento histórico resultante, não pela ingenuidade, mas pelos comprometimentos implícitos e ocultos dos pensadores do passado, O exemplo dos legados de Nietzsche, Goethe ou Hemingway ficam patentes em

pequenas calúnias, sempre explícitas, embora quase imperceptíveis. Todavia aparentemente como ingênuas alusões depreciativas com ares de chistes inocentes a manifestações do judaico. Hoje, sessenta anos após o Holocausto qualquer ressalva e mesmo indagação mostra-se indigna e insuficiente.

Neste sentido, o ‘jovem’ Bellow já contestava os personagens às velhas e inconsequentes promessas paternais. E os criminosos nazistas que após a guerra, quando julgados, exclamavam a invariável máxima: “— *Nada tínhamos contra os judeus; apenas cumpríamos ordens do nosso governo e [...] família para sustentar!*”. Em *As Aventuras de Augie March* [Bellow, 1953, Op.Cit.] o protagonista prioriza a responsabilidade de cada um. Neste sentido, a exemplo de Joseph em *DM*, Augie sem perdoar conclui: “*É o caráter de um homem que molda o seu próprio destino*”¹⁰⁶.

Nos anos 1970, Bellow voltaria a comentar a questão da gênese da personalidade do protagonista numa palestra acadêmica que resultou no artigo *Where Do We Go From Here*. Ele citou aos seus estudantes do curso de Letras, casos como o do casal de protagonistas de *O Amante de Lady Chatterley* de D.H. Lawrence (1885-1930) ou o do filho assassino do pai autoritário de *Os Irmãos Karamazov* de Dostoiévski. Agora, não mais sob o ponto de vista da crítica do comprometimento dos autores do passado, mas sob o prisma das qualidades de uma grande obra, como tal consagrada “*por três gerações de leitores*”. Bellow diz que o contexto psicológico e social principalmente do último personagem limitara as decisões do próprio Dostoiévski. Ele exemplifica tal fato ao citar a intenção frustrada do escritor russo em atender ao pedido de um leitor para mudar o rumo da narrativa. Consta que *Os Irmãos Karamazov* estava sendo publicado em capítulos, num suplemento de jornal.. Dostoiévski chegara a prometer em carta-resposta àquele leitor que o filho-Karamazov perdoaria o pai em vez de matá-lo. Mas, devido à perspectiva resultante da personalidade de cada um dos protagonistas e, sem opção, não pôde manter a promessa. Para o autor, foi como se o destino de ambos já estivesse traçado e nem ele mesmo, devido à qualidade de sua criação pode “desmanchar” nem interferir no desfecho da mesma.

¹⁰⁶ “*A man’s character is his fate*” (Tradução nossa).

Em todos os sentidos, questão do destino ou da fortuna submissa à personalidade do herói (e, qualitativamente, ao caráter do autor) é sempre recorrente na obra de Bellow. O seu *Homem Involuntariamente Inoportuno*, também se torna vítima e ator da própria personalidade. Ou melhor, ele demonstra ter alguma consciência sobre tal fato e, que passa a ironizar. Se os seus antepassados europeus eram movidos por formas piamente paternalistas ou passionais, ele já conta com a psicanálise. Ele pretende não mais ser levado pela sua personalidade como tal. Em seu diário, ele registra que pretende se livrar das reações compulsivas. Ele também, sugere almejar uma vida nova, sob um viés racional.

8. 2. Joseph analisa a partir de Goethe e ancestrais: De Werther a Bovary e ao suicida de *Os Mortos* de Joyce¹⁰⁷

O protagonista analisa a influências eventuais advindas do seu ancestral, Werther de Goethe, aquele funcionário-diplomata integrado aos padrões e regras sociais, da segunda metade do século XVIII. Cita o personagem de Goethe como um tipo tão passional e dependente, que este último, por não resistir às próprias desilusões sentimentais e, inconformado, termina por se suicidar.

As análises de Joseph sugerem exemplos de aprendizado com o desengano, que ele não deveria seguir, tais como os dos protagonistas de Joyce (*explicitamente* citado por Joseph em *DM*), Camus e até mesmo da protagonista de *Madame Bovary* de Flaubert. O suicídio desta última é outro bom exemplo de destino trágico relativo às limitadas opções do autor em função da personalidade. Os anseios da Bovary indicam o destino inalienavelmente, fatal e irreversível. Ela não teria como mudar de atitude e nem condição para romper com os referenciais dogmáticos de época.

Em *DM*, o herói sugere um afrontar involuntário ao senso comum. Ele cita

¹⁰⁷ Michael Furey é o personagem enamorado virgem e suicida apaixonado no conto *Os Mortos*. O mesmo integra a coletânea *Dublinenses* de James Joyce (RJ: O Globo, SP: Folha de SP, 2003). *Dublinenses* é citado em *DM* quando Iva indaga pela ausência do mesmo na estante. Joseph sai pelo resgate junto à ex-amante Kitty para quem ele emprestara o livro. *DM* e *A Morte* têm muitos pontos em comum, Desde a primeira página de *DM*, ao inóspito inverno e a consciência da morte para os que ficam, os que sobrevivem entre as tenebrosas paisagens nevadas.

“não ter vergonha de fazer um relatório sobre as suas transações internas”. *Aliás, os seus antecessores apenas, reagem sob formas passionais ou sentimentais, por impulso ou pelas emanções vulgares do senso comum. Afinal, em que acreditar, naquele mundo dos anos 1940, que instituíra o Holocausto e a violência? Tais fatores entrelaçam-se com os dilemas e meandros da personalidade do protagonista.*

Há dezenas de personagens da literatura universal, de um modo ou outro, em trânsito a partir dos relatos de Joseph em *Dangling Man*. Bellow afrontava a todos, bem como a visão ideológica dominante. O mundo dos anos 1930-40 exaltava o tipo moderno, atlético, frio, mecânico, que lidava com máquinas e cumpria ordens sem pensar. Bellow, aliás, configurava personagens indecisos, humanos, factíveis e que não espelhavam as imagens dos tipos atléticos e vigorosos dos painéis de propaganda governamental espalhados na cidade.

Bellow não poupava esforços para quebrar o exagero de padrões ideológicos. Contrapunha tais moldes com sutil humor. Desconstruía os destinos de dezenas de personagens da literatura universal em oposição ao legado paternalista, como se pudessem desfazer os erros da história.

8. 3. O Legado das 'Formas': De Goethe a Freud e Bellow

O autor, usualmente, não compunha os seus personagens em reação natural aos estímulos sociais. Eles agem nas histórias e mudam de vida. Ao contrário dos ancestrais, os de Bellow, quando reagem estancam-se. A frase de Fausto de Goethe citada por Freud ao final de *Totem e Tabu* — “No princípio foi o ato” — parece ter influído em Bellow. Seus protagonistas são ativos intelectuais que se libertam das condições inatas, naturais e desconstroem as suas histórias de vida — tijolo por tijolo — e as reconstroem de algum novo e inédito modo com o “material reciclado” da desconstrução. Agem em seu tempo e mundo, cuja moda era ser insensível e reagir como durão.

Bellow alertou muitas vezes, sobre o risco da submissão impensada de intelectuais a modismos, ideologias, etc. Seus personagens, sequer sugerem encaixar-se em modelos históricos. Nem se martirizam. Eles não podem, não conseguem ou, aparentemente, não querem ser como os outros. Todavia, a

história lhes serve pelos erros, não pelos acertos. Para eles não há mais exemplos a seguir. Resta-lhes não repetir os erros do passado e não copiar o passado. Para o autor, os mortos não tinham mais direito algum sobre o mundo dos vivos. Neste sentido, Joseph comenta os exemplos do passado enquanto reveses históricos. Ele ironiza os grandes assassinos com desdém e aos tiranos, bem como, as promessas traídas, as ilusões ideológicas e as armadilhas piedosas.

Para o autor, a história representava as tentativas fracassadas de resgate de “*Verdade e de Justiça*” (conforme citara Freud em *Moisés e o Monoteísmo*). Tal resgate não dependia de modelos, martírio, etc. Ele acreditava, ou melhor, seu viés piedoso manifestava-se a partir do novo ou do fato original. Tão incomum quanto secular.

O incrédulo Joseph é impermeável a *qualquer* doutrina. Ele não sabe o que fazer, mas não crê em nenhuma das propostas piedosas de salvação, nem nas político-ideológicas como solução aos seus problemas. Ele crê, apenas, em sua capacidade de análise. Aliás, Joseph expressa horror sempre que se depara com os enganos e engodos históricos. O fato dele não saber o que fazer não implica em que ele não retenha algo humano, limitado ou passionalmente disponível. Quanto mais temeroso, mais se mantém fechado em si mesmo. E questiona a veracidade das políticas e crenças literárias ou espelhadas nos rostos da sua Chicago. Ele registra perguntas simples como; O que pode me proteger? Até onde posso resistir sozinho? Em qual livro confiar? Na *Bíblia*? Devo desistir? Onde buscar apoio? E Indaga:

Chegaria a ser esse homem integral sozinho, sem ajuda? Sentia-me muito fraco para isso, não estava no controle de mim mesmo. Então em qual exército eu deveria procurar ajuda, onde estava o poder? Procurar graça em qual lei, sob qual ordem, requerida por quem? Isso era Individual, humano ou universal? (DM, p. 68) ¹⁰⁸.

¹⁰⁸ “And was I to become this whole man alone, without aid? I was too weak for it, I did not command the will. Then in what quarter should I look for help, where was the power? Grace by what law, under what order, by whom required? Personal, human, or universal, was it?” (DM, p. 68).

Joseph expressa suas razões pessoais, Ele é um narrador que oscila num “limbo”. Está descrente em relação às possibilidades futuras. Manifesta ceticismo em seu presente estado de espera e direitos de cidadão, temporariamente suspensos. Ortega y Gasset, o filósofo espanhol da era moderna, muito citado por Bellow, contemplou o fato com a expressão: “*Nada está seguro abaixo de nossas plantas, fracassarão todas as conquistas superiores*” (Op.Cit. *Meditaciones del Quijote*, p. 64).

Bellow projetara-se num protagonista exercitando a vida interior, em contraste com as tendências avassaladoras de alienação do homem moderno. Enquanto isso, multidões vestiam uniformes, seguiam ideologias institucionais e se massificavam. A maioria no mundo era crédula em líderes. E, Joseph desempregado e ilhado das relações sociais, Sem muitas opções, ele se vê solitário e à margem. Em seu diário, ele registra desconsolo.

Joseph contrasta com a maioria. Ele ironiza as compulsões do cidadão moderno em busca de proteção e com medo da liberdade. Embora ele mesmo registre o seu turbilhão mental interno e aterrorizante. Ele se contradiz e registra a sua inabilidade para ser um cidadão livre, não dependente e emocionalmente não dividido. Todavia em seu diário ele valoriza as dificuldades, pois com isso, espelha um esforço pessoal e aprecia a sua capacidade de aprendizado. Sem consciência, ele espelha um viés humanamente natural e narcisista. Quanto mais ele diz ser “um homem bom”, mais se vinga do mundo que o marginaliza. Exibe-se como inteligência superior. Escreve um diário como se escrevesse uma *Bíblia*, como se, ele mesmo, fosse o mais novo profeta ou responsável em relação ao legado de Moisés. Ele faz questão de mostrar que é diferente. Aponta erros nos seus antigos amigos, familiares, no seu antigo empregador e os burocratas militares. Dos últimos, Joseph nunca esquece, pois emperraram a sua papelada. Ele não tem dúvidas, que suas angústias, um dia serão compensadas, e ao fim ele será, de fato, “*um homem integral*”. E os outros, serão parte da massa informe e submissa. Ele não cessa de presumir-se um homem especial, único, individualizado, consciente, racional e livre.

Joseph é um crente egotista, narcisista e piedoso na máxima: “Quem ri por último ri melhor!”. Todavia, não é possível omitir a influência dos autores

russos do século XIX na composição do protagonista de *DM*. Neste sentido, vale destacar a sugestiva epígrafe de Ana Karenina de Tolstoy [1828-1910]: “A vingança é um bem que a mim pertence”.

A temática da irracionalidade em relação ao mundo moderno que, aliás, não é nada inocente para o autor, está sempre presente. Bem como a dos comprometimentos traiçoeiros. A questão da função do intelectual é sempre contrastada e ironizada em relação aos temores, máscaras de desejo por corrupção, fraquezas humanas e subordinações burocráticas. Tal qual Dostoiévski [1821-1881], em *Dangling Man*, Bellow desnuda a convivência de muitos ao contestável pietismo a cultos ou “às grandes imagens”, historicamente, ligadas à prepotência de alguns e seus respectivos métodos de persuasão.

8. 3. 1. Do humanismo europeu à questão da “*cidadania em alguns países*” segundo Joseph em *DM*

Ao revelar tais influências, o autor critica as ondas de morte, a alienação das massas e as demandas de submissão impostas por instituições tirânicas de alguns países. Bellow contrasta o seu tempo com o passado romântico; os sonhos do passado que não se realizaram, ao contrário, viraram pesadelos ou os reveses da história. A beleza do romantismo europeu expresso por Goethe, Flaubert, etc. desfazia-se no ar da Chicago dos anos 1940. Joseph registra em seu diário:

Eu me sinto uma granada humana prestes a explodir. Eu sei que (após convocado para lutar na guerra)* sou destinado a explodir, mas estou continuamente antecipando os acontecimentos. E sob tal piedoso desespero eu me vejo a gritar: “Bum!”, todavia, prematuramente.

O sentido da expressão de Goethe estava certo: O livre fluir em continuidade pela vida conduz às expectativas. A morte implica na abolição das escolhas. Quanto mais limitadas são as nossas opções, mais a morte nos fecha o cerco. A maior crueldade é quando as expectativas são mutiladas e destruídas, sem que a nossa vida nos tenha sido tirada completamente. Nestes termos, a vida transforma-se em

prisão. A cidadania em alguns países é assim. A melhor solução é encarar a vida como se as expectativas almejadas, ainda não houvessem sido frustradas e removidas. E, além disso, é preciso não se deixar arrastar cegamente pelo fluxo do dia-a-dia. Mas, isso requer um autocontrole imenso. (DM, p. 147-148; parêntese nosso*) ¹⁰⁹.

A questão das expectativas colidia com formas atreladas ao julgamento moral daqueles dias. Dangling Man expõe um refinamento analítico que concorre com um sensualismo vigoroso. A narrativa assemelha-se a um estilo neo-barroco que transmite sensações imediatas e intensas. Traduz um contexto formal de ideias abstratas. Busca a compreensão intelectual do significado humano da existência durante e após os anos 1940. Reflete sobre as consequências da acomodação e do colapso resultante das tendências sociais. Neste sentido o protagonista concorda com as ideias de Goethe.

Goethe criou o *'Romance de Formação'* a partir da obra *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*. Bellow reinterpreto a essência das “formas”, que observara a partir do legado de Goethe. Quando Joseph afirma que: “A melhor solução é encarar a vida como se as expectativas almejadas, ainda não houvessem sido frustradas e removidas”, ele está se opondo ao procedimento pedagógico disciplinar inerente ao modelo institucional. Ele está querendo expressar que não importa que não saiba como fazer. Todavia, sugere que o que importa é persistir no sonho, aconteça o que acontecer. Não tem modismo algum por espelho. Aliás, os têm como imagens-modelo de inspiração autoritária. Se o sonho dos heróis durões de Hemingway era ser de

¹⁰⁹ “I feel, I am a sort of human grenade whose pin has been withdrawn. I know I am going to explode and I am continually anticipating the time, with a prayerful despair crying ‘Boom!’ but always prematurely. The sense in which Goethe was right: Continued life means expectation. Death is the abolition of choice. The more choice is limited, the closer we are to death. The greatest cruelty is to curtail expectations without taking away life completely. A life term in prison is like that. So is citizenship in some countries. The best solution would be to live as if the ordinary expectations had not been removed, not from day to day, blindly. But that requires immense self-mastery.” (DM, p.147-148).

acordo com o dogma-padrão, ou seja, existir exclusivamente em função os outros, para Bellow, eles não tinham nem expectativas, nem vida interior. Eram não pessoas, submissas e filiais representações existenciais do não ser.

Joseph é alertado pelo irmão Amós, pelo pai e até mesmo por Iva (a esposa) de que os seus sonhos são inviáveis e impossíveis. Bellow partia das formas de Goethe, ou seja; das formas sinônimas do mundo imaginário e ficcional e que descendem de desejos. Era preciso vivenciá-los — desejos ou formas — na imaginação para que pudessem ser concretizados. Era preciso idealizar os desejos, ‘sonhar’ com eles e acreditar nos sonhos, enquanto expectativas almejadas, com a mesma intensidade piedosa de quando se tem fé numa crença religiosa.

Bellow converteu a fé no mistério dos milagres em fé nos sonhos, em expectativas ficcionais e imaginárias do protagonista. Sabe-se que milagres são tão improváveis de acontecer quanto os sonhos. Todavia, as formas de Goethe constituem imagens, emoções, símbolos e toda uma atmosfera germinal. Há nelas um impulso inicial e de uma provável perspectiva causal.

Bellow propunha que o seu protagonista não só não abdicasse de suas expectativas íntimas, como *“não se deixasse arrastar cegamente pelo fluxo do dia-a-dia”*, ou seja, não se deixasse persuadir, compulsivamente, por nenhum engodo exterior; piedoso ou ideológico.

O autor retomou a atmosfera das formas e reinterpretou as figuras germinais inventadas por Goethe. Ele as teve como essências de um original e de um novo método ficcional. Se na sua última obra [*Ravelstein*, 2000] o seu derradeiro protagonista exclama que; *“a obra de um grande escritor pode ser toda ela encontrada na primeira página”*, isto significa que para ele, as *“formas germinais”*, as mesmas que Joseph chama de *“expectativas almejadas”*, ali estão; no princípio, no primeiro parágrafo.

O protagonista rejeita à submissão automática às formas assim como os personagens de Goethe e comenta sobre os riscos de se deixar levar por circunstâncias obscuras inerentes às mesmas formas: *“A maior crueldade é quando as expectativas são mutiladas e destruídas sem que a nossa vida nos tenha sido tirada completamente”*. Ele desloca o viés piedoso ao secular na esperança da realização esperada. Ele não sabe como, mas, precisa apegar-

se, deixar que as formas germinem e que pouco a pouco, as lacunas intelectuais racionalizadas e possibilitadas comecem a ser preenchidas. Que as emoções aflorem dos instintos à consciência intelectual, mas continuem encaixadas no contexto enquanto matéria para a reflexão literária. Vale relembrar o impulso inicial por essência. E o alento, a seguir, inserido na ordenação de formas literárias a partir do antigo caos entre a imaginação e os desejos em turbilhão. Há uma persistência que espelha o não abdicar da fé nos sonhos. E, assim, o primeiro passo já está dado.

Ao contrário do viés que considera as divagações e os desejos como heresias, Bellow considerava isso antes o seu material de trabalho, que problemas passíveis de psicoterapia. Ou pior, que um motivo para a expressão de reações via personagens a inspirar ‘rebeldias sem causa’. Ele partiria das formas germinais como um método piedoso, civilizado e pós-histórico, pelo discernimento em relação ao legado de erros transmitido através da história da civilização, pela realização de sua visão opcional de mundo. O protagonista justifica que sem vida interior além de submisso a um referencial imutável então; “Nestes termos, a vida se transforma em prisão”.

A importância das formas germinais é sempre redefinida pelo protagonista. O *Homem Involuntariamente Inoportuno* transcende o conteúdo literário de formas remanescentes dos últimos dois mil anos, sinônimas de raras sementes que não brotaram, mas, em seu tempo, ainda intactas. Formas, que *DM* impulsionaria um pouco mais. Vale notar a coincidência reflexa dos cenários de época, também ligada, à longa perspectiva piedosa e relativa ao impossível sonho de realização do Estado de Israel. E ambos, formas e sonhos ou expectativas, se realizaram, como qualquer sonho impossível, mas, concretizado num Estado moderno e secular. Depois disso, como duvidar do potencial da crença em formas? Mesmo, a partir da literatura?

Neste sentido, a visão sugerida por Bellow propõe a personalização do destino pela concretização da forma literária. Se o protagonista é alienado, se apenas cumpre ordens cegamente, o seu destino, para Bellow era inerte. Assim, tudo dependia da fé nas próprias formas, da autonomia pela crença transcendental aos desejos. Ou das oscilações piedosas em relação às

expectativas almeçadas, isto é: em relação de pé de igualdade; com a fé no sonho enquanto gerador-espelho da própria atmosfera circunstancial.

O herói-vítima do passado muda. Ele vira herói sobrevivente e participante de algo novo. Em vez de formado por situações sem saída; de antiga revolta e resignação, ou em vez da reação sado-masoquista; Bellow sugere o despertar de um novo ímpeto ficcional. Por outro lado, o seu fenômeno literário promove rompimentos dos elos inatos e dependências. Há um novo impulso sobre a incorporação da visão de mundo do outsider ou do incomum àquela do sujeito cidadão comum.

A rejeição das limitações internas e externas, ele conclui ter sido a principal responsável pelos banhos de sangue da história, da redução e da degradação da vida privada. Neste sentido, a máxima bíblica “*Eis me aqui!*” (do hebraico bíblico; “*Hineni!*”), símbolo do indivíduo que faz a diferença, sugere uma afronta. O autor ironiza as influências do viés despersonalizante e o poder persuasivo de líderes e instituições de então.

Embora Bellow não fosse contrário ao sionismo, ele rejeitava os excessos de qualquer proposta ideológica. Após o retorno de uma viagem a Israel, ele publicaria um relato, de subsídios da mesma, intitulado *Jerusalém Ida e Volta* (1976). Ali, há citações de vários escritores. Entre elas algumas de AB Yeoshua. Bellow inseriu frases referentes às apreensões do israelense, enquanto romancista, ou seja, em relação às formas como: “*O homem (israelense) está sendo convocado dentro de si mesmo, e [...] não pode chegar à solidão verdadeira, que é o requisito da criação*”, e mais adiante: “*não podemos escapar da politização*”.

Jerusalém Ida e Volta sugere o mesmo sutil amargor de Bellow quanto os excessos ideológicos serem tornados prioridade. Bellow, nesta obra, também cita que “*Os heróis de Stendhal, quando na prisão, preferem pensar em amor*”. E observa a responsabilidade do intelectual pela não abdicação das formas poéticas ou literárias: “*Permanecer um poeta [...] é atingir o coração da política*”. Ao fim, ele reendossaria o seu viés, pelas formas germinais, desde *DM*: “*É então, que os sentimentos humanos, a humana experiência, a forma e o rosto do homem retomam o seu lugar natural — a vanguarda*” ¹¹⁰.

¹¹⁰ BELLOW, Saul. *Jerusalém Ida e Volta* [1975]. Tradução de Raul de Sá Barbosa.

8. 4. ***DM* ou *Um Homem Involuntariamente Inoportuno*: Um resgate ético-ecumênico e humanista das “formas germinais” nas mesmas fontes judaico-universais**

Bellow projetou uma insistência, enquanto obrigação intelectual ao manter viva a chama da compaixão, sem o que, os seus heróis seriam menos que humanos. Nunca abdicou da ideia do protagonista enquanto herdeiro e avatar de uma moral e do legado ético ecumênico (judaico e universal), ao qual ele sugere que está para as próprias origens, na mesma razão da civilização que o tem, periodicamente, rejeitado. Portanto, Joseph é portador do avatar das respectivas doenças da alma e de todo o potencial de cura.

A linguagem literária de Bellow transmite um sentido além do meramente privado e que se universaliza. Lidar com os sonhos, também foi o tema original e básico da psicanálise que a princípio se valeu da interpretação das *formas* literárias: Da perspectiva analítica — das *formas* aos símbolos — e à realização numa perspectiva social de fato. Aos poucos, a experimentação original gera subsídios essenciais e desponta como opção ao humano avassalamento diante de mistérios da mente e dos enigmas, antes, indecifráveis para maioria.

Joseph ensaia aceitar a morte como um fato e sugere que almeja romper com o entorpecimento da consciência pelo fluxo de pânico. Ele é o primeiro herói involuntariamente inoportuno em busca de saídas, mas que rejeita a corrupção da própria personalidade, apesar do estado de suspense em que ele se encontra. Joseph está inserido no contexto da enorme lista de protagonistas de Bellow que Earl Rovit¹¹¹ cita a todos como “*heróis solitários e incomuns*”, portadores de uma responsabilidade histórica, assim como cada um dos sobreviventes da Shoá em relação “*àquelas palavras inscritas no Yad Vashen, o Memorial do Holocausto em Jerusalém: “Eu sobrevivi sozinho para*

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 23.

¹¹¹ ROVIT Earl. Saul Bellow and the Concept of the Survivor [From Saul Bellow and His Work, edited by Edmond Schraepen]. In _____. Harold Bloom, **Saul Bellow**. New York, New Haven, Philadelphia: Chelsea House Publishers, 1986, p. 127.

*contar, relembrar e exigir”*¹¹².

8. 4. 1. Goethe flameja na obra anterior ao seu ‘Fausto vendendo-se ao demônio, a terrível e demoníaca expressão: “Papel de judeu, de ministro e sobretudo o de malfeitor”¹¹⁴, após ter abrasado, em mesmo tom pejorativo, uma referência aos ciganos.

Vale ressaltar que a realização de um sonho póde levar cinco minutos ou dois mil anos. Bellow assumira as formas ficcionais sob um viés diferente do utilizado por Goethe, o criador do primeiro “Romance de Formação”; *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*¹¹³. A perspectiva de inclusão do fato judaico no contexto de “*formas germinais*” visualizado por Goethe¹¹⁴ reflete

¹¹² “*I survived alone, to tell, to remind and to demand.*”

¹¹³ GOETHE J. W. [1749-1832]. *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* [1795]. Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

¹¹⁴ Em *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, Goethe endossou a sua visão sobre o fato judaico em duas passagens. Na primeira, o herói Wilhelm Meister e sua trupe de teatro, estão determinados a passar por uma região de conflito militar e Goethe escreve: “[...] *ainda que o emissário (da trupe fosse) enviado, para não passar por um espião judeu, tivesse que [...] apresentar-se ao seu senhor e amigo sem a folha de oliveira*”. Vale notar que “*folha de oliveira*” é citada como símbolo do povo judeu ou sinal de judeidade em Gênesis [8, 8-11]. (Op.Cit. GOETHE, Livro IV, Cap. 11, p. 234¹). Na segunda passagem Goethe cita o diretor da trupe de teatro de Meister, Serlo, Este se dirige a Meister e enfatiza “o *sucesso indiscutível*” que “o *pedante*”, amigo de Meister, fará “*nos papéis de judeu, ministro e, sobretudo, de malfeitor*” (Op. Cit; GOETHE, Livro IV, Cap. 19, p. 267). Vale ressaltar que esta obra foi finalizada em 1795 pouco após a Revolução Francesa [1792]. Até aquele momento, na Confederação dos Estados Alemães os judeus ainda não tinham direito à cidadania, pois não possuíam as certidões cristãs (de batistério, de nascimento ou de casamento). Tal ocorrência se passava em quase toda a Europa. Somente após a Revolução Francesa o Estado Laico iniciou a sua predominância na Europa e as certidões civis passaram a ser emitidas aos judeus. Até então os Estados Alemães eram uma colcha de retalhos de ducados, principiados, condados, etc. quase sempre em conflito entre si. Os judeus ali viviam segregados em terras ou guetos institucionais a eles destinados. Pelo fato dos Estados (principalmente em época de beligerância) não lhes concederem cidadania, eram geralmente classificados como “espiões” ou mercenários a serviço do inimigo. A referência — “*espião judeu*”— de Goethe é exemplo de tal parcialidade a partir do senso comum de época. Na Europa, tal estigma anti-semita permaneceu por séculos, e com vários apogeus. Um dos mais marcantes foi o caso do Capitão Alfred Dreyfus (1859-1935). O Capitão francês foi acusado em 1894 de ser “espião judeu” e “traidor da pátria

lacunas ou lapsos, historicamente, fatais. Joseph, que cita Goethe em vários trechos do seu diário e reflete em Chicago sob os cenários ocultos do nazismo nos anos 1940. A omissão da presença do fato judaico na literatura universal precisava aflorar. O próprio Wilhelm Meister, o protagonista de Goethe inicia no romance, ainda criança, encenando um teatro de fantoches a peça Rei David, Saul e Golias. O lado judaico, oculto, há séculos pelas conveniências malévolas da cultura ocidental precisava ser revelado. O jovem Bellow tinha que preencher as lacunas. Se o seu protagonista queria realizar algo impossível, sem condições e sem saber como, teria que partir de uma força de vontade pessoal e inalienável. O autor deveria preencher o vazio entre a ficção, o seu legado e sua realidade circunstancial em seu tempo e mundo. Quatro anos após a publicação de *DM*, o Estado de Israel moderno, também, preencheria o vazio entre “*formas germinais*”, desde o princípio, indeterminadas, impossíveis e presentes nos textos dos profetas bíblicos.

Embora *DM* seja escrito quase que somente em jargão suburbano da Chicago dos anos 1940 o Homem Involuntariamente Inoportuno referencia em relação aos temores da sua perspectiva histórica resultante. Joseph ironiza os que se deixaram escravizar em troca de proteção. Ele mesmo, não desiste da liberdade e reflete sob uma persistência piedosa. Preenche lacunas mentais com sementes de sonhos, aromas de alento e formas de afronta. Lança o

francesa”. Vale notar, que em seu julgamento não havia provas e os testemunhos tinham bases subjetivas e forjadas. Após o veredicto de culpado, o Capitão foi condenada à prisão perpétua na Ilha do Diabo, nas Antilhas. Ele cumpriu 12 anos, em regime de trabalhos forçados, até a sentença ser anulada. O seu advogado, Émile Zola, que também era jornalista e escritor, promovera (de 1894 a 1906) uma intensa campanha na imprensa contra o anti-semitismo institucional na França. Consta que pouco mais de uma década além, a propaganda do “*Caso Dreyfus*” constituía-se em referência à política anti-semita do nazismo alemão (desde o final da Primeira Guerra, em 1918). Em suas obras, Bellow e protagonistas teceram vários comentários sobre o “*Caso*”. Os mais explícitos estão em *A Mágoa Mata Mais* (1987). Entretanto, já em *DM*, após uma das citações sobre Goethe, um demônio aparece ao protagonista. O mesmo recebe o nome francês; Tu As Raison Aussi (Você Também Tem Razão). Bellow jamais perdoaria o contexto demoníaco e cínico-razional do julgamento de Dreyfus. Ele nunca deixaria de responsabilizar, nem de ironizar as absurdas ‘razões’ francesas do citado “*Caso*”. Nem de relacioná-las como impulsos originais ao nazismo (que no ano da publicação de *DM* assolava a Europa).

alerta que opção pelo entorpecimento da personalidade apenas conduz ao aprisionamento dos destinos.

A ficção das *formas* do jovem Bellow formalizou-se no Nobel (1976) e daí à *Ravelstein* escrito aos 85 anos. Tal perspectiva preenche o lacunoso legado das formas Goethe. Em *DM*, o jovem Bellow aponta semelhanças entre a sua obra e do escritor alemão. Tal referência remete a que ambas se valem de fontes comuns, milenares e, de algum modo, resultantes da herança judaica. O legado das formas de Goethe, quase destruído pelo nazismo é, portanto, atualizado e a intenção universal de Goethe ressurgue num contexto inclusivo e secular.

Após o Holocausto, o erro fatal da ocultação do legado judaico da linguagem das formas começa a ser compensado. Muitos herdeiros de Bellow surgem a cada momento a reclamar os direitos à herança das formas inclusivas ao judaísmo secular e à literatura universal. Aparecem como quem descobriu um tesouro enterrado há séculos numa ilha deserta. O seu amigo e romancista Philip Roth continua sendo um dos reclamantes. Afinal, a questão primordial do homem civilizado e que Joseph de Bellow, desde o princípio sugere, continua a exigir uma resposta, ou seja: Qual distância tem os sonhos da verdade? Qual a distância entre os sonhos e o real?

Bellow conseguiu atualizar difundir a realização ficcional através das formas como um fato inalienável. Expôs novas possibilidades de concretização de um admirável destino a partir do legado literário judaico e universal. Revelou um novo ímpeto literário e um novo sentimento de liberdade reconfigurado de *formas* germinais antes ocultas entre os espasmos da história.

9. BARGANHAS COM O MALIGNO: DE MEFISTO AO ESPÍRITO DAS ALTERNATIVAS

9. 1. Teorias de um mundo completamente bom, aliás, também mau

9. 1. 1 Em busca de uma impressão verdadeira

Bellow era, de fato, um escritor em busca de uma impressão verdadeira. Os seus personagens são heróis-sobreviventes no continuum histórico condutor da vida moderna, massificada sob o império da indiferença. A maioria descende de pais imigrantes ou eles mesmos o são. O seu legado familiar não é inato e almejam o engajamento inclusivo ao seu legado. Cada um deles tem uma visão de mundo própria e seletiva. Não estão em busca de uma nova identidade. Eles nunca se assimilam aos modismos, nem às idiossincrasias inatas aos vizinhos. São heróis-sobreviventes. Eles não estão em busca de um troféu por alguma proeza. Nem almejam ou conquistam o poder político. Também, não são heróis musculosos, nem soldados, guerreiros ou rebeldes. Nem são amantes pródigos, espiões do serviço secreto ou super-heróis. Não são como a maioria, Joseph tem traços do personagem de Dostoiévski de *Memórias do Subsolo*. Ele concorda com este último em que os instintos de sobrevivência imprimem um viés maligno inescapável. Assim como, o protagonista de Dostoiévski ironiza que: “*Em nenhuma sociedade humana o mal pode ser eliminado*”.

9. 1. 2. O mundo bem vestido e barbeado dos anos 1930

A arte de Bellow é humanista, mas inovadora, seja em relação ao espírito poético, seja relativa ao contexto romântico europeu dos séculos XIX, bem como inovador da perspectiva literária universal no pós-guerra. Não é uma proposta lógico-racional com elos do começo ao fim. Mas, de ruptura, pelo nascimento de algo inédito, de crítica ao puritanismo, aliás, enquanto moralidade insuspeita do mundo bem vestido, de terno e gravata que, nos anos 1930, ocultava uma gana assassina. O jovem Bellow redirecionou o legado de autores russos Dostoiévski, Gogol e Tolstoi. E difundiu um novo jargão literário a partir da herança de Goethe, de Thomas Mann, de Shakespeare e da psicanálise que, então se prenunciava como nova

ferramenta para construção de seus personagens. Propunha a uma nova perspectiva onde até mesmo, o viés reivindicatório das esquerdas ressurgia desacreditado. A poesia contrastava com o racismo que, naquele momento histórico, culminava em campos de extermínio de civis. O sonho, tal como fora redescoberto pela psicanálise, reconduzia da poética ao simbólico.

Neste sentido, nazismo e stalinismo participam dos cenários da narrativa os quais sugerem o papel dos horrores impostos à civilização por pessoas bem vestidas, homens bem barbeados; soldados nazistas. Isso então traz à tona dúvidas em relação às antigas certezas antes idealizadas ou “sonhadas”. Em Bellow há um princípio e um final, este último, como um sonho a realizar, aliás, entre pesadelos.

A influência da cultura clássica ressurgue desmascarada, antes sob o viés sempre oculto de ganância pelo poder ou dos instintos de sobrevivência. O autor preenche as lacunas encobertas, até então, pelas certezas mascaradas apesar dos horrores estampados entre as notícias dos jornais da época. Sua arte revela o modo de vida onde o anonimato ansiado pelo protagonista é sempre violado pelo grupo. Ele manifesta uma postura impessoal em relação às demais mensagens da natureza, que a maioria seguia passivamente. Para ele dogma, ideologias, hedonismo, submersões passionais e apelos consumistas da vida moderna estimulavam bloqueios exemplares da imaginação humana. A ética do mundo bem vestido, de terno e gravata ocultava nos anos 1930 uma ânsia assassina. A repressão em nome da ordem, então apregoada pelos meios institucionais, passa a ser contestada pelo protagonista de Bellow.

O protagonista nem sempre resiste aos seus instintos, ele quer escapar das regras, buscar novas saídas. Ele desacredita no que aparentemente se dizia ético, mas revelava duplicidade imbuída por intenções ocultas e registra:

Teorias para um mundo completamente bondoso ou, aliás, completamente maldoso, soam a Joseph como imprudências absurdas. Aos que creem num mundo apenas bom, ele diz que nada entendem de depravação. Aos pessimistas ele questiona: É só o que conseguem ver? [...] Enquanto para ele, o julgamento é secundário em relação ao assombro, à

especulação sobre os homens entorpecidos e lúcidos, ciumentos, ambiciosos, bons, persuadidos ou curiosos. Cada um desses homens, em suas épocas, a imprimir a sua respectiva marca de estranheza no mundo, com seus costumes e modas. [...]. Devido a todas essas razões Joseph sofre de uma sensação de estranheza [...] de que não pertence por inteiro a esse mundo [...], de quase uma conspiração [...]. Viver o dia a dia, à sombra de tal conspiração é experimentar. E quanto mais [...] a intranquilidade aflige, mais intensa é a reação de se agarrar ao passante mais próximo, aos irmãos, familiares, amigos ou esposas. (DM, p. 29-30) ¹¹⁵.

A mística judaica também ensina que o bem é apenas uma quintessência indissociável dos quatro quintos restantes de maldade. Portanto, Joseph registra ser, convenientemente, tolerante e partidário do: *“tout a comprendre c’est tout pardonner”*. Afinal de contas, ele mesmo é sustentado pela esposa, que, eventualmente, trai com uma amante.

Embora houvesse conhecido a amante quando ainda trabalhava na Interamericana. Ele justifica-se avassalado por formas irrepreensíveis. Provoca o perdão do leitor por seu anseio natural recoberto de autocritica. Mas, isso não implica em nenhuma promessa de abstinência aos misteriosos, mas inescapáveis anseios. Ele, também, cita, convenientemente, Espinosa. *Vale notar que este filósofo ao abordar um assunto semelhante afirmou que: “Não devemos rejeitar aquilo que não compreendemos por causa daquilo que*

¹¹⁵ *“Theories of a wholly good or wholly malevolent world strike him as foolish. Of those who believe in a wholly good world he says that they do not understand depravity. As for pessimists, the question he asks of them is, ‘Is that all they see?’ [...] Whereas, to him, judgment is second to wonder, to speculation on men, drugged and clear, jealous, ambitious, good, tempted, curious, each in his own time and with his customs and motives, and bearing the imprint of strangeness in the world. [...] But for all that reasons Joseph suffers from a feeling of strangeness not quite belonging to the world. [...] takes the form almost of a conspiracy [...]. Living from day to day under the shadow of such conspiracy is trying. If it makes [...] more for uneasiness, and one clings to the nearest passers-by, to brothers, parents, friends, and wives”. (DM, p. 29-30).*

ignoramos.” (Espinosa, cap. 3, p. 17) ¹¹⁶.

9. 2. De Thomas Hoobes

9. 2. 1. A questão da “*vileza, da crueldade e da baixeza*”

Em suas autocríticas, ele figura como um homem regenerado de suas pequenas transgressões e rebeldias sobrevivendo no mundo que Hobbes, segundo o protagonista, já dizia ser “*vil, cruel e baixo*”. Ao contrário do herói de Hemingway, sempre um adepto de elos de nobreza, o de Bellow é um sobrevivente plebeu, adepto do anonimato. Para o último, se o Eterno é o bem, a morte é o mal. E como todos os homens morrem, ele tem plena consciência que não há nobreza que faça a vida ser indissociável do mal ou da morte. Ou seja, todos, os nobres ou não, têm as mesmas chances perante a morte. Mesmo os sem consciência deste fato.

Neste sentido, a ética judaica está sempre presente posto que vida alguma não sendo eterna, não é só bondade. O personagem ironiza líderes ou ideologias que se pretendam representantes de Deus na terra, da pureza e bondade absoluta ou salvadores do mal, Ele os relaciona aos incontáveis “banhos de sangue da história”. Para ele, o mal é simbolizado por ameaças à sobrevivência e pelos exemplos expiatórios em nome de políticas persuasivas. E pelo arrebanhamento e submissão voluntária dos demais.

9. 2. 2. Infância revisitada: Pai de colega diz sobre Joseph em alemão, “*Mefisto também era bonito!*”

O que Joseph refere-se a partir de Hobbes enraíza-se também enquanto um trauma. A questão do mal assume formas fantasmagóricas quando Joseph revisita a sua infância. Marcas profundas afloram das projeções do autor no personagem. A questão das raízes históricas do antissemitismo o contexto subjetivo de meras recordações da infância. Ele as confronta num face a face com vergonhosas, imorais, perigosas e injustificáveis manipulações que vêm à

¹¹⁶ ESPINOSA, Baruch de [1632-1677]. Pensamentos Metafísicos. [originalmente publicado como Apêndice In _____. Princípios da Filosofia Cartesiana, 1659]. In _____. Os **Pensadores** [Coleção]. Tradução de Marilena de Souza Chauí Berlinck. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

tona de camadas enterradas. Afloram na superfície de profundas e maléficas raízes históricas, do tipo das que são convenientemente disfarçadas como banalidades desprezíveis, de “baixa prioridade”, com face, com ar de habitual distinção, porém falsamente maquiada de franqueza e que a ninguém exceto ele, em verdade, interessa ao fundo das razões e das causas originais a estes e outros confrontos.

Joseph trava uma luta angustiante com lembranças familiares e costumeiramente esquecidas pela maioria, todavia ressoam como alarmes aterrorizantes. Em *DM* como Mefisto em *Fausto*, afloram entidades que sugerem ser o alter ego do ‘jovem’ autor. Joseph é visto num face a face sobre a ética da demonização de outrem:

No ginásio eu fizera amizade com um garoto chamado Will Harsha, um alemão. Costumava visitá-lo em casa e conhecia-lhe a irmã, o irmão mais moço e a mãe. Nunca encontrei com o seu pai, [...] numa manhã de domingo, aconteceu de o pai estar em casa [...] — ‘Então este é Joseph’, disse ele [...] para a mulher (em alemão): — ‘*Er ist schön*’ (*Ele é bonito*). E a Sra Harsha respondeu: — ‘*Mephisto war auch schön*’ (*Mefistófeles também era bonito*). Mefisto! Mefistófeles? Eu entendi o que ela tinha dito. Fiquei gelado, ali de pé. (*DM*, p. 76-77)¹¹⁷.

Joseph critica a subordinação espontânea fundada no viés dos que apenas veem “só o que querem ver”. Sem deixar de apegar-se aos ditos de Thomas Hobbes, e também sugere que monstro bíblico Leviatã equivale à cidade, à sua Chicago das máfias e assassinatos. Contesta tipos preconceituosos num tempo histórico marcado por um cenário político

¹¹⁷ “In the high school I became friendly with a boy named Will Harsha, .a German. I used to visit him at home and I knew his sister and his younger brother, as well as his mother. But I had never met his father, who kept a store in a distant neighborhood. However, when I came to call one Sunday morning, the father happened to be at home, and Will took me in meet him. He was a fat man, black haired and swart, but kindly-looking. “so this is Joseph”, he said as he shook hands with me. “Well. *Er ist schön*“, he said to his wife. “*Mephisto war auch schön*“, Mrs, Harsha answered. *Mephisto! Mepphistopheles! I understood what she had said*”. (*DM*, p.76-77).

institucional indutor e persuasivo a tal atmosfera. Sugere uma reflexão sobre o presente. Ele não aceita nada automaticamente. Observa ganhos e perdas. Não ouve sem discernir.

9. 2. 3. Joseph dialoga com o Espírito das Alternativas

Na segunda metade da narrativa, Joseph conversa com uma entidade espiritual. O protagonista realiza dois longos contatos com mesma, que é tão persuasiva quanto o demônio Mefistófeles de Goethe. Embora o demônio de Bellow tenha características judaicas, distintas do demônio de Goethe. Ele não quer seduzir Joseph para que venda a própria alma post mortem, como o faz Mefistófeles com Fausto ao viés da salvação cristã. O demônio de Bellow serpenteia pela perversão do viés judaico ortodoxo, enfatiza através dos pontos cegos, pela indução a uma visão de mundo laica, aparentemente humanista ou verdadeira, porém parcial. A entidade explora a ação de convencimento pelos pequenos erros, sempre presentes. Tenta iludir Joseph a que enxergue apenas a parte aparente de suas propostas e fique apaixonadamente cego às intenções nefastas e inerentes ao todo. Num de seus diálogos a entidade indaga a Joseph:

— Estes tempos têm proporcionado uma vasta experiência que, todavia, pouco tem a ver com a vida. [...]. — Para que você pensa que está sendo preparado? — Para morrer? (Pergunta a entidade). [...] — Não há mais nada para se preparar que não seja para a vida. Você não precisa saber nada para estar morto. (Conclui Joseph). (DM, p.165. Parênteses nossos)¹¹⁸.

9. 2. 2. A solidão, o ‘Silêncio do Eterno’ e a persuasão à imagem e semelhança da crença na Eterna perfeição

Em irônica contrapartida há o viés bíblico da criação do Homem à

¹¹⁸ “The vastest experience of your time doesn’t have much to do with living. Have you thought preparing yourself for that? —Dying? [...] You can’t prepare for anything but living. You don’t have to know anything to be dead.” (DM, p. 165).

imagem e semelhança do Eterno. Voltando a Hobbes, o protagonista referencia simbolicamente o ameaçador monstro Leviatã da Bíblia Hebraica. Para Hobbes cidade, o Estado (a polis) traduzia o mesmo nível de ameaça que o Leviatã bíblico. Hobbes contrapunha a cidade como obra imperfeita a, também, espelhar as imperfeições humanas. Mas, ironizava tais imperfeições, como vãs tentativas inerentes aos instintos humanos, mesmo diante do ideal bíblico e transcendental que apregoa o Homem “à imagem e semelhança” da Eterna perfeição. Em vez disso a crença do Homem, segundo Hobbes, se voltaria à imagem e semelhança de suas próprias, imperfeitas e respectivas obras humanas. Neste sentido, Hobbes citava o viés secular como o melhor, embora imperfeito, que a humanidade podia realizar diante do “*Silêncio do Eterno*”, após a criação.

Neste sentido. Bellow sugere e, o seu personagem revela ter uma opinião determinada sobre o embuste oculto do que se diz santo em vida, pio e filial. Joseph contesta qualquer forma de paternalismo místico, onipotente e autoritário, como sugestão persuasiva ou de falsa representatividade em relação ao Divino. O demônio sugere a que Joseph se mantenha incrédulo. O objetivo do demônio é infernizar e deixar Joseph em estado de suspense e sem saída: Ou incrédulo, contra o paternalismo, ou incompetente para resolver as próprias dúvidas.

9. 3. O espírito das alternativas: Um alter ego do autor

9. 3. 1. De Aristóteles

Joseph registra os cenários de sua época, onde engajar-se significava optar em lutar contra Hitler ou a favor. De todo modo, o preço do engajamento era vestir um uniforme militar para morrer ou matar na guerra. Evidentemente, Tu As Raison Aussi, o estimula a lutar na guerra. Neste diálogo, Joseph discute com o seu demônio sobre a filosofia de Espinosa. A postura racionalista é enfatizada por Bellow, ironia esta, presente até mesmo no próprio nome do demônio que em português significa; Você Também Tem Razão. O nome da entidade, por si mesmo já é um escárnio. Espinosa juntamente com Descartes foi talvez, um dos maiores apologistas da observação da — “*razão além das paixões*” — através da filosofia. A relação

de Joseph com o tema nos remete aos *Pensamentos Metafísicos* de Espinosa. Em tal estudo, Espinosa refere-se ao nada metafísico dos filósofos e diverge do viés aristotélico¹¹⁹ e indutor da ideia de despersonalização — a do ser filial — submisso irracional, ao jogo de suas próprias emoções. (Conforme citação nossa, Capítulo 3. 4. — Do ‘Eu’ que depende do outro de Aristóteles ao “Homem integral” de Nietzsche, livre dos apoios habituais, almejado por Joseph). Segundo Espinosa, também citado pelo protagonista, “*enquanto duram o medo e a esperança*”¹²⁰ em relação a alguém o engodo da

¹¹⁹ Desde a primeira página, o jovem Bellow configura Joseph a observar a questão da despersonalização. O protagonista ironiza Alexandre, O Grande, sobretudo, o pensamento de Aristóteles, o tutor daquele rei. Este último configurou em sua *Política* a ideia de que o cidadão com poder e, por demais individualizado seria um tirano e um risco à Polis. Portanto, consta que Aristóteles ensinou o seu protegido Alexandre a comportar-se do modo, o mais dependente dos outros e mais despersonalizado possível. Espinosa contestou a atitude dos filósofos antigos e escreveu *Pensamentos Metafísicos*, que se opõe à *Metafísica* de Aristóteles (ver nota de rodapé no Cap 3.4.). Em *Pensamentos Metafísicos* ele põe abaixo a própria metafísica que propõe o nada isento de emoções como um princípio e essência. Para Espinosa o nada era inconcebível. Não passava de um espelho de persuasão, pela despersonalização e submissão dos adeptos voluntários, sob tal viés. Por conseguinte, a despersonalização, pela ausência de si implicava em dependência a dogmas piedosos. Desde *Dangling Man*, Bellow jamais deixou de ironizar o fato. A influência da doutrina aristotélica atingiu todas as culturas, inclusive a judaica. Sabe-se que a ortodoxia judaica e polonesa do século XVIII valeu-se do viés aristotélico para popularizar os textos religiosos. Tal movimento, denominado de *Hassidismo* rompia com a intelectualidade judaica elitista e esotérica, que exigia dos seus pares elevados conhecimentos e capacidade de expressão literária. O novo movimento simplificava a pedagogia e em suas escolas (*Keter*) os textos sagrados passaram a ser aprendidos oralmente, por espelhamento vulgar, dialógico e verbal entre estudantes. Em vez da dedicação subjetiva às antigas formas de erudição (elitista, analítica e solitária) interpretativa passava-se ao aprendizado popular (dialógico-reflexiva). O livre acesso às obrigações objetivas foi popularizado. Os incontestáveis deveres piedosos (*Mitzvot*) tomaram o lugar da antiga e complexa flexibilidade de especulações intelectivas. A nova postura de fé aflorou mais acessível, todavia, simplificada por uma rigidez, em contraste com as afirmações do protagonista de *DM*. E, desde o primeiro parágrafo, quando ele ironiza; “*Vivemos numa época de endurecimento*”.

¹²⁰ ESPINOSA, Baruch de [1632-1677]. **Tratado Político** [1677]. _____. In *Os Pensadores* [Coleção]. Tradução de Manoel de Castro. São Paulo: Abril Cultural, 1973, cap 2, art. 10 e 15.

submissão se mantém.

Tal entidade espiritual e demoníaca aparece como um alter ego do autor. Em vez de Bellow se impor como um criador com amplos poderes, ele interfere a exemplo do demônio do *Livro de Jô*. Por mais que tente corromper Joseph, assim como na Bíblia, por mais que Satanás tentasse corromper Jô, nenhum dos dois demônios consegue mudar o destino dos citados protagonistas.

Mas, a questão da tolerância é essencial. Se o mal é inerente à vida, então as obsessões de pureza, santidade, exclusão social, limpeza étnica, segregação racial, nada disso se explica como bondade, justiça ou verdade. Joseph discorda e exalta os erros dos amigos. Já bastavam os inúmeros exemplos históricos: da Santa Inquisição ao Nazismo e dos tantos regimes que sob dogmatismos irresolutos praticaram o terror e o assassinato sob maquiagens de pureza e bondade.

O *jovem* Bellow valeu-se das ideias de Espinosa para ironizar as ideologias dos anos 1940, taxando-as de vãs tentativas de materialização do nada; meros engodos. O protagonista, após citar Espinosa, comenta as ideias salvacionistas. O exemplo do governante da Rússia comunista da época aparece implícito à fala do personagem. Stalin mandou matar muitos de seus opositores e ex-amigos. A isto, se somam fatos ocultos, a transparecer das entrelinhas, no diário de Joseph.

Mais adiante, Joseph registra um conflito com seu ex-camarada de Partido, o ex-amigo Burns. A questão da maldade mascarada pela bondade sempre aflora sob o viés espinosista de crítica à visão de mundo parcial e dividida. Espinosa comparou tal postura ao modo de compreensão parcial. Quando um evento qualquer e localizado é tomado por verdade absoluta e universal, sem a menor consideração em relação à infinitude de outras possibilidades. Espinosa comparou as considerações parciais tidas como verdades ao conceito de acidente. Segundo o filósofo, um acidente num contexto local, pode ser visto como um fato não acidental em relação a um contexto de maior amplitude. Ou o que chamamos de acidente decorre da limitada capacidade de compreensão de eventos, segundo uma visão de mundo parcial. Bellow relaciona tal visão '*edípica*' à cegueira, ao desejo compulsivo dos que somente veem aquilo que se comprazem em ver. E

sequer percebem as injustiças e preconceitos inerentes a tal limitada visão.

Bellow projeta constantes contradições em seu protagonista. O autor ironiza qualquer crença ou forma de bondade patriarcal. Ou qualquer defesa de ideologias, qualquer postura de liderança, tudo porta interesses e comprometimentos ocultos. E, carrega um potencial de sedução e corrupção de outrem embutido e bem disfarçadamente vestido.

9. 3. 2. De Espinosa à personalização do ‘Eu’ e à vontade imaginada

Nem os patriarcas bíblicos escapam do crivo de Bellow. Quanto mais seu protagonista se demonstra preparado para resolução dos problemas éticos do mundo, mais ele se mostra factível. Mais ironiza o orgulho ou onipotência inerente a qualquer forma de paternalismo. Bellow cita a ilusão de ótica de tal viés paternal. Afinal, os mais onipotentes são tão mortais quanto o restante da humanidade, por mais que se autodenominem ungidos, representantes do Eterno na terra, seres superiores ou coisa semelhante. Ele mesmo, de modo exemplar, recai e se mostra, como que sem querer, um ser com tendências arbitrárias à tirania. Mas, se demonstra humanamente propenso a repetir as mesmas arbitrariedades cometidas por qualquer outro tirano da história. Bellow ironiza e sugere que a única opção do seu herói é ser um cidadão anônimo e comum. Somente assim, anônimo, ele tem realmente o legado milenar de arbítrio primordial devidamente contido. Pois, segundo a psicanálise, o ser humano jamais, se livra dos instintos primitivos. Existem desde o início dos tempos. O ‘jovem’ Bellow reflete sobre as inescapáveis consequências dos instintos de luta pela sobrevivência em relação à ética. O protagonista duvida das boas intenções e muito mais ainda, do viés santificado proposto pelos eventuais e ‘humanos’ autores, sobre as mesmas. Joseph contesta os intelectuais e as lideranças da sua época, tal como Stalin que mandou assassinar Trotsky. E, segue a registrar em seu diário um diálogo sobre a Ética de Espinosa; entre ele mesmo e a já citada entidade espiritual, aliás, como sempre irônica e sutilmente maligna:

— Eu lembro de Espinosa ter escrito que não havia virtude maior que a de tentar preservar-se a si mesmo. —Tudo para si mesmo, não importa a que preço? —Não [...]. Ele não disse

a própria vida. Ele disse a si mesmo. Você não vê a diferença? —Não. Ele sabia que todos devem morrer. O que ele instruiu nada tem a ver com enxertar glândulas novas ou comer intestinos de carpa para que se viva trezentos anos. Não podemos ser imortais. É-nos dado decidir, apenas sobre o que é da nossa alçada. O resto está além do nosso poder. Em suma, ele não se referiu à preservação do contexto animal. — Ele falava da alma, do espírito? —Da mente humana. Do Eu que, não importa como, precisamos governar. Acidentes não devem governá-la, circunstâncias não devem governá-la. Ela é a nossa humanidade e pela qual somos responsáveis, é a nossa dignidade, é a nossa liberdade. (DM, p. 167) ¹²¹.

Joseph está cercado por amigos lucíferos. Embora nele mesmo aflore um conteúdo narcisista, um orgulho interior e um maligno complexo de superioridade, todavia ele mesmo ironiza contar com um perdão superior, automático, uma espécie de prêmio pelo seu senso de autocrítica. Por outro lado, ele se contradiz.

9. 3. 3. Do viés humano ao errático, factível e mortal

Joseph não consegue deixar de transparecer um irônico e involuntário sentimento oculto de arrogância a aflorar de suas profundezas psicologicamente, as mais interiores. O seu lado humano, errático, factível e mortal vem inexoravelmente à tona. Vale citar que neste sentido o próprio Espinosa bem definiu o que Bellow sugere DM :

¹²¹ *I recall Spinoza's having written that 'no virtue could be considered greater than that of trying to preserve oneself. '—At all costs, oneself? —You don't get it.[...]. He didn't say one's life. He said oneself. You see the difference? —No. —He knew everyone must die. He does not instruct us to graft new glands or to eat carp's intestine in order to live three hundred years. We cannot make ourselves immortal. We can decide only what is for us to decide. The rest is beyond our power. In short, he did not mean preservation of the animal. —He was speaking of the soul, the spirit? —The mind. Anyway, the self that we must govern. Chance must not govern it, incident must not govern it. It is our humanity that are responsible for it, our dignity, our freedom.(DM, p. 167).*

Negamos também que se vontade fosse indeterminada, isto é; despojada de todo pensamento, uma outra causa futura qualquer poderia determiná-la. Com efeito, se consideramos uma coisa pensante sem qualquer pensamento é o mesmo que conceber uma coisa extensa sem extensão. (Espinosa, Op.Cit., cap. XII, p. 46)¹²².

Todavia, Espinosa não considerava a Razão como divina ou onipotente, mas, tão somente uma aliada indissociável das paixões humanas. De modo, que para o filósofo o julgamento humano jamais ocorria entre o bem e o mal, mas entre um mal maior e outro menor, pois somente Deus é por si mesmo, perfeito por Natureza.

9. 4. De Espinosa à incompletude do mal ou à questão da visão de mundo sempre parcial

Para Espinosa, a maldade resulta de uma visão de mundo parcial e comum aos homens, sempre incapacitados de observar os desígnios da Natureza como um todo. Em suma, o que é mau ao homem pode estar em plena sincronia com os desígnios da Natureza, sem que o homem possa ver ou compreender a totalidade.

9. 4. 1. O judaico em Espinosa: “*Nem o 1º Homem guiou-se pela razão*”

Neste sentido, Espinosa ironizara que nem ao primeiro homem coube guiar-se exclusivamente pela Razão ou pelos preceitos de retidão. Neste sentido, o viés demoníaco é ironizado por Goethe na figura de Mefistófeles e por Bellow na figura de Tu as Raison Aussi. Vale conferir que Espinosa afirmou:

Não podemos duvidar que, se estivesse no nosso poder tanto viver segundo as prescrições da razão quanto sermos conduzidos pelo desejo cego, todos viveriam sob a conduta da

¹²² ESPINOSA , Baruch de. **Pensamentos Metafísicos**, cap XII, p. 46. Op.Cit.

razão. [...] ora, nada disso se dá, pois cada um, pelo contrário obedece à atração do prazer que procura. [...] Se o primeiro homem tivesse tido o poder de permanecer reto tanto quanto de tombar, se estivesse na posse de si mesmo e de uma natureza não viciada, como poderia ter acontecido que possuindo saber e prudência tenha caído? Dir-se-ia que foi ludibriado pelo diabo? Mas, então quem ludibriou o pobre diabo? [...] Como pode acontecer [...] que [...] se tenha deixado seduzir e ludibriar? É preciso reconhecer, por consequência, que não estava no poder do primeiro homem usar retamente da Razão, mas que ele estava, como nós estamos, submetido às paixões. (ESPINOSA, cap. II, art. 6) ¹²³.

Joseph é o mais jovem de todos os protagonistas de Bellow. Tem 27 anos e manifesta um ar filial de protesto, de busca por um lugar num mundo moderno, onde ideologias prometiam proteção em troca de submissão. Ele mesmo é antagônico ao viés paternalista. Ele presume-se ‘maduro’, em oposição ao ‘velho’ Joseph de outrora, que confirma, até mesmo, já ter sido um membro do Partido. Mas, mesmo após o seu desengajamento do Partido, ele sugere não abdicar de suas intenções originais; de intelectual da esquerda.

9. 4. 2. Joseph ironiza o “*submisso consoante ao seu próprio desejo*”

Desde *Dangling Man* qualquer personagem que cumpre ordens é ridicularizado pelos protagonistas em suas obras. Atitudes automaticamente filiais são enfatizadas como respectivas ironias. Neste sentido, o jovem autor volta-se ao pensamento de Espinosa; sobre “*um outro*” submisso a um senhor ou a alguma ideologia promovida por tal senhor. Pensamento que Espinosa completa que o homem, em relação a tal senhor; “*A inspirar temor, ou que a si ligou por favor e de tal maneira que esse outro lhe queria agradar mais que a si mesmo, e viver segundo o desejo do seu senhor mais que viver consoante com o seu próprio desejo*”. (ESPINOSA, cap. II, art.10)¹²⁴. Joseph também

¹²³ ESPINOSA, Baruch de. **Tratado Político**, cap II, art. 6. Op.Cit.

¹²⁴ ESPINOSA, Baruch de. **Tratado Político**, cap II, art. 10. Op.Cit.

ironiza em diálogo com o seu demônio espinosista da Razão; Tu As Raison Aussi:

Temos medo de nos governar. É claro. Isto é tão difícil. Desde cedo, nós vamos logo querendo desistir da nossa liberdade. Mas, aquela liberdade não é a verdadeira, pois não é acompanhada de compreensão. Era apenas, uma condição preliminar para a liberdade. Mesmo assim, a odiamos. E, na primeira oportunidade, saímos correndo, escolhemos um dono, rolamos para ele fazendo festa e, de quatro, pedimos a coleira para que ele nos leve para passear. (DM, p. 167-168)

¹²⁵

9. 5. Bellow jamais perdoou Stalin

9. 5. 2. Joseph e a mecanicidade ideológica do ex-camarada, o comunista Burns

Um de seus registros exemplares é sobre o dia do encontro no bar com o velho amigo Myron Adler. Adler, penalizado com a situação de Joseph, estuda oferecer-lhe um trabalho. Mas, deu tudo errado. Burns, um antigo e ex-camarada do Partido estava no bar. Não só ignorou a presença de Joseph, como lhe manifestou desprezo. Enquanto Myron falava, Joseph registra que se pôs a gritar em direção à Burns. Mais e mais alterado, o protagonista relata ter perdido o controle. Confessa não ter-se conformado com a mecanicidade ideológica do ex-amigo Burns. Vale lembrar que Joseph (aos 27 anos) contesta a mecanicidade filial e automática de Burns. A crítica ao paternalismo enquanto um viés edípico de submissão impensada e em troca de proteção reflete algo idêntico a irônica venda da alma de Fausto à Mefistófeles. Joseph ironiza tal viés de ‘cessão da alma’ ao Partido pelo ex-camarada. Além do que, Joseph evidencia a despersonalização do ex-amigo que passou a tratá-lo

¹²⁵ “We are afraid to govern ourselves. Of course. It is so hard. We soon want to give up our freedom. It is not even real freedom, because is not accompanied by comprehension. It is only a preliminary condition of freedom. But we hate it. And soon we run out, we choose a master, roll over on our backs and ask for the leash”. (DM, p.167- 168).

como a um desconhecido. Joseph, irritado, registra ter exagerado com Myron à mesa. Enquanto isso lamenta e ironiza que Adler tentava inutilmente acalmá-lo:

Ora, Joseph, disse Myron [...] (Joseph, todavia inquieto, logo exclama) — Não! Preste atenção e me ouça! Proíba um homem de conversar com um outro, proíba-lhe que se comunique com alguém e você o proibiu de pensar, porque, como muitos escritores lhe dirão, o pensamento é uma forma de comunicação. E o partido dele não quer que ele pense, mas que siga a sua respectiva disciplina. [...] É o que me ofende. Quando um homem obedece a uma ordem dessas, ele está ajudando a abolir a liberdade e a gerar a tirania. (DM, p. 33-34. Parêntese nosso) ¹²⁶.

Mais uma vez, vale notar que Bellow jamais perdoara Stalin, por este líder, ter mandado assassinar Trotsky, aliás, exilado pelo governo russo no México. Consta que na universidade o autor fizera parte da esquerda nos anos 1930. Durante a Guerra Civil Espanhola juntamente com as esquerdas intelectuais, o jovem Bellow também se manifestara contra os monarquistas liderados pelo General Francisco Franco e a favor dos da República. Mas, afastara-se do Partido Comunista, após a assinatura do acordo de não agressão entre Stalin e Hitler em 1938. Ele jamais deixou de considerar o fato, uma traição imperdoável.

9. 5..3. Bellow, o assassinato de Trotsky e o antissemitismo do ditador russo

¹²⁶ “Oh, Joseph, said Myron. No, really, listen to me. Forbid one man to talk to another, forbid him to communicate with someone else, and you’ve forbidden him to think, because, as a great many writers will tell you, thought is a kind of communication. And his party doesn’t want him to think, but to follow its discipline. [...] That’s what’s offending me. When a man obeys an order like that he’s helping to abolish freedom and begin tyranny”. (DM, p. 33-34).

Além disso, o assassinato de Trotski em 1940¹²⁷ justificava o anti-semitismo oculto nas intenções do ditador russo, em relação às origens judaicas de Trotsky. Em contrapartida, Joseph, mesmo sem citar o nome do ditador russo, ridiculariza os comentados acessos de hipocondria de Stalin. O biógrafo de Bellow, James Atlas comenta que a imprensa da época divulgava que o ditador russo ingeria glândulas humanas para prolongar a própria vida. Nomear o protagonista como Joseph, aliás, também, sugere uma referência ao primeiro nome do ditador Joseph Stalin, cuja influência política o personagem de Bellow nunca deixa de criticar ironicamente. Um exemplo é o personagem citado por Joseph, o seu ex-companheiro Burns. O próprio nome, Burns, se traduz em português pelo termo; ‘queima’ ou ‘o que queima’ ou ‘aquele que põe fogo’.

Para Joseph ele foi um companheiro de luta, nos tempos de universidade. Consta que Bellow caracterizou o estereótipo de muitos de seus ex-amigos radicais da esquerda. O autor jamais tolerou os que se valiam dos ideais da esquerda não pelo sentido ético, mas, apenas, ideologicamente submissos. Ele nunca perdoou os deslocamentos mentais dos seus ex-amigos; de um dogma a outro. Não considerava como aprendizado ou submersão em conhecimento, mas despersonalização, anulação ou naufrágio.

9. 5. 4. Joseph cita o “*tipo traidor por natureza*”

Joseph cita o “*tipo traidor por natureza*”, sempre engajado, como Burns, mas à espreita para entregar o amigo e ganhar pontos junto aos superiores. O viés despersonalizante da rendição cega de jovens ao nazismo ou ao radicalismo das esquerdas assumia para Bellow um caráter edípico de

¹²⁷ Cf. ATLAS. **Bellow: A Biography**. Op.Cit. 2000; p.69 e 73. Consta que Bellow e sua mulher Anita viajaram ao México com a intenção de conhecer Trotsky, um dos mentores na Revolução Bolchevista da Rússia de 1917. Sabe-se que eles ali chegaram dois dias após o 21 de agosto de 1940, em que Trotsky foi assassinado por ordem de Joseph Stalin. Bellow menciona o fato no conto *The Mexican General*, publicado na *Partisan Review* em 1941. Neste conto, o então jovem autor estigmatiza a figura do general latino-americano corrupto, membro de um governo que após conceder asilo político a Trotsky, que também era um intelectual russo e de origem judaica, para em seguida ‘cruzar os braços’ e presenciar o assassinato do seu asilado. Tal estigma de corrupção em *The Mexican General*, criado por Bellow, permanece até hoje.

inocente submersão culposa, de persuasão apaixonada, ingênua, portanto imbuída de consequências sado-masoquistas. Tal condição de cegueira, de naufrágio, de uma perspectiva sem volta tal qual poderíamos citar ocorre a exemplo do que se lê a partir do protagonista homônimo de *Édipo Rei* de Sófocles¹²⁸. Bellow sempre alertou sobre o perigo da submissão impensada a doutrinas, assim como os médicos alertam contra os vícios sociais tal qual o do álcool. O excesso está nos comprometimentos ingênuos que conduzem, passo a passo, a uma perspectiva de pequenos delitos e finalmente, a algum grande crime. Os jovens estudantes que são, em *Crime e Castigo* de Dostoiévski, falsamente convencidos da traição de um dos colegas sugerem um bom exemplo neste sentido. Eles assassinam o colega, persuadidos por um sujeito terrível e que os manipula. E ‘naufragam’ decisivamente nas mãos de tal sujeito.

O personagem Burns, segundo Joseph, tinha plantas dos subterrâneos de Chicago com pontos estratégicos marcados para atentados. O viés da manipulação e do comprometimento ingênuo de jovens com perspectivas sem volta atormentava o protagonista. Ele cita suas explosões de ódio e os seus impedimentos. São os impedimentos, a ansiedade reprimida de realização dos sonhos ou das intenções os piores engodos da vida moderna criticados por Joseph. O fato de se querer algo e ser compensado por outra, por um produto de consumo. O viés do demônio que propõe uma troca, sempre injusta, de uma vida real, amorosa e subjetivamente personalizada por um objeto de consumo, por poder, riqueza, por uma vida despersonalizada é simbolizado pelo Espírito das Alternativas (outro nome da entidade *bellowiana* Tu As Raizon Aussi).

Todavia, Joseph desconfia da perfeição, da pureza, das propostas salvacionistas sobretudo das ‘eminências pardas’ que costumam estar por trás das grandes mentiras ao longo da história. Ele se coloca em concorrência com os demais. Neste sentido, a influência do pensamento de Espinosa volta a transparecer. Tanto pelo viés ético como um aprendizado estratégico.

¹²⁸ SÓFOCLES [496 AEC a 406 AEC]. *Édipo Rei*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1998.

Joseph, como todos, observa que:

Querendo [...] ser os primeiros, surjam conflitos entre eles, procurem esmagar-se uns aos outros [...] e que o vencedor se glorifique mais por ter triunfado sobre seu rival que por haver obtido qualquer vantagem para si mesmo” (ESPINOSA, cap. II, art. 5)¹²⁹.

Ele se apresenta como um paladino do bem à moda de um Odisseu helênico, cujo destino relaciona-se aos imprevisíveis, entretanto perdoáveis, todavia convenientes desígnios, posto que os justifique estarem além da sua compreensão.

9. 6. O maligno nos personagens secundários de *DM*

9. 6. 1. A pregadora adoentada do *Christian Science* que oferece salvação na rua

O lado maligno se reflete nos personagens secundários do seu diário, aliás, sempre heróis cheios de defeitos. Ele se diverte ao se regozijar diante das falhas ou imperfeições dos outros. Vale lembrar o politizado e sutilmente cínico Abt. Há o já citado Burns, do PC que planejava a tomada do poder em Chicago. Há a pregadora evangélica de rua, do *Christian Science*, à caça de adeptos pela salvação eterna, enquanto ela mesma, Joseph descreve, aparentava um estado consternador, de doente terminal. Há Steidler e a sobrinha de Joseph. Etta tem quinze anos, é filha do casamento do seu irmão rico Amós com a rica, bela e loira Dolly. Joseph esclarece em seu diário que a sobrinha prefere a família rica e anglo-saxã da mãe à dele.

9. 6. 2. Etta, a sobrinha adolescente, apanha do “tio-intelectual”

Joseph é convidado com a esposa para passar o dia de Natal na casa do irmão, pois a rica esposa do irmão Amós é gentil. Etta não tarda em demonstrar-lhe repulsa. Num bate-boca com o tio ela chama Joseph de

¹²⁹ ESPINOSA, Baruch de. **Tratado Político**, cap. II, art. 5. Op.Cit.

“mendigo sem chance”. O bom tio-intelectual, racional e contra a violência a vira em seu colo e bate nela com a mesma desumanidade que condena entre os registros do seu diário. Para completar, no fim o personagem comenta desolado que Iva ficou envergonhada com o incidente.

9. 6. 3. O Sr. Vanaker, pobre “criatura irritante”: Alusão aos personagens vulgares e despojados de Schiller

Quanto aos seus vizinhos esquisitos, vale citar que Joseph, evidentemente, irrita-se com o Sr. Vanaker e numa dezena de parágrafos, tais como; (Cf. *DM*, p. 142) o vizinho bêbado do quarto ao lado (Cf. *DM*, p. 31), que Iva apelidou de Lobisomem (Cf. *DM*, p. 16). Relata que Vanaker tosse, escarra (Cf. *DM*, p. 18). E quando eles saem, o vizinho entra no quarto para roubar perfumes de Iva (Cf. *DM*, p. 58) e meias de Joseph. No registro de 18 de fevereiro consta que ele achou algumas de suas meias sob um arbusto, no mesmo percurso habitual de Vanaker (Cf. *DM*, p. 152). E registra que todas as noites, *“Vanaker vai, ruidosamente, por várias vezes ao banheiro comum do corredor e sem a camisa do pijama”*. Uma vez ali, Joseph endossa que; *“Vanaker de propósito”* deixa a porta entreaberta, sem se importar que Iva e os outros hóspedes ouçam *“o escorrer dos seus líquidos”* (Cf. *DM*, p. 179).

Uma das citações a Vanaker, Bellow associa, de um modo sutil, a Schiller (1759-1805), o teatrólogo contemporâneo e amigo de Goethe. Ao contrário das formas ou figuras mais ‘aristocráticas’ de Goethe, Schiller ficou conhecido por configurar o choque de relações entre tipos grotescos, da classe social mais baixa, em contraste com o refinamento exagerado de outros personagens da nobreza. A saber, que Schiller ironizou tal condição durante os anos do “Terror” no país vizinho, após a Revolução Francesa, Naqueles tempos, as tropas de Napoleão já se preparavam para expandir a Revolução ao país de Schiller, fato que atemorizava os aristocratas locais. Entretanto, o jovem Bellow não poderia deixar por menos. O seu ridículo Sr. Vanaker, um sujeito envelhecido e acabado surge frente a frente com o próprio protagonista narcisista e sonhador que sugestivamente, também se auto-presume portador do ilustrado legado de refinamento humanista e romântico do passado, em potencial. O registro com a sutil referência sobre Schiller cita:

O Sr. Vanaker [...] é uma criatura esquisita e irritante [...] parcialmente alcoólico, parcialmente nervoso. Já faz tanto tempo que vivo em quarto de pensão que eu adquiri um olho clínico para tais tipos. Anos atrás, havia um na Dochester Avenue e [...]. Havia um outro na Rua Schiller de quem sempre ouvíamos o barulho da sua pia jorrando água sem parar. Era a maneira de ele chamar a nossa atenção para a sua existência. (DM, p. 16-17) ¹³⁰.

Reminiscências da literatura europeia vêm continuamente à tona nos registros de Joseph. E sempre sob um sutil viés de ironia. Neste sentido, consta que um de seus analistas, num simpósio sobre a sua obra indagara: “— *Mas, quem Bellow não leu*”?

9. 6. 4. O rico irmão Amós, Joseph e “o triunfo sobre o rival”

Outros personagens são ironizados segundo o mesmo viés de glorificação contemplado por Espinosa. Há Kitty a amante de Joseph e com quem ele enganava a esposa Iva. Há o paternal irmão mais velho Amós, capitalista, protetor e que tenta, inutilmente, seduzir Joseph com dinheiro, etc. Joseph registra a sua recusa apesar dos apelos de Iva, a que aceitasse a ajuda oferecida pelo irmão mais velho. O protagonista enfatiza orgulhoso, de sua recusa a Amós. E se vale de sua condição magoada para comprometer o leitor. Antes a carência financeira que a “venda da alma” ao irmão ou ser tratado como sujeito impotente e despersonalizado, ainda mais, diante de Iva, sua esposa. Joseph reage com o prazer pela sua autoafirmação ao recusar a proteção de Amós.. Ele afronta o irmão, demonstra ter “personalidade” e registra ter abandonado o Partido, mas não suas ideias. Tanto que logo a seguir ele se casa com Iva, uma simples bibliotecária filha de pais suburbanos.

¹³⁰ “Mr. Vanaker [...] is a queer annoying creature [...] partly alcoholic, partly nervous I have lived in rooming houses so long that I have acquired an eye for the type. Years ago, on Dochester Avenue, there was an [...] And there was another in Schiller Street in whose washbasin you could always hear the water running. That was his manner of making himself known to us.” (DM, p. 16-17).

O prazer resultante da autoafirmação masculina, principalmente por causa de Iva, aflora num evidente viés *espinosista* onde que; *“o vencedor se glorifique mais por ter triunfado sobre seu rival que por haver obtido qualquer vantagem para si mesmo”*. Neste sentido, Joseph registra:

Amós, meu irmão doze anos mais velho, é um homem rico. Ele começou a carreira como mensageiro na Bolsa de Valores. Antes de completar vinte cinco anos, já era um membro titular do corpo, com direito à sua própria mesa [...]. Ele passou mal quando soube que eu me tornei um radical de esquerda e, apenas sentiu alívio depois de certificar-se que eu havia desistido. Ele ficou desapontado quando eu me casei com Iva. Dolly, a sua esposa, tem pai rico. [...] Ficou mais desapontado ainda quando, em vez de eu aceitar o posto por ele oferecido em seus negócios, eu tornei-me o que, a seu ver, parecia ser um empregadinho capacho da Interamericana. Ele me chamou de idiota. (DM, p. 59) ¹³¹.

9. 6. 5. Joseph e os *“Napoleões: Que não precisam estar conscientes do mundo ao seu redor”*

Joseph transfere algo que já nos foi esclarecido por Hannah Arendt sob a *“enganosa fachada de normalidade”*, quando afirma que *“por ausência de fanatismo e de extremismo [...] as pessoas não precisam estar conscientes do mundo que as rodeia”*. Arendt conclui contemplando a aparência ilusória da *“boa vida”*, tal como as promessas *mefistofélicas* que sempre nos são persuasivamente oferecidas como salvação pata o sofrimento relativo às crises de abstinência. Na maior parte das vezes, a falta do objeto de desejo também é manipulada. Ela cita que: *“A boa vida surge pela dominação da*

¹³¹ “My brother Amos, who is my senior by twelve years, is a wealthy man. He began his career as a messenger on the Exchange and before he was twenty-five had become a member of the body, with a seat of his own [...]. He was hurt when I become a radical; relieved when he assured himself I was one no longer. He was disappointed when I married Iva. His own wife, Dolly, had a rich father. [...] He was even more disappointed when, instead of accepting the position he offered me in his business. I took what to him seemed a menial job at Inter American. He called me a fool.” (DM, p. 59).

carência pelos que coagem os homens e ao mesmo tempo, os mantém sob o seu poder”¹³² (ARENDT, 1972, p. 137 e 159)¹³³.

Joseph aborda os comprometimentos *mefistofélicos* como os de Fausto de Goethe entre outros. O protagonista descreve personagens entre reações impensadas. Eles espelham posturas comuns de tipos notáveis da história. Dos seduzidos entre caprichos, desejos, raiva, frustração, perversões e pequenas vinganças. Ele mesmo sugere-se enquanto um sobrevivente sob uma condição autoritária e com a predominância da sensibilidade compulsiva sobre a razão. Embora, ele mesmo, vez por outra manifeste tais arbitrariedades em si mesmo e sem perceber.

O autor e todos seus protagonistas fizeram ressalvas às interpretações absolutas ou parciais sobre homens ou organizações, às quais se justificam como normas, dogmas, limites, muros, grades, fronteiras, preconceitos, condições servis e éticas excludentes. Tal fato é relevante à memória europeia seja a partir dos personagens de Dostoiévski, seja da literatura hebraica ou a de língua ídiche de Scholem Aleichem, ambas familiares à Bellow. Ele as nomeava como *“reminiscências”* (*“remains”*); lembranças da Europa oriental. Ali, de tempos em tempos ou de *geração em geração*, uns poucos sempre tentaram impor autoritariamente suas interpretações particulares, todavia segundo Bellow, contestáveis (falsas e pretensas) verdades antes relativas aos reveses históricos.

Ele sugere os dilemas modernos sob o viés das irrevogáveis ilusões de proteção de fundo, disfarçadamente, moral ou paternal. Ele as tinha por objetos viciosos, com a finalidade de entorpecer, de submeter e dominar. O

¹³² Consta que nos anos 1960-70 Hannah Arendt mantinha intensos contatos com o autor e era frequentadora habitual do apartamento do casal Bellow. Além de amiga pessoal Hannah sabe-se, através dos biógrafos de Bellow, que ela era adepta de muitas das ideias do autor e sobre as quais dialogavam. Curiosamente, muitas das abordagens filosóficas da autora de *Entre o Passado e o Futuro* também fazem parte do contexto narrativo de Bellow.

¹³³ Cf. ARENDT, Hannah, **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

nazismo alemão foi um bom exemplo, de horror entre os tantos, relativo aos servidores de “*uma máquina moderna*” ou enquanto “*soldados da Revolução*”. Tipos como tal, insurgem influenciados por afirmações visionárias, entretanto, vêm sempre combinados com uma enganosa visão pessimista da realidade.

Em *DM*, há o funcionário-burocrata, o tipo especialista em traição com traços do protagonista de Dostoiévski em *Memórias do Subsolo*. Ele mesmo, Joseph, assim como o herói burocrata de Dostoiévski, também ironiza e, igualmente ou entre as suas próprias mágoas, a condição dos que dispõem do “*privilégio de usar o chicote*” e o protagonista completa:

Mentes brilhantes, mulheres maravilhosas, grandes amantes e criminosos memoráveis fecham um círculo em nossa volta. Da grande tristeza e desespero de protagonistas como Werthers e Don Juans, passamos às imagens dos grandes Napoleões. E, destas, às dos assassinos crentes no próprio direito sobre suas vítimas porque se achavam superiores e melhores do que elas. Mais adiante, surgem as dos que se julgavam donos do privilégio de se aproximar dos outros com um chicote. E, a seguir, vêm as imagens dos jovens estudantes e as dos funcionários-burocratas que rugiam como leões revolucionários. Seguem-se as dos delatores e criaturas subterrâneas que discutiam nas cafeterias à meia-noite, ávidos em ser os maiores na traição para agarrar a garganta dos que eles sentiam estar, ingenuamente, sólidos e bem nos laços de sua morbidez. Do outro lado, afloram os sonhos e sombras grandemente lindas [...]. Por causa dessas coisas odiamos imoderadamente e vivemos nos culpando e castigando a nós mesmos e aos outros. Todavia, enlouquecemos. Então, o medo se adensa em nós como uma nuvem. E produz uma espessa atmosfera de escuridão interior. Ocasionalmente, há uma tempestade e uma chuva de ódio e mágoa despenca de nós. (*DM*, p. 89) ¹³⁴.

¹³⁴ “*Great minds, great beauties, great lovers and criminals surround us. From the great sadness and desperation of Werthers and Don Juans we went to the great ruling images of Napoleons; from these to murderers who had that wrights over victims because they were greater than the victim to men who felt privileged to approach others with a whip; to schoolboys and clerks who roared like revolutionary lions; to those pimps and subway creatures, debaters in midnight cafeterias who*

A abstinência quanto à realização dos sonhos, envolvidos por sombras, equivale a uma falta desesperada. Bellow simboliza tal carência sob o viés das falsas compensações ou engodos com objetos falsificados. Assim como muitos dos objetos de consumo da vida moderna se a incompletude humana resulta de carência, isso nos remete novamente ao pensamento de Espinosa, para quem a incompletude, na verdade, inexistente. Para o filósofo, a carência era apenas um lapso de visão, pois sendo a Natureza uma unidade, sendo que o possível são os defeitos da nossa percepção ou defeitos do nosso intelecto perante a indivisibilidade do Eterno. Ou seja, não há sonhos impossíveis, mas a crença nos engodos *“dos que coagem os homens”*. Engodos tais, com aparência de compensações *mefistofélicas* do tipo *‘gato por lebre’*. Tais ilusões de ótica nos remetem *“ao jorro de mágoa e ódio”* de Édipo de Sófocles, quando do trágico desanuviar da verdade.

9. 7. Espinosa enfatiza os sentimentos de temor e esperança

Neste sentido, Espinosa esclarece que: *“Aquele inspirado por temor ou que se ligou por favor e, de tal maneira, que queria agradar mais ao outro que a si mesmo”, ou vive segundo “o desejo do seu senhor mais do que consoante com o seu próprio”, não domina o próprio desejo, “enquanto duram o temor e a esperança”*. Espinosa completa que: *“Se estes sentimentos vêm a desaparecer, aquele de que se era senhor torna-se seu próprio senhor”*. (ESPINOSA, cap. 2, art. 10)¹³⁵.

9. 7. 1. De Espinosa ao combate às emoções e à perspectiva dos sentimentos inescapáveis

Bellow fala a partir de fatos simples e, ao mesmo tempo, extraordinários.

believed great in treachery and catch the throats of those they felt were sound and well in the lassos of their morbidity; to dreams of greatly beautiful shadows embracing on a flawless screen. [...] Because of these things, we hate immoderately and punish ourselves and one another immoderately. The fear of lagging pursues and maddens us. Fear lies in us like a cloud. It makes an inner climate of darkness. And occasionally there is a storm and hate wounding rain out of us.” (DM, p. 89).

¹³⁵ ESPINOSA, Baruch de. **Tratado Político**, cap. II, art. 10. Op.Cit.

Observa, ironicamente, as bem vestidas parcialidades duvidosas. Transcende a sua própria história familiar e europeia e expõe o lado da alienação pelo desencantamento com a autoridade. Ele jamais se opôs ao passado, mas se contrapôs às exclusões racistas, aos preconceitos, ao viés doutrinário das ideologias, principalmente as que, então, se valiam de exemplos expiatórios ditados pelo viés mecanicista. Ele recusou-se ao risco de um novo naufrágio em perspectivas paternalistas, a exemplo da alienante manipulação das instituições modernas, o que culminou no gigantismo totalitário de Hitler. Aliás, o seu protagonista '*involuntariamente inoportuno*' é, pois, um desajeitado profeta moderno, porta-voz ao acaso das incompletudes humanas.

Os sentimentos de "*temor e esperança*" espelhados do legado de Espinosa revelam-se inerentes às impossibilidades humanas. Apontam a falsificação da esperança sob os incontáveis engodos ideológicos e piedosos, ou sob as ameaças de cunho paternalista ao longo da história. Mas, ambos os sentimentos são inescapáveis, humanos e irreprimíveis por qualquer dogma.

Bellow ironiza em sua fábula de solidão e civilidade, que o despertar da história para o mito equivale ao escape do pesadelo para uma penosa e permanente insônia. A narrativa revela-se antagônica a todos os que combatem as emoções como se estas fossem vícios. Para Bellow, as emoções eram pontos de partida para o discernimento, para o resgate da liberdade, que o autor expressa na relação de cada um de seus protagonistas em seus respectivos momentos históricos. Bellow criticou em diversos textos seus de não ficção, a exemplo de em *Where Do We Go From Here* a postura de intelectuais que se deixam levar pelo didatismo descendente de doutrinas, em vez da citada "*ética*" e, portanto, funda-se em preceitos obscuros, vulgares ou chavões preconceituosos.

9. 7. 2. Joseph e a manipulação da alma alienada de si mesma

Tal qual Espinosa, o autor projeta-se a partir das emoções humanas. Mas as têm em livre expressão pela diversidade de contextualizações e re-contextualizações. Jamais sugere emoções, tais como o amor, o ódio, a cólera, a inveja, o orgulho, a piedade e outras inclinações da alma como vícios, mas como propriedades da natureza humana. Em outras palavras, o

orgulho não vale mais que a humildade no cômputo da Natureza.

9. 8. O judaico a partir de Espinosa

9. 8. 1. “*Razão e paixões*” são indissociáveis desde o primeiro homem

Assim como os seus protagonistas factíveis, oscilantes e involuntariamente inoportunos. Melhor repetir o dito do filósofo sobre a indivisibilidade da “*razão e das paixões*”, ambas igualmente inseridas na Natureza que, em essência, a humanidade incorpora. Portanto, O “*homem*” que Joseph anseia ser, também espelha a simplicidade do pensamento de Espinosa, sobre o humanismo ético, segundo o que:

Os homens não são mais conduzidos pelo desejo cego que pela razão e, por conseguinte, a capacidade natural dos homens, isto é, o seu direito natural, deve ser definido não pela razão, mas por toda a vontade que os determina agir e através da qual se esforçam por se conservar. [...] Quer seja sábio ou insensato, o homem é sempre parte na natureza.

10. CONCLUSÃO

10. 1. Do Judaico: Pela vida ou pelo inédito

10. 1. 1. Do arquétipo da primogenitura usurpada por Jacob ao reivindicado “Sentido de Destino Pessoal” por Joseph, apesar da “avidez”

Joseph vê-se entre os dois campos e considera a parcialidade de suas verdades, dos seus próprios limites, os quais, que ele não compreende como seus, mas estão latentes em sua alma a partir da própria história. O personagem luta para determinar e talvez libertar o futuro além de, simplesmente, reagir sob algum contexto de mera tradução do passado, como um projeto de um “*Sentido de Destino Pessoal*”.

Bellow¹³⁶ realiza-se pesadamente na imagética bíblica tal qual o desafio dos patriarcas que mobilizam o protagonista ao resgate da bondade da *Bíblia Hebraica*, que ele vê como perdida naquele momento histórico. Joseph sugere ter burlado o legado ancestral como Jacob, na Bíblia, que desobedece e ilude teimosamente seu pai moribundo, o patriarca Isaac, e assume o lugar que seria, por direito, do irmão Esaú¹³⁷.

Joseph rompe com regras ancestrais ou patriarcais. No entanto, ele não rompe com o judaísmo, ao contrário, ele reflete, exemplarmente, o judaísmo, onde os fatos da vida são relevantes antes ao presente, como tal sempre

¹³⁶ Cf. Op.Cit. GOLDMAN, L. H. **Saul Bellow’s Moral Vision: A Critical Study of the Jewish Experience**, 1983 Conclusion, p. 225.

¹³⁷ A temática do arquétipo da vitória de Jacob sobre Esaú ou do intelecto sobre a brutalidade é primordial em *DM*. Ou seja, do inteligente acordo e complô entre o franzino Jacob e a mãe para, após a morte do pai e patriarca Isaac ocupar o lugar que, por direito de primogenitura, pertenceria ao irmão Esaú. Sabe-se que enquanto o último é caçador voraz e temido, até mesmo pela própria mãe, o vitorioso Jacob passa a maior parte do tempo junto das tendas e das mulheres. Isto sugere e transmite um endosso, não necessariamente relativo à esperteza de Jacob, mas à sensibilidade e à delicadeza dele como qualidades, aliás, tão inteligentes quanto de maior valor que o “*código do atleta*” de Esaú.

prioritário e que predomina sobre qualquer obsessão passada ou dogma. No judaísmo, a incorporação de novos hábitos, não cancela velhas tradições, mas, apenas assegura o direito à realização de novas alternativas institucionais. Não só rompe com sua memória do sectarismo religioso, como promove uma nova perspectiva ética. Ele rejeita as imposições inatas, herdadas da história familiar e europeia.

O elemento inato, em Joseph, revela-se, ironicamente, da sua memória às suas origens estrangeiras, de onde inicia um caminho próprio e independente das imposições circunstanciais. E esta é uma manifestação essencialmente judaica

A vida no presente está em primeiro lugar. Ele oscila entre altos e baixos, ora a partir de valores intelectuais e sensíveis, ora àqueles nem sempre naturais, mas sedutores, embora ilusórios, persuasivos, perigosos tentadores, mas necessários apelos do mundo exterior. Portanto, ele tem a habilidade de, pouco a pouco, ultrapassar os obstáculos que o desafiam ou impedem o seu empenho a partir da consciência sensível, de seus valores morais, de suas ações na práxis, e do sentido pela livre determinação do seu próprio destino.

Bellow acreditava *“no que vale a pena do caleidoscópio de experiências e encontros partilhados durante a vida”*. Cita que ele priorizava a manifestação do princípio judaico em nome da vida, inerente à sua formação de infância. Por outro lado, o crítico sugere que o autor recriou a partir da memória do seu próprio universo imaginativo, por ações pessoais e intelectuais, em busca de alternativas de aperfeiçoamento da natureza humana em relação à história civilizada.

Podemos concluir que esta sua obra reflete uma literatura otimista, afirmativa e inerente às possibilidades morais, mas, não a quaisquer crenças obscuras. Bellow projeta em Joseph uma intenção de realização de várias ações inovadoras, seja através da arte, seja por uma nova “gênese” universal e humana. Ele ocupa um espaço onde cria e eleva pontes sobre abismos até então presentes na história da literatura, principalmente, europeia, todavia perdida nas dimensões do caos. Tem a habilidade de, pouco a pouco, ultrapassar os obstáculos que o desafiam ou impedem o seu empenho a partir da consciência sensível, de seus valores morais, de suas ações na práxis, e

do sentido pela livre determinação do seu próprio destino.

Tal sensibilidade surge contextualizada em *DM*. A questão da influência da história no curso do destino do personagem vem à tona da educação religiosa, estampada na foto amarelada do falecido avô de Joseph, nas recordações de infância, nas mudanças, nos rompimentos.

10. 1. 2. Espelhando a morte: A foto amarelada do avô

O herói de *Dangling Man* registra o momento em que, quando menino, sua tia Dina o leva para cortar cabelo, que ao que tudo indica, antes do corte, estava conforme o costume, segundo os moldes judaicos e ortodoxos. O corte, Joseph sugere que representou um rompimento com modelos do passado pela adoção do modo de vida americano da época. Joseph enfatiza no diário o choro da sua falecida mãe quando ela, ainda viva, viu o seu corte aos nove anos, “*a moda Buster Brown*”. O retrato amarelado do avô espelha o destino mortal e inescapável. Para Joseph não havia como escapar da consciência pela vida ou que um dia ele também iria morrer. Ali estavam os cachos que tia Dina devolvera à sua mãe e que ela “*aos prantos*” os guardou antes de morrer “*no envelope, na gaveta da cômoda*” ao lado “*da foto amarelada do avô*”. O protagonista registra:

Era uma fotografia do meu avô, pai de minha mãe, feita pouco antes dele morrer Mostrava-o sustentando sua cabeça sobre um punho fechado e murcho, sua barba esvoaçante, sulfurosa, olhos fixos e uma roupa parecendo uma mortalha. [...]. Estudando o retrato, ocorreu-me que um dia, o crânio do meu avô, com o tempo, tomaria conta de mim, com cachos, Buster Brown e tudo. Mais tarde cheguei a acreditar [...] que a fotografia era uma prova da minha mortalidade. Eu estava ereto sobre os ossos do meu avô e sobre os ossos daqueles que o antecederam, num empréstimo temporário [...], até que meus próprios punhos murchassem e os meus olhos se fixassem num ponto qualquer. Era um pensamento sombrio, mas não assustador. E tinha um efeito sobre a minha vaidade.

(DM, 75 -76)¹³⁸.

Joseph projeta uma visão de mundo do autor em relação às alternativas de engajamento na sociedade americana dos anos 1940. Tal qual Jacob rompeu com a tradição (quase um dogma) da primogenitura, Bellow contesta a preponderância do “*Fatherland*”, das regras dos antepassados, à inflexibilidade em relação ao novo, à mudança, ao paternalismo piedoso ou da ética espiritual e autoritária, “*dos mortos que matam os vivos*”, nas palavras de Ortega y Gasset.

10. 2. Daqueles que antecederam ao afã pela compreensão do inescapável

10. 2. 1. Dos dois amores de sempre à imprescindível dimensão que falta ser amada

No fim da narrativa, subitamente, Joseph entra numa junta de alistamento e pede que o convoquem. Dois dias após ele tem o seu pedido deferido. O fim da espera revela não só o problema burocrático, mas a sua rigidez pela acomodação. A relação persuasiva da mulher aparece incorporada ao íntimo do personagem como um mito da formação infantil. de Eva à Iva, como Adão, Joseph ensaja “*abrir os olhos*”, para mudar e poder acordar para o mundo.

Iva o mantém com o seu salário. Não exige que ele busque trabalho, aliás, logo no início da narrativa, Joseph registra no diário a fala de Iva dizendo-lhe para que “*aproveite o tempo livre para fazer todas as coisas gostosas que não poderá fazer no exército*”. Iva estimula em Joseph uma reação inconsciente contra a disciplina militar; para que ele se habitue a uma vida desregrada,

¹³⁸ “*It was a study of my grandfather, my mother’s father, made shortly before his death. It showed him supporting his head in a withered fist, his streaming beard yellow, sulfurous, his eyes staring and his clothing shroud like. [...] Studying the picture, it occurred to me that this skull of my grandfather’s would in time overtake me, curls, Buster Brown, and all. Still later, I came to that the picture was a proof of my mortality. I was upright on my grandfather’s bones and the bones of those before him in a temporary loan. [...] till my own fists withered and my eyes stared. This was a somber but not frightening thought. And it had a corrective effect on my vanity*”. (DM, p 75-76).

oscilante, acomodado, desempregado. Iva colabora para que ele mantenha um desequilíbrio social, e que ele dependa, exclusivamente dela. Em outras palavras, Iva, segundo Joseph no fim, o tem em suas mãos. Ela não precisa sentir ciúme de suas horas no emprego. Apoia o seu desemprego, estimula, persuasivamente e de modo sutil, o cultivo dele por hábitos indisciplinados. Joseph fica dividido entre o amor a Iva e o amor ao que considera imprescindível.

No último parágrafo Joseph comemora o seu engajamento como um resgate de consciência. Por outro lado se ressentido oscilante em seu movimento pendular, em suspense e afastando-o de Iva. É como se ele não pudesse dispor dos dois amores os quais considera imprescindíveis e, ao mesmo tempo, conforme Ortega y Gasset comenta:

O amor nos liga às coisas ainda que passageiramente. Quando amamos uma mulher sentimos como quando amamos a ciência ou a pátria? Amamos algo imprescindível que consideramos parte de nós mesmos. [...] O amor é uma ampliação da nossa individualidade. (*Meditaciones del Quijote*, p.13. Op.Cit.).

O afã da compreensão, a busca de segurança, de verdade e justiça é transcendental ao questionamento de Joseph sobre a verdade em Iva. No último parágrafo, no início da primavera de 1943, Joseph registra:

9 de abril. Este é o meu último dia como civil. Iva arrumou minhas coisas. É certo que ela gostaria de ver um pouco mais de tristeza em minha face por estar indo para longe dela. Por ela, eu gostaria de demonstrar algo. Eu me compadeço por deixá-la só, mas, ao mesmo tempo, não sinto nem um pouco de pena em separar-me do resto. Não preciso mais pensar em mim mesmo. E sou grato por isso. Estou em outras mãos, privado da autodeterminação e com liberdade cancelada. Viva a rotina! Viva a supervisão do espírito! Vida longa ao

engajamento! (DM, p. 191) ¹³⁹.

A questão do amor é essencial na obra de Bellow. Os seus heróis são perdidamente apaixonados. A sujeira do mundo, as circunstâncias ameaçadoras desaparecem diante dos pequenos detalhes. O que interessa não é a pompa, mas aquilo que talvez ninguém valorize. Objetos tão desprezíveis!

Dangling Man é apenas o início de uma perspectiva de busca e depuração. Não de rígida exclusão do que é ruim ou maligno, mas de ênfase ao desprezível, tão pequeno quanto flexível. Enquanto o mundo todo se debatia em raiva, vingança, violência, o herói de Bellow buscava um pequeno detalhe.

10. 2. 2. A descoberta da verdadeira aventura

O herói aventura-se pela disputa da sua imprescindível quintessência de amor. Ortega y Gasset contempla que: “a verdadeira aventura quebra como um cristal a opressão da realidade. É o imprevisto, o impensado, o novo [...] é o nascer do mundo, como um parto, é um processo único” (p. 94, Op.Cit.) e vale relembrar; “até o murchar dos punhos e que os olhos se fixem num ponto qualquer”.

O septuagenário Sr. Sammler, protagonista de *O Planeta do Sr. Sammler* (BELLOW. 1967), não percebe a sua velhice, mas somente os pequenos objetos imprescindíveis que o cercam. Cada romance de Bellow é como se ele pusesse um parágrafo de *Dangling Man* ao microscópio e descobrisse ali um novo mundo, uma nova quintessência de verdade e dali escrevesse um novo romance. Já que as coisas se fazem velhas quando o herói enrijece e desiste de movimentar-se entre suas transações íntimas, seus ganhos e perdas, entre seus dois amores de sempre, e sempre impossíveis ao mesmo

¹³⁹ April, 9. This is my last civilian day. Iva has packed my things. It is plain that she would like to see me show a little more grief at leaving. For her sake, I would like to. And I am sorry to leave her, but not all sorry to part with the rest of it. I am no longer to be held accountable for myself; I am grateful for that. I am in other hands, relieved of self-determination, freedom canceled. Hurray for regular hours! And for the supervision of the spirit! Long Live regimentation! (DM, p. 191).

tempo.

O processo narrativo de Bellow reinventa um novo modo gestual que nunca se rende prisioneiro da matéria. É transcendental à sua época porque anula as circunstâncias. E, se volta ao princípio; à gênese original da história dentro da inércia da época, da incompletude do destino, onde a questão da sensibilidade através do amor impele seus heróis a uma disputa com um fracasso. Há sempre uma dimensão imprescindível faltando para ser amada, assim, como Joseph abandona Iva pelo exército e Iva fica faltando em sua vida. O movimento opõe-se à rigidez, ao dogmatismo, aos freios e são as carências, os fracassos do seu herói que fazem jorrar a fonte da eterna juventude através da história.

BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

ARISTÓTELES [384-322 AEC]. **A Política**. Tradução de Silveira Chaves. São Paulo: Atena Editora, 1944.

ATLAS, James. **Bellow: A Biography**. New York: Modern Library Paperback Edition/Randon House Inc. 2000.

BELLOW, Saul. **Dangling Man** [1944]. New York: Penguin Books, 1996.

BELLOW, Saul. **Por Um Fio**. Tradução de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1967.

BELLOW, Saul. **Herzog** [1964]. Tradução de Sílvia Rangel. São Paulo: Edições Símbolo, 1977.

BELLOW, Saul. The Jefferson Lectures [1977]. In____. **It All Adds Up**. New York: Vicking-Penguin, 1994, p. 117-152.

BELLOW, Saul. **Jerusalém Ida e Volta** [1975]. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

BELLOW, Saul. **O Legado de Humboldt** [1976]. Tradução de Fernando PY, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977.

BELLOW, Saul. Nobel Lecture, disponível em: <http://www.nobel.se/literature/laureates/1976/bellow-lecture.html> acesso em: 19nov09.

BELLOW, Saul. **A Mágoa Mata Mais** [1987]. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1989.

BELLOW, Saul. **O Planeta do Sr. Sammler** [1967]. Tradução de Denise Wreuls. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

BELLOW, Saul. **Ravelstein** [2000]. Tradução de CASTRO, Lea Viveiros de. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

BELLOW, Saul. **A Vítima** [1947]. Tradução de Jaime S. Taddei. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1967.

BELLOW, Saul. Where Do We Go From Here: The Future of Fiction. In____. Irving MALIN, (ed. e org.). **Saul Bellow and the Critics**. New York: New York University Press and London: University of London Press Limited, 1967.

BRADBURY, Malcolm. Saul Bellow and Changing History [1978]. In____. Harold BLOOM (ed. e org.). **Saul Bellow**. New York: Chelsea House Publishers, 1986, p. 129-146.

BULMER, Martin. **The Chicago School of Sociology – Institution, Diversity and the Rise of Sociological Research**. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

CHASE, Richard. The Adventures of Saul Below. In____. Harold BLOOM, (ed. e org.). **Saul Bellow** [Modern Critical Views]. New York, New Haven and Philadelphia: Chelsea House Publishers, 1986.

COHEN, Sarah Blacher. **Saul Bellow's Enigmatic Laughter**. Urbana / Chicago / London: University of Illinois Press. 1974.

CONRAD, Joseph [1857-1924]. **O Negro do Narciso** [The Nigger of the Narcissus, London: 1897]. Tradução de Luzia Freitas Martins. Lisboa: Relógio D'Água Editores Ltda, 1987, prefácio, p. 7.

CRONIN, Gloria L.. An Introduction to Saul Bellow. Brigham Young University. 2002. In____. Saul Bellow Society and Journal — Home Page. Disponível em <<http://www.saulbellow.org>> (seção: Bellow's Life & Works) acesso em 18 nov de 2003.

DIDEROT, Denis [1713-1784]. **Le Neveu de Rameau**. Paris: Librio/Flammarion, 2002.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikhalovitch [1821-1881]. **Memórias do Subsolo** [1864]. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2003.

DUTTON, Robert R. [University of the Pacific]. The Subangelic Vision of Saul Bellow. In____. **Saul Bellow**, New York: Twayne Publishers, Inc, 1971.

ESPINOSA, Baruch de, [1632-1677]. Pensamentos Metafísicos [Originalmente publicado como 'Apêndice'. In____.Princípios da Filosofia Cartesiana, 1659]. In____.**Os Pensadores** (coleção). Tradução de Marilena Chauí. São Paulo; Abril Cultural, 1973.

ESPINOSA, Baruch de [1632-1677]. Tratado Político [1677.]In____. **Os Pensadores** [coleção]. Tradução de Manoel de Castro. São Paulo: Abril Cultural, 1973,

FREUD, Sigmund. Conferências Preliminares [1932-36]. In____. Jayme SALOMÃO (org). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XII**. Tradução de Oziron Carneiro Muniz. 2a ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu [1913-14]. In____. Jayme SALOMÃO (org). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XIII**. Tradução de Oziron Carneiro Muniz. 2a ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.

FREUD, Sigmund. Moisés e o Monoteísmo [1939]. In____. Jayme SALOMÃO (org). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XXIII**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. 2a ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.

FREUD, Sigmund. Esboço de Psicanálise [1938-40]. In____. Jayme SALOMÃO (org). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XXIII**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. 2a ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar Na **Civilização** [1929-30]. In____. Jayme SALOMÃO (org). **Os Pensadores** (Coleção). Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FREUD, Sigmund. O Futuro de Uma Ilusão [1927]. In____. Jayme SALOMÃO (org.). **Os Pensadores**. Tradução de José Otávio de Aguiar. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FUCHS, Daniel. **Saul Bellow: Vision and Revision**. North Caroline: Duke University Press. 1984.

FUCHS, DANIEL. Saul Bellow and Freud. In____. Gloria L. CRONIN e L. H. GOLDMAM (orgs.). **Saul Bellow In The 1980s**. East Lansing, Michigan: Michigan State University Press, 1989.

GOETHE J. W. **Os Anos de Sofrimento do Jovem Werther**. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre. L&PM, 2001.

GOETHE J. W. **Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister**. Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

GOLDMAN, L. H. **Dangling Man: Saul Bellow's Moral Vision: A Critical Study of Jewish Experience**. New York: Irving Publishers Inc, 1983.

HAWTHORNE, Nathaniel [1804-1864]. **O Fauno de Mármore** [15-dez-1859]. Tradução de Sônia Reis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

HEMINGWAY, Ernst. **O Sol Também se Levanta** [1926]. Tradução de Berenice Xavier. São Paulo, Abril Cultural, 1981.

HOBBS, Thomas [1588-1679]. **Leviatã** [1651]. Tradução Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2004.

JACOBI, Yolande. **Complexo, Arquétipo e Símbolo na Psicologia de Carl Gustav Jung**. Tradução de Malgit Martincic. São Paulo: Editora Cultrix, 1990. Prefácio de Carl Gustav Jung [1957].

JOYCE James. Os Mortos. In____. **Dublinenses**. Tradução de Hamilton Trevisan. Rio de Janeiro: O Globo, São Paulo: A Folha de São Paulo, 2003.

LOCKE, John [1632-1704]. Ensaio Acerca do Entendimento Humano [1690]. In _____. **Os Pensadores** (Coleção). Tradução de Anuar Aiex. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre Literatura**. Tradução de Leandro Konder. RJ: Editora Civilização Brasileira, 1965.

MANN, Thomas. **A Montanha Mágica**. Tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução de Lívio Xavier. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

MONTAIGNE, Michel de [1533-1592]. Ensaio [1580]. In____. **Os Pensadores** (Coleção). Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

MOURA, Maria Lacerda de. Apêndice da 8ª edição de Apologia de Sócrates de Platão [Out / 1960]. In____. G. D. LEONI e Paulo B. TEIXEIRA (ed. e org.). **Platão volume da Biblioteca Clássica**. São Paulo: Atena Editora, 1960, p. 87-116.

NEWMAN, Judie. Saul Bellow's Sixth Sense – The Sense of History [Canadian Review of American Studies 13, Spring 1982]. In____. Gloria L. CRONIN and L. H. GOLDMAN (ed. e org.). **Saul Bellow in the 1980s**. East Lansing, Michigan: Michigan State University, 1989.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zarathustra**. Tradução Alex Martins. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

ORTEGA y GASSET. José, **Meditaciones del Quijote** [1914]. Madrid: Revista de Occidente en Alianza Editorial, 1999, 6ª edición.

PLATÃO. Apologia de Sócrates. Tradução de Maria Lacerda de Moura (8ª ed.). In____. G. D. LEONI e Paulo B. TEIXEIRA (ed. e org.). **Platão volume da Biblioteca Clássica**. São Paulo: Atena Editora, 1960.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Eduardo Menezes. São Paulo: Livraria Expressão do Livro, 1966.

PLATÃO. Fédon. Tradução de Miguel Ruas (4ª ed.). In____. G. D. LEONI e Paulo B. TEIXEIRA (ed. e org.). **Platão volume da Biblioteca Clássica**. São Paulo: Atena Editora, 1960

QUINTANA, Mario. Dogma e Ritual (Poema, p. 118) e 5005618912 (Poema, p. 139). In____. **Prosa & Verso** (5ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Globo, 1987 (1ª ed. impressa em 1978).

ROTHSTEIN, Edward. Finding Grandeur in the Everyday. **The New York Times**, New York, 11 Out.2003. Connections.

ROTH, Philip. Re-reading Saul Bellow: A novelist's notes on half a century's achievement. In____. **The New Yorker**. New York, 9 out. 2000, p. 82-90.

ROVIT, Earl. **Saul Bellow**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1967.

ROVIT, Earl. Saul Bellow and the Concept of the Survivor [1978]. In____. Harold BLOOM (ed. e org.). **Saul Bellow**. New York: Chelsea House Publishers, 1986, p. 115-127.

SHAKESPEARE, William. **Medida por Medida** (Edição Bilingue). Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 1997.

SHAKESPEARE, William. **Rei Lear**. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2004.

SHAKESPEARE, William. **Vida e Morte do Rei João**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora Melhoramentos, 195?.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental [1902]. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. In____. Octávio Guilherme VELHO (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976, p. 11-25.

SÓFOCLES [496 AEC a 406 AEC]. **Édipo Rei**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1998.

STENDHAL (pseudônimo de Henry Beyle), Correspondance Tomo I, p. 36, Paris, [31 de dezembro de 1800.] <[http://fr.wikisource.org/wiki/Stendhal - Correspondance - Tome I](http://fr.wikisource.org/wiki/Stendhal_-_Correspondance_-_Tome_I)>. Acesso em 10 ago de 2009.

TAGNIN, Stella E. O. O Desafio de Traduzir as Metáforas de Saul Bellow. [USP / FFLCH / Dept° de Letras Modernas] _____. In BEREZIN, Rifka (Coord.) **Simpósio Cultura Oriental e Cultura Ocidental: Projeções - Programa BID / USP II Fase**. São Paulo: USP / FFLCH / Dept° de Letras Orientais, 1990, (volume produzido do evento) p. 551-558.

WARREN, Robert Penn. The Man With No Commitments. In____. Harold BLOOM, (ed. e org.). **Saul Bellow** [Modern Critical Views]. New York, New Haven and Philadelphia: Chelsea House Publishers, 1986.

WEBER, Max. O Estado Nacional e a Política Econômica [1895]. Tradução de Gabriel Cohn. In _____. Gabriel COHN (org.). **Weber: Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1979, p. 58-79.

WILSON, Edmond. Texto da contra-capá. In____. Saul BELLOW. **Dangling Man**. New York, Penguin Books, 1996.

WIRTH, Louis. **The Ghetto** [1928]. Chicago: The University of Chicago Press, 1962, p. 206.